

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

Artemis Barbosa Pacheco

Trajetórias docentes dos Terapeutas Ocupacionais no

Centro Universitário Metodista / IPA

(1980-2006)

Porto Alegre
2006

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P116c Pacheco, Ártemis Barbosa
Trajetórias docentes dos Terapeutas Ocupacionais
no Centro Universitário Metodista / IPA (1980-2006). –
Porto Alegre, 2006.
120 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade
de Educação, PUCRS.
Orientação: Profa. Dra. Maria Helena Câmara
Bastos.

1. Educação. 2. Terapia Ocupacional. 3. Prática
de Ensino. 4. Ensino Superior. 5. Identidades
Docentes. 6. Professores – Atuação Profissional.
Título.

CDD 371.102

Ficha elaborada pela bibliotecária Cíntia Borges Greff CRB 10/1437

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

ARTEMIS BARBOSA PACHECO

**TRAJETÓRIAS DOCENTES DOS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS DO
CENTRO UNIVERSITÁRIO METODISTA IPA**

Dissertação apresentada na Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Helena Câmara Bastos

Porto Alegre
2006

ARTEMIS BARBOSA PACHECO

**TRAJETÓRIAS DOCENTES DOS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS DO
CENTRO UNIVERSITÁRIO METODISTA IPA**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

*Ao meu pai que um dia desejou que fosse professora.
Ao meu marido, companheiro e parceiro
na aventura de uma longa vida conjugal,
cuja maior realização são nossas filhas,
desafiador sempre, e por isso cheguei aqui.
Às minhas filhas, que por serem professoras,
foram referências para minha decisão em trilhar
este caminho, e cujo apoio e ajuda foram fundamentais.
E ao meu genro pelo carinho e paciência.*

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

À Professora Maria Helena Câmara Bastos, que com competência e consideração, me recebeu como sua orientanda, mesmo sabendo da minha opção, a qual respeitou, mas com seu entusiasmo fez despertar em mim, o interesse pela pesquisa histórica em educação.

Ao Programa de Pós-graduação em Educação da PUCRS, que de forma democrática recebe profissionais de diversas áreas do conhecimento, que desejam construir uma interface com a Educação.

Aos familiares do Sul que respeitaram os momentos de dificuldades, que resultaram em algum distanciamento para poder me dedicar este estudo, mas que sempre me incentivaram de forma carinhosa.

Aos meus familiares do Rio de Janeiro, que tiveram que conviver com um tempo de pouca disponibilidade, de maiores ausências e de muita saudade. Mas foram solidários e souberam compreender a importância desse momento em minha vida.

Às minhas colegas terapeutas ocupacionais do Curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário IPA, que se dispuseram de forma irrestrita colaborar com esta pesquisa, e que ao ouvi-las pude ouvir a mim mesma.

Aos funcionários dos vários setores do Centro Universitário Metodista IPA, pela colaboração.

Aos amigos e colegas, que de forma muito afetiva, não pouparam incentivo e com suas amizades sustentaram meu desejo e o entusiasmo nesta caminhada. Quero ressaltar as companheiras de fé nessa trajetória, Carla, Cleusa e Maria Luiza, tornaram-na mais amena e até divertida. Nossas memórias estarão para sempre marcadas por esse tempo. Obrigado pelo carinho, parceria e amizade.

Aos colegas e professores do curso de Mestrado em Educação da PUCRS, que em várias ocasiões fizeram-me emocionar, contagiada pela responsabilidade e entusiasmo com que tratam as questões da Educação, dando a exata dimensão do comprometimento que devemos ter quando nos propomos a ser professores.

RESUMO

A pesquisa tem por tema as trajetórias docentes dos terapeutas ocupacionais do Centro Universitário Metodista - Instituto Porto Alegre. Tendo por objetivos: analisar os caminhos percorridos pelos terapeutas ocupacionais para se fazerem professores; identificar as semelhanças e as diferenças nas trajetórias individuais das terapeutas ocupacionais e a docência; analisar as confluências entre as identidades de terapeutas ocupacionais e de docentes. Possibilitando uma reflexão sobre o processo ensino-aprendizagem da Terapia Ocupacional. Realiza um breve resgate histórico da profissão, numa visão geral, no Brasil e, mais detalhadamente, no curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário Metodista IPA, de 1980 à 2006. É um estudo qualitativo-descritivo, desenvolvido dentro da metodologia de História de Vidas na modalidade história oral, com depoimento de doze terapeutas ocupacionais, professoras do curso. Os depoimentos são estudados a partir da análise textual discursiva, que utiliza o referencial teórico de Roque Moraes. Os autores referenciados no texto Paulo Freire, Philippe Pirrenoud, Marie Christine Josso, Stuart Hall, Marília Caniglia, Maria Luiza Emmel e outros. Os resultados apontam que foi possível construir uma articulação entre o crescimento da qualificação docente e o desenvolvimento do curso. Isto é, durante vinte e cinco anos de existência no Estado do Rio Grande do Sul, o curso de Terapia Ocupacional, se ajusta aos novos paradigmas do ensino superior, através das várias revisões realizadas no seu projeto pedagógico e no currículo, que exigem assim do grupo de docentes, freqüentes reflexões sobre sua prática. O que repercute significativamente no processo educativo e conseqüentemente na formação dos novos Terapeutas Ocupacionais.

Palavras chaves: Educação. Terapia Ocupacional. Atividades. Ensino-Aprendizagem. Identidade docente.

ABSTRACT

The present study is about the Occupational Therapists from Centro Universitário Metodista - Instituto Porto Alegre teaching trajectories. Its goals are: to analyse the pathways occupational therapists have gone through to become professors; to identify the similarities and the differences of the occupational therapists in their individual and teaching experiences allowing some considerable thought on the Occupational Therapy teaching-learning process. This work brings back a brief overview of the professional history in Brazil and particularly in the Occupational Therapy course of Centro Universitário Metodista IPA from 1980 to 2006. The qualitative-descriptive study is based on the oral history modality of the Life-History approach backed by twelve occupational therapists professors statements. Those statements are analyzed by the discursive textual method that uses Roque Moraes theoretic referencial. The authors mentioned in the text are Paulo Freire, Philippe Pirrenoud, Marie Christine Josso, Stuart Hall, Marília Caniglia, Maria Luiza Emmel and others. The results showed a possible connection between the improvement in teaching qualification and the course development. Meaning that during twenty five years of its existence in Rio Grande do Sul state, the Occupational Therapy course adjusts itself to the new graduation courses paradigms, through several revisions in its pedagogical project and in its curriculum, demanding from the professors continual thoughts on their teaching practice. It significantly reflects on the educational process and consequently on the upbringing of the new occupational therapists.

Keywords: Education. Occupational Therapy. Activities. Teaching-learning. Teaching identity.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Terapeutas Ocupacionais Docentes do Centro Universitário Metodista/IPA	27
QUADRO 2 – Números de vagas, matriculados e formados no transcorrer destes vinte e seis anos de existência	49
QUADRO 3 – Coordenadores do Curso de Terapia Ocupacional (1980-2006).....	49

LISTA DE SIGLAS

ART – Atividades e Recursos Terapêuticos

FRASCE – Fundação de Reabilitação e Assistência a Criança Excepcional

IPA – Instituto Porto Alegre

TO – Terapia Ocupacional

SÚMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
1 ITINERÁRIO DA PESQUISA	20
1.1 TEMA DA PESQUISA	20
1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	20
1.3 PROBLEMA DA PESQUISA	20
1.4 OBJETIVOS	20
1.5 FUNDAMENTAÇÃO	21
1.6 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	24
CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA TERAPIA OCUPACIONAL	34
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA TERAPIA OCUPACIONAL	35
2.1 A GENÊSE DA TERAPIA OCUPACIONAL	35
2.2 A HISTÓRIA DA TERAPIA OCUPACIONAL	42
2.3 O CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL NO IPA/RS (1980-2006)	47
CAPÍTULO 3 – OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELOS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS	63
3 OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELOS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS COMO DOCENTES DO CENTRO UNIVERSITÁRIO METODISTA/IPA (1980- 2006)	64
3.1 E ASSIM COMEÇOU A CAMINHADA RUMO À DOCÊNCIA	66
3.2 AS HISTÓRIAS PESSOAIS QUE AJUDARAM A CONSTRUIR ESTE CAMINHO	68

3.3 PRÁTICA DE TERAPEUTA OCUPACIONAL E A PRÁTICA DOCENTE:	
APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO	73
3.4 A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE E PROFISSIONAL	82
3.5 A FORMAÇÃO CONTINUADA E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE	87
3.6 A AÇÃO INSTITUCIONAL NA PRÁTICA DOCENTE	91
3.7 A AVALIAÇÃO DISCENTE E DOCENTE	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	110
APÊNDICES	116
ANEXOS	119

INTRODUÇÃO

Repensar e reformular-se
fez muitas mulheres saírem da sombra
para se afirmarem em trabalho, ciência e arte.
Lya Luft

Bem como isto começou? Nasci no Rio de Janeiro, onde ao completar o ginásio optei pelo curso Científico, prestei vestibular na área da saúde, mas não consegui ingressar na Universidade. Vieram anos de trabalho, o casamento e as duas filhas.

Um tempo depois de casada, prestei concurso público no então Estado da Guanabara, no cargo de auxiliar de disciplina. Minha atribuição principal seria fiscalizar o comportamento dos alunos e auxiliar à direção. Fui nomeada para trabalhar em uma escola freqüentada por crianças e jovens com necessidades especiais, estávamos em 1974.

A diretora desta escola especial, para fazer com que a equipe de trabalho compreendesse as dificuldades das pessoas ali atendidas, criou um grupo de estudos, onde eram vistos assuntos pertinentes à situação clínica e escolar de cada aluno. Participava destes encontros com entusiasmo, pois, ainda alimentava o sonho de vir a trabalhar na área da saúde. Hoje, os assuntos ali estudados, tornaram-se obrigatórios na minha rotina de trabalho.

Fui questionada pela diretora sobre o interesse em ser professora e trabalhar com crianças com necessidades educativas especiais. Respondi-lhe que o desejo era fazer atendimento clínico. Então me sugeriu cursar Terapia Ocupacional (TO), e assim descobri minha profissão, pois também ministrava aulas na Faculdade de Terapia Ocupacional, curso vinculado à Fundação de Reabilitação e Assistência a Criança Excepcional (FRASCE, RJ).

Iniciei o Curso de Terapia Ocupacional, no Rio de Janeiro, em 1981. Devido a uma necessidade de serviço do meu marido, viemos transferidos para Porto Alegre, tendo que reiniciar meus estudos no então Instituto Porto Alegre (IPA), concluído em 1986.

Durante mais ou menos treze anos dediquei-me somente ao estudo e ao atendimento clínico de bebês, crianças e adolescentes, portadores de distúrbios de desenvolvimento, causados por doenças neurológicas ou síndromes.

Em abril de 1999, recebi o convite por parte da coordenadora do curso de Terapia Ocupacional da Rede Metodista de Educação – IPA (Instituto Porto Alegre), para participar de um edital de seleção para professor, pois precisavam de um profissional com experiência na área dos distúrbios do desenvolvimento.

Seria mais um grande desafio, porém, dentre tantos que enfrentei, parecia o mais fascinante. Pensei em tudo que até ali havia vivido em termos profissionais, já eram muitas as experiências e quem sabe a hora de compartilhá-las com quem estivesse buscando a formação em Terapia Ocupacional. Resolvi me submeter à seleção, conquistando a vaga.

Mesmo tendo trabalhado todo o tempo em clínica, nunca estive totalmente afastada da questão do ensino, fosse pelo que precisava saber para acompanhar meus pacientes no processo de inclusão escolar, fosse pela própria vivência como aluna que continuo a ser, considerando que a vida é um contínuo aprender. Por isso, pensava que o processo ensino aprendizagem poderia ser diferente, mais interativo e crítico. Não queria repetir o modelo que recebi, acreditando que “ensinar não é transferir conhecimento”, escreveu Paulo Freire (1996, p 47).

Desde que iniciei esta trajetória tenho me interrogado de como me fazer professora. Comecei a ficar inquieta com o ofício de mestre (Arroyo, 2000), até construir o desejo de agregar à formação de terapeuta ocupacional a de professor.

Na área da saúde, mais precisamente na clínica, também se estabelece uma relação atravessada pela ação de ensinar e aprender. Esta interação tem um cunho pedagógico, e, algumas vezes, a ação é recíproca, pois na Terapia Ocupacional assim como na Docência é necessário saber ouvir, dar espaço ao paciente ou ao aluno, e até mesmo aprender com ele, por que não? Freire já destacou que “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa” (1996, p 23).

Em sala de aula, algumas vezes, procedo como no *setting terapêutico* e pergunto quem está diante de mim? Que sujeito é esse que vem buscar uma formação e qual o meu papel neste momento em sua vida ? Castro nos diz que na Terapia Ocupacional, “as atividades possibilitam a cada um ‘ser reconhecido e se reconhecer por outros afazeres’, elas permitem conhecer a história de vida dos sujeitos” (2001,p 49).

Pensando em quem formo, reflito sobre o desempenho do professor técnico, aquele que não tem formação pedagógica e que se preocupa exclusivamente em repassar conteúdos, fazer com que os acadêmicos conheçam fundamentos da profissão, objetos de trabalho, recursos terapêuticos, entre outros, e que entendam como as doenças se manifestam.

Para poder fugir deste modelo e fazer uma docência mais segura, busquei uma maior qualificação na formação continuada, procurando refletir como nós terapeutas ocupacionais nos tornamos docentes.

O projeto consistiu em levantar a trajetória histórica do Curso de Terapia Ocupacional no IPA, para compreender que critérios foram utilizados para a seleção do corpo docente do curso e analisar os caminhos trilhados pelos terapeutas ocupacionais para se fazerem professores. Saber quais e como as repercussões dos cursos de pós-graduação ou as experiências profissionais vividas refletiram nas suas práticas docentes. Desta forma, também serei sujeito e objeto da pesquisa.

Quando me lancei ao desafio de pesquisar meu grupo de trabalho não foi uma decisão muito fácil por vários aspectos. Um deles, era a incerteza sobre a disponibilidade de todos os colegas em participar e como se colocariam diante da

proposta de falar de si e de seu trabalho. Outro, a questão do rigor na interpretação e análise dos dados, impossível não encharcar-se, se “impregnar” (Moraes, 2003) com os depoimentos.

Outro fator que subsidiou esta investigação do nosso fazer docente é que nas avaliações dos professores feitas pelos alunos aparecem críticas sobre o desempenho dos mesmos em sala de aula, principalmente quanto à didática e ao uso dos recursos metodológicos, embora seja reconhecido um significativo saber sobre terapia ocupacional, pelos acadêmicos. Para Grillo e Mattei, “A posse do saber não garante competência para ensinar, que é mais do que conhecimento do conteúdo objeto do ensino” (2003, p 1).

Reflito ainda sobre o nosso discurso tão atualizado sobre a interdisciplinaridade e assinalo que a estrutura do nosso currículo possibilita uma articulação, mas que não conseguimos exercitá-la. Nossa prática pedagógica é dissociada, o que é percebido pelos nossos alunos, que reivindicam uma maior aproximação entre as disciplinas. Embora tenhamos uma proposta pedagógica para o curso de Terapia Ocupacional, não conseguimos desenvolvê-la a contento.

A questão é que somos competentes terapeutas ocupacionais e profissionalizamos nossos alunos. Porém, como o fazemos? Como programamos nossas aulas? Como utilizamos os recursos metodológicos? E que resultado alcançamos? Em que princípios ou fundamentos nos apoiamos para procedermos às avaliações dos conteúdos ministrados. Será que a nossa avaliação afere o quanto nossos alunos aprenderam? Será que eles construíram conhecimento para fazer frente às demandas da profissão? E a didática que utilizamos é suficientemente estimuladora para que os alunos se interessem em aprender e produzam com qualidade?

Faço estas interrogações não para avaliarmos apenas a qualidade do que fazemos, mas também pergunto a respeito do nosso saber pedagógico. Não nos formamos professores e sim profissionais da área da Saúde, ainda assim estamos no papel de professores e isto requer um conhecimento específico. Para Pérez

Gomes, “o conhecimento profissional do docente é um conhecimento especializado sempre provisório, parcial e emergente” (2000, p 191).

Os resultados da pesquisa se definiram em uma significativa contribuição para a comunidade, integrando os dois campos de conhecimento: Educação e Terapia Ocupacional, uma vez que o fazer de ambos compartilham o processo ensino-aprendizagem, além do uso de materiais e atividades, que tanto podem ser pedagógicas quanto terapêuticas.

Tenho consciência de que não é tarefa fácil interrogar sobre meu espaço de trabalho, o próprio fazer, mas penso que existe referencial teórico suficiente que possa sustentar não só este desejo, mas também a produção deste trabalho, o qual tem um cunho científico significativo e pode servir de referencial para outros cursos de Terapia Ocupacional e outras áreas técnicas.

Este texto foi construído com algum sofrimento, isto por falta do hábito de escrever com tamanha intensidade, mas há também a satisfação de ter realizado um estudo que está composto, inicialmente pela apresentação da pesquisa, na seqüência a gênese da Terapia Ocupacional e a seguir um percurso histórico da Terapia Ocupacional no Brasil e no Rio Grande do Sul que se funde com a própria história do curso de Terapia Ocupacional no Centro Universitário Metodista. Continuando apresento Os caminhos percorridos pelos Terapeutas Ocupacionais como docentes do mesmo Centro e as considerações finais.

CAPÍTULO 1 PROCEDIMIENTOS METODOLÓGICOS

1. ITINERÁRIOS DA PESQUISA

1.1 TEMA DA PESQUISA

As trajetórias docentes dos terapeutas ocupacionais no Centro Universitário Metodista IPA

1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Analisar a significância das experiências pessoais e dos recursos teóricos-metodológicos que interferem na formação da identidade dos professores de Terapia Ocupacional, que integram o curso de Terapia Ocupacional IPA. Como construíram sua trajetória para se fazer docente?

1.3 PROBLEMA DA PESQUISA

Qual o caminho percorrido pelos terapeutas ocupacionais para se fazerem professoras, e qual o significado desta trajetória no seu fazer docente?

1.4 OBJETIVOS

- ◆ Analisar os caminhos trilhados pelos terapeutas ocupacionais, para se fazerem professores;

- ◆ Identificar as recorrências e as diferenças nas trajetórias individuais das terapeutas ocupacionais para serem docentes;

♦ Analisar as confluências entre as identidades de terapeutas ocupacionais e de docentes.

1.5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Embora tenha a certeza de que o caminho da fundamentação teórica só se definirá no transcorrer do processo de análise dos dados colhidos, pressuponho que alguns referenciais estarão presentes.

A formação continuada é uma questão relevante no meu estudo, uma vez que, como profissional da saúde, o terapeuta ocupacional (TO) deve continuar aprofundando e atualizando o seu conhecimento para ter um desempenho que seja satisfatório. Toldrá nos diz que:

A formação do terapeuta ocupacional é um processo contínuo que ocorre durante toda a vida profissional...A prática profissional exige um exercício entre o pensar e o fazer, um repensar a prática profissional por meio de um instrumental teórico...(2003,p 50,51)

Quando este profissional assume a responsabilidade com a formação de novos terapeutas ocupacionais (TO) é de fundamental importância dirigir sua formação continuada para a área da Educação, pois a formação docente também consiste num processo dinâmico e contínuo, que visa a capacitação e qualificação para se fazer professor. Behrens nos aponta que,

As exigências do mundo moderno impulsionam um redimensionamento da ação docente para atender as necessidades da sociedade no século XXI....()os professores não poderão oferecer a seus alunos a mesma prática pedagógica que foi oferecida a eles em sua formação (1998, p 63).

Algumas vezes, a formação continuada pode ser uma iniciativa individual, podendo também acontecer por uma exigência institucional, isso quando a entidade, por força da legislação, necessita que seu corpo docente tenha titulação, para assim atender às exigências governamentais e receber concessões importantes para a

vida da instituição. Nestes casos, quase sempre acontece uma contra-partida institucional para com o professor, seja com ajuda financeira para a capacitação, seja com liberação parcial ou total do exercício de suas funções.

Porém, enquanto se pensar formação continuada a partir de “pacotes”, sem que os professores sejam ouvidos sobre as dificuldades no seu fazer, com propostas de caráter autoritário para o cumprimento da lei, sem repercussão na prática destes professores, não será possível pensar uma mudança na sociedade cuja sua principal agente é a escola. Para Behrens (1996), a essência da formação continuada é a construção coletiva do saber e a discussão crítica reflexiva do saber fazer.

A formação prática, numa perspectiva reflexiva tem sido o foco de interesse por parte dos estudiosos em Educação como Paulo Freire (1996), Schön (1983;1992), Tardif (1992). É de meu interesse que a pesquisa possa gerar um movimento reflexivo sobre a nossa prática e sobre o ensino da Terapia Ocupacional. Hagendorn preconiza que,

Refletir sobre a prática pessoal e discuti-la com outros, participar ativamente das supervisões e estar atualizado com a literatura profissional são importantes meios de se manter no caminho certo (1999, p 79).

O conceito de prático reflexivo reconhece o valor da experiência, partindo do princípio de que o ensino de qualidade deve começar pela reflexão do docente sobre a sua atividade, sem rejeição do conhecimento sistematizado. O exercício da docência é fonte inestimável de saber. A prática docente é sempre aplicação de uma teoria gestada na academia, no cotidiano ou em ambos. Procura-se a recuperação da prática pedagógica na capacidade de reflexão crítica, apoiando-se nas experiências vivenciadas e nas histórias de vida dos professores.

Outro tema que penso mediar o estudo é referente à definição de identidade profissional. Cabe aqui discutir a questão identidade nos dias de hoje. As mudanças pelas quais se está passando interferem nesta definição. Para Stuart Hall (1992) que coloca a identidade em questão e aponta que a chamada crise de identidade está acontecendo, em razão de um processo amplo de mudanças que desloca o

indivíduo, que antes se apoiava na concepção individualista do sujeito. Atualmente, dentro do conceito da pós-modernidade, o indivíduo está se tornando fragmentado, como resultado das mudanças estruturais e institucionais, Hall (1992, p 13) esclarece que “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’ formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

O processo de construção da identidade do professor se dá exatamente quando este percebe que necessita refletir sobre a sua prática, quando isto acontece se inaugura uma nova postura. Grillo (2003) afirma que a atuação do professor precisa avançar no sentido de desenvolver a autonomia, estimular a criatividade, a cooperação e a partilha. Isto significa se apropriar em sua sala de aula, ainda que tenha um programa prévio a cumprir. Zeichner (1993), ajuda-nos a pensar, lembrando que os professores devem criticar e desenvolver as suas teorias práticas à medida que refletem sozinhos e em conjunto na ação e sobre ela, acerca do seu ensino.

Quando o professor, cuja primeira formação é em área técnica, presume que já exista uma identidade constituída, no caso da TO, Hagedorn, (1999) afirma que é preciso que os profissionais se empenhem na construção de modelos pessoais para desenvolver sua teoria e sua prática. Para se fazerem professores é necessário então a construção de uma nova identidade. Nóvoa também nos diz que,

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão (1995, p16).

A intenção ao realizar este estudo é que sejamos levadas a pensar e discutir sobre o que é ser professor e o quanto de identidade docente já construímos, considerando o percurso que cada uma fez ao desenvolver sua docência. Todas de uma forma ou de outra passamos da ação de terapeutas para a ação docente levando na maioria das vezes apenas o conhecimento científico produzido na graduação ou em alguma especialização; e estaríamos na prática da sala da aula

formando um novo saber-fazer ainda inconsistente de teoria relativa às ciências da Educação. Neste ponto, cito Josso para sustentar minha reflexão,

Se a abordagem biográfica é um outro meio para observar um aspecto central das situações educativas, é porque ela permite uma interrogação das representações do saber-fazer e dos referenciais que servem para descrever e compreender a si mesmo no seu ambiente natural. Para perceber como essa formação se processa, é necessário aprender, pela experiência direta, a observar essas experiências das quais podemos dizer, com mais ou menos rigor, em que elas foram formadas (2004 ,p 39).

1.6 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Definir a metodologia para desenvolver este projeto não foi tarefa fácil, em razão de estar recém ingressando no campo dos estudos teóricos da educação, principalmente da pesquisa em educação.

É um estudo qualitativo-descritivo, utilizando a modalidade de pesquisa de Histórias de Vida, mais precisamente a História Oral, pois como Nóvoa nos aponta,

Não se trata de uma mera descrição ou arrumação de factos, mas de um esforço de construção (e reconstrução) dos itinerários passados. É uma história que nos contamos a nós mesmos e aos outros. O que se diz é tão importante como o que fica por dizer (2004, p.8).

Para Bom Meihy (1996), a História Oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com um projeto e continuam com a definição de pessoas a serem entrevistadas. A história oral trabalha com depoimentos, seja uma ou várias narrativas. Tem valor documental quando gravados em fita e transcritos para conferência do depoimento, com autorização para uso, arquivamento, e, posterior, publicação, voltando primeiramente para o grupo entrevistado. Esta é a intenção deste trabalho, que foi realizado para vir a ser uma referência para o curso de Terapia Ocupacional do IPA, mas também para os terapeutas do Brasil.

Bom Meihy (1996) também nos orienta que o instrumental a ser usado consiste em entrevista semi-estruturada, sendo uma para preparação, a entrevista propriamente dita e a pós-entrevista, para devolução ao entrevistado. Transcrição,

etapa que para alguns autores deve ser o mais fidedigna que se puder, até os ruídos devem ser transcritos, identificando-os.

Alguns aspectos relevantes me levaram a escolher esta metodologia de pesquisa. Pesquisei as professoras terapeutas ocupacionais que fazem parte do corpo docente do curso de Terapia Ocupacional e que são meus pares. Em razão disso, temos pontos em comum. A maioria se formou na mesma faculdade, alguns são colegas desde o tempo da graduação e, em alguns casos, professoras umas das outras. Como poderemos ver no decorrer do estudo, algumas foram alunas das primeiras professoras do curso e, hoje, são colegas de trabalho. E temos, como um dos nossos instrumentos da prática profissional, justamente a história de vida de nossos pacientes.

Foi importante saber como chegaram ao IPA, como foi para elas o processo de seleção para ingresso na instituição, que cursos ou embasamentos teóricos usaram e usam, quais ajudas ou apoios necessitaram para dar conta do novo ofício, quais dificuldades e resistências tiveram que vencer. Enfim, narrarem o que desejarem partilhar, rever, ressignificar. Para Abrahão (2004), “a história pessoal e profissional, antes de ser unicamente individual, tem natureza social, pois se inscreve na e constrói a própria História da Educação e da Profissão Docente” (2004, p.13).

Penso que já constituímos uma *cultura escolar*¹ na área da Terapia Ocupacional aqui em nosso Estado e é então chegada a hora de estudá-la. O propósito desta pesquisa, é também construir a história do curso de Terapia Ocupacional no IPA, a partir de depoimentos. Utilizando a história oral pude ainda analisar a história de cada uma das terapeutas que se colocaram no desafio de virem a ser professoras. Quando escolhi esta modalidade de pesquisa o fiz por estar sensível a esta questão, sabendo que deveria ter muita atenção e respeito ao outro.

¹ 1 Dominique Julia (2201, p 9) “Cultura escolar como Objeto Histórico”, Revista Brasileira de História da Educação . SBHE, nº1,Jun/Jul.

A história oral, segundo Eggert (2004), não se destina a efetivar mudanças, necessariamente, mas pode ser agente transformador tanto do conteúdo como da finalidade da história, pode também alterar o enfoque da própria história assim como desvendar novos campos de investimento e quem sabe derrubar barreiras entre professores, entre professores e alunos, e entre gerações.

Este projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário Metodista IPA, recebendo parecer favorável (Anexo 1). Fizeram parte da pesquisa todos os terapeutas ocupacionais professores que ministram aulas no Curso de Terapia Ocupacional Centro Universitário Metodista IPA. Todas aceitaram historiar os caminhos que percorreram para se fazerem docentes. Depois de terem sido devidamente esclarecidas sobre o objeto e procedimentos deste estudo e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2). O curso conta com doze professoras, porém uma delas está em licença, portanto em efetiva atividade temos onze docentes. **QUADRO 1.**

Também teve a participação de um professor fisioterapeuta, que contribuiu de forma valiosa para construir, pela palavra e por documentos, a história do curso de Terapia Ocupacional, uma vez que esteve presente desde o momento de planejamento, elaboração e criação dos cursos de Fisioterapia e Terapia Ocupacional do hoje Centro Universitário Metodista IPA. Esse profissional preferiu não ter seu nome divulgado.

Nesta pesquisa, podemos dizer que as entrevistas ficaram ricas em sons, como o canto dos pássaros, quando os encontros se davam no pátio da instituição à sombra das árvores, nos dias de ensolarados do verão. Também estão registrados os barulhos das máquinas trabalhando nas obras para o redimensionamento estrutural da instituição. Esta pesquisa foi realizada durante o período em que acontecia a construção de novos prédios, reformas em outros, urbanização de alguns espaços e a construção de elevadores, visando a acessibilidade dos portadores de necessidades especiais.

QUADRO 1 - Terapeutas Ocupacionais Docentes do Centro Universitário Metodista/IPA

Nome da TO	Formada em:	Contratada em:	Disciplina/Cargo
Cristiane Krol Lindemayer	1990	02/08/04	Terapia Ocupacional no Processos Clínicos e Supervisão de estágio.
Dani Laura Peruzzolo	1991	01/03/04	Terapia Ocupacional nos Processo Clínicos I e T O nos Processos do Desenvolvimento I e Supervisão de Estágio.
Eliana Anjos Furtado	1979	11/08/95	História e Fundamentos da T O e Metodologia da TO e Metodologia de Pesquisa e Supervisão de Estágio.
Kátia Salete Barfknecht	1990	01/04/97	Terapia Ocupacional nos Processos Ocupacionais e Seminário e Supervisão de Estágio.
Kayla Araújo Ximenes Aguiar Palura	1997	10/03/03	TO nos Processos do Desenvolvimento II e Supervisão de Estágio.
M ^a Cristina Garcia de Lima Caneppe	1983	01/05/86	Saúde Coletiva e Supervisão de Estágio.
M ^a Inês Seroni Garcia	1983	06/08/84	Administração em Trapia Ocupacional e T O nos Processos Ocupacionais e Supervisão de Estágio.
M ^a Marta Orafino	1990	11/08/95	T O nos Processos Sociais e Saúde Mental e Atividades e Recursos Terapêuticos e Supervisão de Estágio.
Patrícia Silva Dornelles	1996	10/03/03	Atividades e Recursos Terapêuticos.
Rita Buttes Silva	1990	11/08/95	Licenciada
Rosane Papaleo Freire	1988	08/03/90	TO nos Processos do Desenvolvimento II e. T O nos Processos III.
Rosane Schmiedt	1990	01/04/02	TO nos Processos Clínico I.

Dados fornecidos pelos entrevistados e pelo setor administrativo do IPA.

Algumas vezes, o que se ouve ao fundo das gravações são vozes dos nossos colegas, pois à noite ou nos dias de chuva, os depoimentos, foram tomados na sala dos professores, mais precisamente nos “aquários” destinados à supervisão ou orientação de trabalhos, que não tinham um bom isolamento acústico.

A conferência, que é o momento em que a versão final é entregue e autorizada pelo entrevistado, causou as mais variadas reações, a maioria positiva, pois como a transcrição deve ser fidedigna, fez as pessoas se surpreenderem com a forma como organizavam o pensamento e o jeito que tinham ao se expressar. Foi também um momento de auto-avaliação ao se perceberem num discurso espontâneo, falando e refletindo sobre suas vidas pessoal e profissional.

A maioria conferiu rapidamente e devolveu, comentando sobre os aspectos citados anteriormente, mas satisfeitas de terem lido suas falas, não colocando nenhuma restrição. Porém, houve uma entrevistada que não ficou tão satisfeita, pois se achou muito confusa na forma de se expressar. Teve também uma professora pesquisada que sentiu necessidade de rever a forma como se colocou, para não correr o risco de ser mal interpretada, pois percebeu que sua fala poderia ter duplo sentido, mas igualmente autorizou o uso irrestrito.

O material coletado, nesta pesquisa, em depoimentos livres, mas que para atender os objetivos propostos, foram colocadas algumas questões que funcionaram como roteiro do discurso (Anexo 3). Este material será arquivado como acervo do curso de Terapia Ocupacional, pois deve ser compromisso do autor do projeto mantê-lo em lugar seguro, para uso posterior.

O Caderno de Campo deve acompanhar as entrevistas, onde se registram além das observações relativas ao projeto, tudo que ocorre no ato das entrevistas, as impressões, os imprevistos. Para Fischer (2004, p 542) O Caderno de Campo é com toda certeza um “poderoso auxiliar”, pois é onde se pode anotar situações tão significativas, as quais um gravador nunca registraria. Nas anotações do caderno de campo constam situações que se fossem analisadas do ponto de vista da psicanálise, permitiriam “belas” interpretações, e se constituiriam em um outro

escrito. Como este não é o propósito, estarei apenas comentando os acontecimentos registrados.

Por último, como me sentiria fazendo tudo isso, afinal estaria também refletindo, junto com minhas colegas, a trajetória que venho construindo como uma terapeuta ocupacional que resolveu aceitar o desafio de ser professora. Neste aspecto repito a fala de Eggert (2004, p 580) “(...) nos relatos, houve momentos em que algumas coisas ou determinadas situações não precisavam ser mencionadas detalhadamente, pois estavam presentes também na minha história”.

Os episódios significativos ficaram por conta das minhas questões, ainda que tenha feito uma entrevista piloto. Por exemplo, quando fiz a primeira entrevista com a professora Eliana Furtado, o gravador deu uma pane, o que determinou a perda total da gravação. Falta de experiência para lidar com o equipamento? Talvez. Marcamos novo encontro e pensamos em incluir na entrevista a história do curso, o que seria feito em momento à parte, para criar um clima novo, o que foi ótimo. A situação se repetiu com a professora Cristiane Lindemayer, mas foi detectado ainda no início da conversa, que acabou por ser interrompida e retomada mais adiante, sem perda dos dados. Com algumas colegas o problema era a falta de intimidade ou mesmo a dificuldade de horário para marcar o encontro. O convite inicial foi feito via e-mail, depois por telefone para acerto de lugar e horário.

Um fato não previsto aconteceu com a professora Rosane Freire. Apesar de ter agendado previamente, esqueci completamente e não compareci para a entrevista. Eu deveria ir à sua casa, depois que ministrasse aula no IPA, mas acabei indo direto para minha casa como fazia regularmente. A professora me telefona e me dou conta da grande falha. Com muita boa vontade de sua parte, marcamos um novo horário, quando então se efetivou a entrevista.

Com a professora Maria Inês Garcia, que desenvolve várias atividades, esperei o momento mais oportuno para conversarmos. É uma professora com experiência em pesquisa, que fez algumas ponderações antes de iniciarmos a conversa, dizendo que só autorizaria depois de encerrado o depoimento. Depois de algum tempo de entrevista, percebi que não havia ligado o gravador. No final do

depoimento, ela assinou o termo autorizando a utilização do material sem problema algum.

Um registro importante se refere ao encontro com a professora Rita Buttes, que está em licença, mas quando ainda lecionava no curso se interessou em fazer parte da pesquisa. Então fui ao seu local de trabalho, para realizar a entrevista. Nos encontrávamos pouco no IPA, quando o fazíamos era em reuniões quase sempre polêmicas, onde por vezes tínhamos embates de idéias. Este nosso encontro oportunizou que pudéssemos nos conhecer um pouco mais e entender melhor o posicionamento de cada uma, e foi permeado por sua disponibilidade e gentileza em me receber e da minha satisfação em tê-la no meu estudo. Isto aponta para o que diz Eggert “..quem pesquisa acaba por se ouvir e, ao fazer isso, vai abrindo espaços de escuta no longo caminho da construção dos conhecimentos “(2004, p 551).

O referencial teórico para análise dos dados embasou-se em Moraes (1999). O material colhido será trabalhado sob a metodologia da Análise Textual Discursiva, que segundo o autor, destaca a unitarização, a categorização, a descrição e a interpretação. Este processo de análise define no seu desenrolar, quais serão as categorias que nortearam a fundamentação teórica a ser aprofundada. A análise textual é um processo que começa com a desconstrução dos depoimentos realizados pelos pesquisados para de novo ser construído, passando por várias etapas. É necessário que o pesquisador se aproprie das falas, para então construir seu próprio texto.

Existe uma técnica chamada “fanzine”², usada por alguns terapeutas ocupacionais para atender algumas situações individuais ou em grupo. A técnica que consiste em construir folders ou painéis utilizando recortes de figuras, palavras ou frases que são selecionados pelo autor do trabalho segundo o tema escolhido.

Ao selecionar estes fragmentos, a pessoa estará buscando em um outro

² É uma técnica de domínio público que consiste em um material construído por várias linguagens gráficas e plásticas, recortes e colagens de desenho, poemas, manifestos histórias texturas e expressões. Utilizada pela terapeuta ocupacional Patrícia Dornelles a partir das suas experiências com Movimentos Sociais e levada para o IPA como da Oficina, nos anos de 2004 e 2005 tendo uma edição na Feira do Livro de 2004.

contexto algo que terá um significado, também em seu projeto, porém ganhará um novo lugar, compondo uma nova história. Uma história agora construída, a partir do pensamento e do desejo do outro, criando uma nova autoria.

No início do processo de execução do “fanzine” também existe o caos, mas da conjugação dos fragmentos vai surgindo um texto e este produto final estará “escrito”, conforme a intenção e a experiência deste novo autor, que poderá estar comunicando o que pensa, o que sente, como percebe o mundo, como entende o mundo e mais tantas outras coisas. A experiência com o estudo da análise textual me fez lembrar deste recurso usado na minha área de trabalho.

A análise textual é um processo que começa com a desconstrução, que são os recortes dos depoimentos realizados pelos pesquisados, para de novo ser construído, passando por várias etapas. É necessário que o pesquisador se aproprie das falas, para então construir seu próprio texto. Na medida em que vai desmontando o que foi colhido nas entrevistas para chegar a unitarização. Mais adiante, o pesquisador constitui uma categorização, que é um processo de auto-organização que dará a base para iniciar a escrita. É um trabalho com os escritos, idéias, significados e significações que vem do outro, que estava em outro contexto. Para melhor se apropriar das idéias incorpora a elas também suas idéias, significados e significações, porém sem nunca perder o respeito pelo que vem de conteúdo do outro.

No transcorrer do processo da análise textual é possível perceber o quanto é necessário identificar-se com as mensagens existentes nas falas, do mesmo jeito que no “fanzine”. A pessoa terá se identificado com o que selecionou para recortar e dar origem ao novo texto, que tomados pela sua importância, criam um novo espaço de comunicação.

Nesse processo, o pesquisador demonstra o quanto está impregnado (Moraes, 2003) dos sentidos destas falas ao referenciar a facilidade com que localiza algumas falas, dos entrevistados, isto porque já fez muitas idas e vindas ao material

colhido. Mas, ao se apropriar tanto das idéias como das falas, é importante manter um significativo respeito aos entrevistados. O respeito ao pesquisado se dá no momento que a transcrição é devolvida ao entrevistado para conferência.

Esta metodologia nos permite que, durante a construção do texto, se interprete os dados colhidos, exercitando a nossa subjetividade, no momento em que buscamos a subjetividade de quem construiu o material a ser utilizado. O processo de análise textual determina que se faça a interpretação do que é oferecido pelo entrevistado em seu depoimento, para isso o pesquisador tem que lançar novos olhares sobre este conteúdo.

Quanto mais tomamos contato com os depoimentos e, principalmente, ao transcrever as entrevistas, mais identificamos o que há de significativo nos textos, e existe um desejo de valorizarmos muitas das informações o que justificaria algumas categorias à parte. Mas como não estamos lidando com ciências exatas, acabamos por excluir um número diverso destas informações.

A análise textual faz o pesquisador passar por uma das mais difíceis experiências, ou seja, desmontar o texto construído pelo outro, com o cuidado de não perder o sentido, pois é necessário garantir o significado dado pelo entrevistado. Desconstruir e reconstruir é um grande desafio. Mesmo sabendo que não é possível utilizar todo o material colhido, o pesquisador pode sentir-se desrespeitoso com o entrevistado.

Escrever um texto se assemelha a tecer uma rede em que as falas vão sendo associadas, a partir das idéias emergentes das entrevistas, que são costuradas às do pesquisador, que procura ser fiel em sua análise. Porém, é importante não perder a visão do todo e, principalmente, não perder o sentido do que vem do outro. Até por que a partir da auto-organização chegará o momento de costurar idéias, tecer teses e teorias.

Assim como no “fanzine”, após o tempo de identificação, seleção, interpretação dos recortes que estarão compondo o seu “escrito”, para comunicar o

seu pensamento, o pesquisador, depois de buscar os recortes nas falas dos participantes, compõe as categorias e a partir daí escreve o seu texto, ainda que tentando não perder o sentido oferecido pelas entrevistas, se autoriza na autoria da comunicação de um novo conhecimento.

CAPÍTULO 2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA
TERAPIA OCUPACIONAL

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA TERAPIA OCUPACIONAL

2.1 A GÊNESE DA TERAPIA OCUPACIONAL

Apresentar a Terapia Ocupacional não tem sido tarefa muito fácil, desde que se é aluno busca-se entender o que ser um terapeuta, ou seja, sabe-se que vai ser um terapeuta ocupacional, porém como explicar quando alguém lhe perguntar, ah! Terapia Ocupacional, mas o que é isso? O que faz um terapeuta ocupacional? Com o que ele trabalha? Qual é o seu objeto de trabalho?

Desde a década de 1940, a produção teórica sobre a Terapia Ocupacional vem aumentando de modo significativo em todo o mundo. Porém, isto não tem garantido à profissão como trabalhar com seu objeto de trabalho de forma clara, o homem em atividade. Ou mesmo um conceito que descreva objetivamente a função da Terapia Ocupacional e o produto do seu trabalho.

Na verdade, as primeiras premissas desta profissão estão sendo resgatadas nos dias atuais, posto que os atuais terapeutas buscam neste resgate a essência da Terapia Ocupacional, perdida desde os tempos que esteve submetida a um modelo médico que a descaracterizou, tornando-a prisioneira de “uma visão positivista, mecanicista e cartesiana que não era pertinente ao seu objeto de estudo: o homem complexo” (Caniglia 2005, p 60).

Marília Caniglia (2005), terapeuta ocupacional, fez uma reflexão da Terapia Ocupacional, desde que esta foi instituída como profissão até aos dias de hoje, dividindo este período em três fases, que ela denominou de Construção, Desconstrução e Reconstrução. É a partir desta perspectiva histórica que pretendo apresentar a Terapia Ocupacional.

A primeira fase, denominada Construção, é quando a Terapia Ocupacional toma forma de profissão. Inicia com o psiquiatra Adolf Mayer, nos Estados Unidos,

no final do século XIX, quando defende o uso qualitativo do tempo com atividades úteis e gratificantes para o tratamento de pacientes com doenças neuropsiquiátricas.

A teoria deste médico foi influenciada pelo “Tratamento Moral”, do século XVIII, tendo por base o ambiente físico, temporal e social, nas diversas situações de vida do paciente. Os pacientes internados se engajavam em atividades similares ao da vida diária em um ambiente apropriado, a fim de modificar e corrigir hábitos errados e criar e manter hábitos saudáveis de vida visando à normalização do comportamento desorganizado do doente.

Ainda nos Estados Unidos, no começo do século XX, um grupo de profissionais de áreas diversas, que se intitulavam “terapeutas ocupacionais”, defendiam o equilíbrio repouso-atividade e um programa que incluísse atividades produtivas, lúdicas, de auto-cuidado e sociais.

Caniglia (2005) nos traz ainda que a construção do objeto de trabalho da Terapia Ocupacional sofreu interferência das áreas de formação profissional de seus idealizadores como enfermagem, medicina, serviço social, artes e do conceito de saúde da época, onde a saúde era entendida como equilíbrio entre corpo e mente.

A concepção da profissão estava apoiada numa prática que objetivava promover uma rotina saudável, seja na internação, seja no domicílio, através do fazer produtivo, exercitativo, com atividades jocosas, vocacionais e significativas. Buscava respeitar as características, capacidades e interesses dos pacientes. No caso de dificuldades e limitações, eram projetadas adaptações na intenção de facilitar o envolvimento e maior independência nas atividades rotineiras.

Durante e após as guerras mundiais, a prática da Terapia Ocupacional se expandiu na Europa e passou a ter um enfoque mais reabilitador, tanto que a profissão e os primeiros serviços especializados vão surgir dentro de locais, tais como, asilos e hospitais gerais que, no decorrer do tempo, foram se transformando em entidades de reabilitação.

Os cursos de formação nos Estados Unidos incluíam conteúdos de neurologia, ortopedia, psiquiatria e clínica geral. A profissão desenvolveu conhecimento nas áreas de cinesiologia, medida de força e extensão dos movimentos, técnicas de massagem e relaxamento. As órteses e próteses passaram a ser também foco de trabalho, além de adaptações em utensílios e mobiliário para minimizar as limitações físicas produzidas pelas guerras.

Esta fase, que vai do final do século XIX até mais ou menos a década de 1930, é marcada pela criação da profissão, na Europa e nos Estados Unidos, da construção do objeto profissional e pelo estabelecimento das primeiras premissas teóricas.

Na segunda fase, chamada de Desconstrução por Caniglia (2005), o que acontece é justamente a desconstrução, fragmentação e obscurantismo do objeto e da identidade da Terapia Ocupacional. O período compreende os anos 1930-40 até aos anos 1960-70, quando se registra uma marca indelével do modelo médico.

Enquanto as demais profissões definiram um objeto de trabalho, na Terapia Ocupacional o lugar das atividades rotineiras, que era o seu objeto e tinha destaque na intervenção do profissional, na primeira fase, nesta segunda perdeu-se no aprisionamento do uso da atividade como recurso terapêutico. A atividade passou a funcionar como meio e a meta era tratar a doença.

No período em que o pensamento organicista influenciava as ações profissionais, o campo da Terapia Ocupacional, a partir desse paradigma, ampliou-se passando a atuar também nas áreas de pneumologia, reumatologia, cardiologia e outras. Neste modelo médico, os terapeutas viam a atividade como “medicamentosa”, em que se buscava suas indicações e contra-indicações (Caniglia, 2005).

No decorrer dos anos 1960 – 70, a Terapia Ocupacional teve seu campo de conhecimento ampliado, agregando novas abordagens, como comportamental, desenvolvimentista e perceptual, além de crescer em abordagens teóricas. Porém, enquanto isto acontecia, perdia em identidade e especificidade. As ciências

humanas e da saúde sofreram os efeitos do movimento “reducionista” que consistia em ver o indivíduo como divisível em componentes que podem ser estudados separadamente, tende a pensar os sistemas fechados e fixos, o controle é externo ao indivíduo, ou tem base involuntária e os métodos usados são objetivos, e a Terapia Ocupacional não ficou de fora.

Caniglia também nos fala que a fragmentação do saber e a divisão do trabalho, buscando maior eficiência, levou à setorização dos campos do saber, tendendo ao mecanismo e ao reducionismo. Nesse modelo, o objeto de trabalho da Terapia Ocupacional se fragmentou em partes. “A formação do terapeuta ocupacional ficou disforme e esfacelada” (2005, p 59).

Continua a autora, a afirmar que a definição da profissão continuava confusa e contraditória. A falta de um objeto próprio, a falta de clareza do produto do seu trabalho dificultava a distinção da profissão. Quando o objeto inicial da Terapia Ocupacional é abandonado pelos terapeutas, outros profissionais passaram a cobiçá-lo. É neste momento que teóricos, pensadores e clínicos percebem que é necessário e urgente um intenso e aprofundado estudo nos aspectos históricos, conceitual e epistemológico da profissão. Quando então, chegamos a terceira e última fase, que Caniglia nomeia de Reconstrução. Esta fase parte dos anos 1970 e vem até os dias de hoje se caracterizando pelo “resgate do objeto inicial e sua elucidação” (2005, p 60).

São muitos os terapeutas que vêm buscando caminhos para a reconstrução da profissão. Caniglia (2005) nos apresenta Serret e Reilly (1960), Kielhofner (1980) e Burke (1987) como estudiosos que seguem no sentido do estudo do paradigma da Terapia Ocupacional pela Teoria Sistêmica, a partir dos conceitos originais da profissão. Partindo do objeto inicial propõem uma releitura sistêmica e atual. Ainda em Caniglia encontramos que a Epistemologia Sistêmica e da Complexidade propõe que o objeto de estudo deva ser visto como um sistema, interativo, aberto, dinâmico e complexo.

Galheiros (2003) reflete sobre o discurso da Terapia Ocupacional dos anos 1970, o qual compartilhava a concepção de sociedade, que se afirmava consensual

e que atribuía à pessoa marginalizada o ônus por sua exclusão. Mas nos anos 1980 quando se passa por uma consistente discussão dos modelos terapêuticos, a TO incorpora a compreensão do conflito como parte da dinâmica das relações sociais, e, a partir desta concepção, cabe ao terapeuta ocupacional o papel de conscientizar a pessoa e os grupos de sua condição de ator social.

Caniglia (2005), ainda afirma que a qualificação científica dos profissionais em programas de pós- graduação, em cursos de formação afins e o contato com outras categorias profissionais, tem levado os terapeutas ocupacionais a se posicionarem conscientemente sobre possíveis caminhos para o futuro da Terapia Ocupacional.

A autora propõe um movimento pela reconstrução disciplinar, que consiste em construir e elucidar o objeto profissional, explicitar conceitos e procedimentos, buscar teorias que se articulem com coerência ao objeto de trabalho da profissão numa visão globalizadora. Por fim, ter uma preocupação com a formação profissional, no sentido de que durante a graduação, o terapeuta ocupacional professor, desenvolva em seu aluno a consciência de que é preciso ser um profissional que saiba “*aprender a aprender*” para dar conta de um mundo em permanentes transformações.

Ao apresentar esta trajetória histórica da profissão de Terapia Ocupacional tenho a intenção de poder explicar com fatos a dificuldade que, ainda hoje, temos em falar do nosso fazer terapêutico. Todos os terapeutas ocupacionais no Brasil, foram formados no período da Desconstrução (Caniglia, 2005), como veremos na sessão seguinte.

Nos formamos com a idéia de que a ocupação como tratamento data desde a antiguidade. Benetton nos diz que “determinada gama de atividades, com certas características foram desde a antiguidade aplicadas, em determinados lugares e circunstâncias com finalidade de cuidar, tratar, como alívio ou distração” (1999, p 20). Nos dias atuais, ainda de certa forma, se faz isso, agora com embasamentos teóricos e com mais tecnologia em virtude do aumento das demandadas populações

que se tornaram mais complexas exigindo dos profissionais o desenvolvimento de novos recursos técnicos (De Carlo e Bartalotti (2001, p 27).

Desde o final dos anos 1950, quando se formaram os primeiros profissionais em Terapia Ocupacional no Brasil, tem-se realizado muitos Encontros, Seminários, Congressos e em todos há sempre momentos para discutirmos as questões assinaladas por Caniglia (2005).

Considero que em 50 anos, aproximadamente, de Terapia Ocupacional no Brasil, estamos ainda em transição da segunda para a terceira fase. Estamos vivendo sob a regência do conceito formal de Terapia Ocupacional, proposto pela WFOT:

Segundo a Federação Mundial dos Terapeutas Ocupacionais, a Terapia Ocupacional é o tratamento de condições físicas e psiquiátricas através de atividades específicas para ajudar as pessoas a alcançarem seu nível máximo de função e independência” (Hagendorn, 1999, p. 15).

Na verdade, circulamos entre esses referenciais formais e o que temos pensado sobre a Terapia Ocupacional como um processo mais complexo. Furtado (1999) nos inquieta quando diz que a Terapia Ocupacional não pode ser olhada como uma disciplina comum, linear, pois estamos sendo circulares e desviantes quase sempre. E completa:

De onde partimos é da trajetória quase sempre desviante da vida do sujeito, constituída de uma não ação, ou de uma ação contrária, onde lembranças, memórias, afetos e cognição vão ser decodificados, resignificados, reconfigurados para a construção de uma nova ação (Furtado,1999,p 46).

Temos algumas características na abordagem de Terapia Ocupacional: podemos circular por vários saberes, oferecendo possibilidade de uma prática interdisciplinar, o que nos enriquece e amplia as ações com e do paciente. Podemos também fazer uso de quantos materiais e objetos desejarmos ou forem significativos ao paciente. Assim a Terapia Ocupacional se constitui num espaço onde tudo é possível (Furtado,1999), desde que seja respeitada a ética.

Outra peculiaridade, que esta profissão permite, é a diversidade dos locais onde se pode desenvolver a ação terapêutica. Temos uma dinâmica de trabalho que em muito se diferencia das demais terapias mais tradicionais, o que nos permite oferecer ao paciente muitas alternativas de experiências e situações para que ele possa, assim, se perceber nas suas possibilidades e limitações, e, ao se perceber, compreender, resignificar, reconfigurar (Furtado, 1999), aquilo que o está colocando em dificuldade ou o está marginalizando. Nessa linha de pensar, Teixeira nos diz que ao sujeito em atendimento:

A Terapia Ocupacional lembra (o paciente) que ele é capaz, que ele tem aptidões, que ele poderá novamente a realizar algo, nem que isso demore, nem que seja por um período apenas. A TO o faz recobrar confiança, certeza, perseverança, buscar valores adormecidos de coragem, de luta, de aceitação.(2001,p 19)

Com esta apresentação da Terapia Ocupacional desejei evidenciar não somente um conceito formal sobre a minha profissão, mas percorrer a história de seus fundamentos, pelos tantos pensamentos que estão constituindo o momento que estamos vivendo. Será que somos ou estamos inquietas por termos por escolha uma profissão considerada nova dentro do panorama tão tradicional, no que diz respeito à área da Saúde ou será que é como diz Furtado:

Temos uma identidade e um método, entretanto, está encoberto, não reconhecido, não proclamado como tal. O nosso conhecimento também é desviante. Este conhecimento _ pensamento de nossa prática não abandona a aparência, o senso comum, a criação, a percepção o imaginário e o real. O que nos falta é aceitar que é assim (1999, p 48).

Hoje, apesar das conquistas e controvérsias quanto a definição ou conceituação da Terapia Ocupacional, constata-se o seu crescimento e valorização. Nos Estados Unidos foram pesquisadas 20 profissões, e a Terapia Ocupacional ficou em oitavo lugar entre as profissões do futuro, consideradas como as de maiores possibilidades de expansão de mercado (Benetton, 1999).

Para ilustrar esta afirmativa trago a notícia veiculada por e-mail, que tem circulado nas escolas de formação de terapeutas ocupacionais.

Esta é uma outra profissão em que você pode ajudar as pessoas, uma a uma, e freqüentemente tem a oportunidade de trabalhar em diferentes “settings”. Alguns terapeutas ocupacionais vêem seus pacientes no hospital, pela manhã, e em suas casas à tarde. Os índices de sucesso são altos, porque você está freqüentemente ensinando a pessoa formas simples de trabalhar com suas limitações como abotoar uma camisa, apesar do braço paralisado, por exemplo. Além disso, o Departamento de Trabalho (Department of Labor) classifica esta como uma área de ocupação de crescimento rápido, mas também uma carreira em que a quantidade de treino requerido está aumentando. Em 2007, a formação de mestre tem sido normalmente exigida. (http://biz.yahoo.com/special/job06_article1.html)

2.2 A HISTÓRIA DA TERAPIA OCUPACIONAL NO BRASIL

A primeira escola de Terapia Ocupacional foi em 1917, nos Estados Unidos, mas a consolidação dos currículos somente acontece na década de 1960, possibilitando a exportação da profissão para alguns países, como o Brasil, Austrália e outros.

No entanto, constatamos que, na segunda metade do século XIX, no Brasil três estados tomaram a iniciativa de voltarem suas atenções para o tratamento hospitalar de pessoas portadoras de deficiências físicas e sensoriais. Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, criaram hospitais e escolas especiais com essas finalidades. A utilização da ocupação como forma de tratamento é incrementada com a fundação do Hospital D Pedro II, em 1852, no Rio de Janeiro. Também no Hospital do Juqueri, atual Franco da Rocha, em 1898, foi introduzido por Franco da Rocha e Pacheco e Silva o tratamento pelo trabalho nomeado “praxiterapia”.

A proposta de seguir usando “ocupações” como meio de tratamento, segue no século XX, com a criação da Colônia Juliano Moreira e o Serviço de Terapia Ocupacional, em Engenho de Dentro no Hospital Psiquiátrico, no Rio de Janeiro.

Este serviço tomou grande impulso, com repercussões até os dias de hoje, através dos trabalhos realizados por Nise da Silveira, psiquiatra pernambucana, que valorizava a Terapia Ocupacional. Esta modalidade de tratamento tinha por base o Tratamento Moral, cuja premissa era de que a organização do ambiente e das ocupações leva à reorganização do comportamento do doente mental (De Carlo, 2001).

Para além do eixo Rio - São Paulo, também no Nordeste, já em 1931, a ocupação terapêutica foi introduzida por Ulisses Pernambucano com a criação da Assistência a Psicopatas. Neste caso, a proposta era de uma equipe multiprofissional, que atuava tanto interna como externamente ao hospital, buscando uma ação preventiva, curativa e de reabilitação.

Enquanto no Brasil se ampliavam os espaços que utilizavam a ocupação no tratamento dos mentalmente enfermos, na Europa e nos Estados Unidos, principalmente nos países mais atingidos pelos efeitos das guerras, foi criado “O Movimento Internacional de Reabilitação”, em razão do aumento significativo dos incapacitados físicos resultantes dos embates bélicos mundiais.

A divulgação e implantação deste Movimento foi responsabilidade de instituições governamentais e não governamentais, como a ONU, a UNESCO e outras, chegando também ao Brasil nos anos 1940. Nesta ocasião, em nosso país, a maior preocupação estava voltada para os portadores de doenças crônicas como tuberculose, que na época era devastadora; deficiências congênitas; acidentados no trabalho, no trânsito, domésticos e doenças ocupacionais.

O que se percebe é que, enquanto no Brasil se desenvolve o uso da ocupação como método de tratamento na área da psiquiatria, no âmbito internacional a Terapia Ocupacional já tomava o rumo da reabilitação física, com forte influência norte-americana (De Carlo, 2001). Em 1951, a ONU envia emissários ao Brasil para implantar um curso de reabilitação no formato americano. O Hospital das Clínicas, da Faculdade de Medicina da USP- Universidade de São Paulo (SP) é o local escolhido. Este hospital já realizava um programa de laborterapia com a finalidade de reduzir os efeitos da hospitalização, em seus pacientes internados.

Seus técnicos foram enviados aos Estados Unidos para fazerem cursos e trazerem novas técnicas.

Seguindo a história da Terapia Ocupacional no Brasil (De Carlo,2001), o Instituto Nacional de Reabilitação (INAR) é implantado pela ONU na Clínica de Ortopedia e Traumatologia no Hospital das Clínicas da USP (SP), em 1956. Dois anos mais tarde, passou a chamar-se Instituto de Reabilitação (IR), que funcionou até 1968. Desenvolveu duas funções no período de sua existência, uma assistencial, prestando atendimento e cumprindo um programa de reabilitação; e outra de ensino, formando técnicos em fisioterapia, terapia ocupacional e órteses e próteses.

Os técnicos formadores tiveram sua formação no exterior, Elizabeth Eagles foi uma das técnicas americanas que recebeu bolsa-auxílio da Organização Mundial da Saúde (OMS) para vir à São Paulo formar novos técnicos, de 1964-1965. O Instituto não se preocupava com a formação dos profissionais com conhecimentos mais amplos, mas em cumprir as exigências técnicas da ONU, sendo a Terapia Ocupacional responsável pelos membros superiores, ou seja, braços e mãos (De Carlo, 2001).

Também o Rio de Janeiro buscou ter sua escola de formação de profissionais de reabilitação, quando a Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR) recebeu a aprovação do currículo mínimo do curso de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, em 1963. A carga horária era compatível com o período de três anos letivos de duração e em nível universitário. Enquanto isso representava uma grande conquista para as profissões, para a classe médica tornou-se um problema, uma vez que não contava com tal emancipação, isto é, a desvinculação da área médica, como campo autônomo. Alguns anos se passaram até terem início os estágios supervisionados nas mais diversas áreas, incluindo a psiquiátrica.

O decreto **Lei nº 938/69, de 13 de outubro de 1969**, que provê sobre as profissões de Fisioterapeutas e Terapeutas Ocupacionais, regulamentou as profissões de fisioterapeuta e terapeuta ocupacional, sendo reconhecidos como profissionais de nível superior. No artigo 3º, estabelece que é atividade privativa do

fisioterapeuta executar métodos e técnicas fisioterápicos com a finalidade de restaurar, desenvolver e conservar a capacidade física do paciente. E, no artigo 4º, explicita que a atividade privativa do terapeuta ocupacional é executar métodos e técnicas terapêuticas e recreacionais, com finalidade de restaurar, desenvolver e conservar a capacidade mental do paciente. (CREFITO-5)

Prosseguindo a regulamentação da profissão, a Lei n. 6.316 - de 17 de dezembro de 1975, cria o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Fisioterapia e Terapia Ocupacional e dá outras providências, com publicação no Diário Oficial da União (DOU).

Tendo por base o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional – 5ª Região (COFFITO -5), apresento as definições das duas profissões na intenção de melhor explicitá-las.

A Fisioterapia é uma ciência da Saúde que estuda, previne e trata os distúrbios cinéticos funcionais intercorrentes em órgãos e sistemas do corpo humano, gerados por alterações genéticas, por traumas e por doenças adquiridas. Fundamenta suas ações em mecanismos terapêuticos próprios, sistematizados pelos estudos da biologia, das ciências morfológicas, das ciências fisiológicas, da patologia, da bioquímica, da biofísica, da biomecânica, da cinesia, da sinergia funcional, e da cinesio patologia de órgãos e sistemas do corpo humano e as disciplinas comportamentais e sociais. O profissional é considerado profissional de saúde, com formação acadêmica Superior, habilitado à construção do diagnóstico dos distúrbios cinéticos funcionais (Diagnóstico Cinesiológico Funcional), a prescrição das condutas fisioterapêuticas, a sua ordenação e indução no paciente bem como, o acompanhamento da evolução do quadro clínico funcional e as condições para alta do serviço. (COFFITO)

A Terapia Ocupacional é uma área do conhecimento, voltada aos estudos, à prevenção e ao tratamento de indivíduos portadores de alterações cognitivas, afetivas, perceptivas e psico-motoras, decorrentes ou não de distúrbios genéticos, traumáticos e/ou de doenças adquiridas, através da sistematização e utilização da atividade humana como base de desenvolvimento de projetos terapêuticos específicos. O profissional é dotado de formação nas Áreas de Saúde e Sociais. Sua intervenção compreende avaliar o cliente, buscando identificar alterações nas suas funções práticas, considerando sua faixa etária e/ou desenvolvimento da sua formação pessoal, familiar e social. A base de suas ações compreende abordagens e/ou condutas fundamentadas em critérios avaliativos com eixo referencial pessoal, familiar, coletivo e social, coordenadas de acordo com o processo terapêutico implementado. (COFFITO)

O Terapeuta Ocupacional compreende a Atividade Humana como um processo criativo, criador, lúdico, expressivo, evolutivo, produtivo e de auto manutenção e o Homem, como um ser prático interferindo no cotidiano do usuário comprometido em suas funções práticas objetivando alcançar uma melhor qualidade de vida. (COFFITO)

Ainda cabe ressaltar, que o nosso país foi o primeiro que, por conta da organização dos professores das Escolas de Terapia Ocupacional, realizou o primeiro Encontro de Docentes de Terapia Ocupacional do Brasil. E, através da Internet, mantém uma Rede de Ensino de Terapia Ocupacional – RENETO (reneto-owner@yahoogrupos.com.br), havendo uma comunicação sistemática e direta entre todos os professores e instituições de ensino.

Atualmente, o terapeuta ocupacional desenvolve suas atividades nos mais diversos locais, podendo ser hospitais gerais; ambulatórios; consultórios; centros de recuperação bio-psico-social; projetos sociais oficiais; sistemas prisionais; instituições de Ensino Superior; órgãos de controle social; creches, escolas, empresas e instituições de pesquisa.

2.3 O CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL NO IPA/RS (1980-2006)

O curso de Terapia Ocupacional do Instituto Porto Alegre IPA, foi criado em 1980, a partir da ação da terapeuta ocupacional Marina Schivoletto e alguns fisioterapeutas, vindos de outros estados, apoiados pela direção, na pessoa do professor Washington Gutierrez, diretor do IPA, na época. Tornou-se sem dúvida o marco histórico mais significativo da profissão no Rio Grande do Sul, sendo hoje a mais antiga escola que forma terapeutas em nosso estado. Mais recentemente foi criada a Faculdade de Terapia Ocupacional do Centro Universitário Franciscano, em Santa Maria, RS.

Mas o que é o IPA? O Instituto Porto Alegre (IPA), foi fundado em 1923, pela Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos da América, hoje Igreja Metodista Unida. Está localizado desde 1924 no bairro Alto Petrópolis. Na década de 1970, com a aula inaugural da Escola superior de Educação Física (ESEF), iniciou-se o IPA na educação superior. Em 2004 o IPA passou a abrigar apenas os cursos de graduação da Rede Metodista de Educação IPA.

O Centro Universitário Metodista IPA, que tem sua origem na fusão do Instituto Porto Alegre e o Instituto Metodista de Educação e Cultura, apresenta em seu histórico marcos como: nos anos de 1971 a criação 1º curso superior a Educação Física; em 1978 foi criado curso de Nutrição; 1980 cria-se os cursos de Terapia Ocupacional e Fisioterapia; 1989 o de Fonoaudiologia; no ano 2000 são inaugurados os cursos de Administração Hospitalar e Turismo com ênfase em Hotelaria. Sendo aprovado pelo Ministério da Educação e Cultura, neste mesmo ano o projeto que prevê a criação do Centro Universitário Metodista IPA que vai integrar a Rede Metodista de Educação IPA.

O curso de Terapia Ocupacional do IPA/RS, autorizado pela portaria do MEC nº 84.369/80, em 07/01/1980, e reconhecido pela portaria, nº 524/84, em

12/12/1984. Recentemente foi renovado através da Portaria nº 2.942, de 24 de agosto de 2005, que confirma pelo prazo de quatro anos, o reconhecimento do curso de Terapia Ocupacional, bacharelado, ministrado pelo Centro Universitário Metodista, mantido pelo Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista, com sede em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

O primeiro ingresso de alunos para o curso de Terapia Ocupacional aconteceu, em conjunto como curso de Fisioterapia, no primeiro vestibular realizado em janeiro de 1980. Foram abertas cem vagas, sendo metade para cada curso (Fisioterapia e TO). O segundo processo seletivo deu-se somente um ano e meio depois, em julho de 1981. A partir de então, os vestibulares seguem independentes.

QUADRO 2

Um dos professores de fisioterapia que participou da criação dos cursos, inicialmente exerceu o cargo de coordenador do curso de Fisioterapia, relata em seu depoimento que a terapeuta ocupacional Marina Schivoletto, a primeira coordenadora do curso de Terapia Ocupacional, no mesmo período que ele, teve de afastar-se 8 meses depois, ficando então ele responsável por gerir os dois cursos, o que acabou ocasionando uma incoformidade entre os alunos da Terapia Ocupacional.

No começo, os cursos compartilhavam disciplinas do que seria chamado ciclo básico, mas como a fisioterapia era mais reconhecida e tinha mais professores desta área dando aulas, os exemplos eram sempre desta área, o que não agradava aos alunos de Terapia Ocupacional. Estes foram apenas alguns dos vários embates que fizeram gerar um movimento interno exigindo uma direção específica para o curso de TO.

QUADRO 2 - Números de vagas, matriculados e formados no transcorrer destes vinte e seis anos de existência.

Ano das provas	Nº de vagas	Nº de matriculados	Nº de formados
1980	50	-	-
1981	-	-	-
1982	-	-	-
1983	-	-	-
1984	-	-	27*
1985	50	-	36
1986	50	-	38
1987	50	-	32
1988	50	-	33
1989	50	32	30
1990	50	54	19
1991	50	62	27
1992	50	88	33
1993	50	79	29
1994	50	73	18
1995	50	78	31
1996	50	86	29
1997	50	98	14
1998	50	96	21
1999	50	86	22
2000	50	44	23
2001	60	46	38
2002	50	37	31
2003	50	62	33
2004	50	99	33
2005	50	48	34
2006	50	47	24

As lacunas incompletas das colunas de vagas e matriculados, deve-se ao fato de o Arquivo Histórico do IPA estar em fase de criação não sendo possível a localização de dados mais antigos.

* Primeira formatura de terapeutas ocupacionais.

QUADRO 3 - Coordenadores do Curso de Terapia Ocupacional (1980-2006)

NOME	ANO
Marina Schivoletto	1980 - 1981
Professor de fisioterapia	1981
Eliana Maria Anjos Furtado	1982 - 1987
Maria Teresa Baraúna da Costa	1987 - 1988
Maria Inês Seronni Garcia	1989 - 1991
Ana Lúcia Soares	1991 - 1998
Eliana Maria dos Anjos Furtado	1999 - 2005
Maria Cristina de Lima Caneppele	2005

Também houve a exigência de contratação de novos professores, mesmo que viessem de fora, pois eram pouquíssimos os existentes no Estado. Além da criação de laboratórios, uma vez que as aulas de Anatomia eram dadas em livros, a fisiologia era no laboratório do Colégio Americano que mantinha uma parceria com o IPA.

O curso estava bem estruturado, mas os alunos estavam muito revoltados, haviam manifestações no pátio pressionando mudanças. Após o ciclo básico, começaram as preocupações, dos alunos e da instituição, pois seriam necessário terapeutas ocupacionais para ministrar as cadeiras específicas. É, neste momento conturbado, que chega ao IPA a professora Eliana Furtado, muito jovem, para ser professora, com a possibilidade também de assumir a coordenação. Esta profissional a qual todas de um modo ou de outro têm como referência, é a precursora da história da Terapia Ocupacional no IPA e no Estado. É também uma das entrevistada e sem dúvida é um marco na vida profissional de todos. Não só como terapeuta ocupacional, mas também como professora do curso.

A professora Eliana vai então em busca de outros colegas que pudessem assumir os conteúdos relativos à especificidade do curso. A preocupação dos alunos, também tinha a ver com a prática de estágio, principalmente, porque a grande maioria trabalhava e tinham outras responsabilidades além da formação de TO.

O Curso de Terapia Ocupacional desde seu início, tem duração de 4 anos, divididos em 8 semestres. Na primeira turma, as aulas se realizavam no período da noite, durante os três primeiros anos. No último ano, o Curso oferecia a disciplina de Prática Supervisionada, que funcionava no período diurno.

A primeira turma do curso no momento de realizar os estágios de formação enfrentou questão, relativa ao local para realização dos estágios. Para a professora Eliana se a terapia ocupacional era algo desconhecido,

Nós iniciamos todo o processo de divulgação da TO, porque praticamente a TO era algo desconhecido para a população e para as instituições, então eu já tinha que estar batalhando locais de prática e tinha que convencer as instituições de que o modelo de intervenção da TO, era um modelo bom, que ia beneficiar as pessoas, que ia beneficiar os pacientes, foi um processo muito duro. (*Entrevista realizada*).

Assim os espaços de atuação da Terapia Ocupacional foram sendo construídos aqui no RS.

Em razão das dificuldades de horário para realização dos estágios, o curso mudou de turno. De 1982 até 2003, as turmas desenvolviam suas atividades à tarde, das 13:50 às 19:20. Porém, passou haver uma demanda dos acadêmicos no sentido de que este horário dificultava a possibilidade de os mesmos trabalharem, uma vez que passou a existir oferta de estágios extra-curriculares.

Em 2003, na intenção de resolver a problemática, abriu-se uma discussão entre alunos, direção institucional e coordenação do curso, chegando-se à decisão de que era necessário 100% de adesão dos alunos para haver a troca para o turno da manhã. Na ocasião, das duas turmas em funcionamento à tarde, apenas uma aderiu na totalidade, passando a freqüentar pela manhã o curso. Hoje o horário oficial do curso é matutino.

Porém, no segundo semestre de 2004 e no primeiro semestre de 2005, por sugestão da Direção Geral, foram oferecidos vestibulares para o turno da noite. Mais uma vez aparece a dificuldade na realização das práticas disciplinares e dos estágios. Sendo então, abandonada definitivamente a idéia do curso noturno de Terapia Ocupacional. Embora estas turmas estejam seguindo no horário noturno, em respeito à escolha dos alunos no momento que realizaram o vestibular.

Em 1983, iniciou-se um processo de reestruturação administrativa 1983, com criação da Faculdade de Ciências da Saúde (FCS), quando foi instituído o cargo de diretor da Faculdade, inexistente até então, sendo o primeiro diretor geral, o professor Miguel Montaña, com os coordenadores dos cursos diretamente subordinados ao diretor geral do IPA.

O currículo mínimo estipulado pelo Ministério de Educação, no início do curso, possuía uma carga horária mínima de 2.940 horas com predomínio no ciclo biológico, seguindo o modelo cientificista a exemplo de outras escolas de terapia ocupacional do País. Somente as primeiras turmas de alunos formaram-se nos moldes deste primeiro currículo. (Anexo 4)

Os currículos, com vistas a redefinir o perfil profissional e elaborar um novo currículo mínimo, compatível com as novas perspectivas de atuação que se apresentavam, foi desenvolvido um estudo pelas entidades da categoria profissional e coordenações dos cursos de Terapia Ocupacional do País. A nova proposta de currículo mínimo, elaborada pelas referidas entidades, foi aprovada pelo Conselho Federal de Educação em 1982. Esse currículo foi implantado em 1985 em todos os cursos do País. (Anexo5)

Como nos relembra a professora Eliana Furtado, em seu relato histórico, por essa época, ou seja, após a formação das primeiras turmas,

Veio a fiscalização do MEC, as nossas avaliações do MEC elas sempre foram avaliações muito boas no que diz respeito ao comprometimento dos docentes com o curso, o comprometimento também do grupo de professores não terapeutas, dos alunos e a parte pedagógica do curso, nós sempre pecamos na questão da infra-estrutura, então naquela época nós tínhamos grandes dificuldades com relação a alguns laboratórios, nós tínhamos problemas com a clínica, que recém nós estávamos tentando estruturar e foram coisas pontuadas que deveriam melhorar, a biblioteca, por exemplo.

Continua na sua reflexão, afirmando que:

Nós pecamos na infra-estrutura e pecamos na questão da biblioteca e o resto a gente é bem conceituado isso é a história do curso, sempre foi, do ponto de vista do seu projeto político pedagógico mesmo ele tendo sido elaborado por um outro grupo de pessoas, foi se adequando a um novo perfil com maior comprometimento com as questões sociais o que chega a ser uma característica da própria profissão.

No ano de 1987, a Direção da Faculdade Ciências da Saúde introduziu discussões junto aos órgãos colegiados formais e instâncias informais da então

Faculdades de Ciências da Saúde. Essas discussões tinham como base analisar e questionar o modelo curricular vigente e identificar a formação ora desenvolvida.

No sentido de buscar alternativas ao modelo vigente e com o objetivo de reduzir as falhas da formação acadêmica, no período que se seguiu, foram introduzidas, nos cursos da FCS, atividades de ensino práticas "extra-muros", bem como projetos de pesquisa e de extensão.

Neste aspecto, a professora Eliana Furtado, contribui lembrando que:

Fazer a instituição comprometer-se com a questão mais social, foi um marco para nós, tanto que, todas as atividades de extensão foram iniciadas na instituição, pelo curso de TO, acho que isso é importante ficar registrado. A prática da extensão na instituição foi projetada pelo curso de TO e a gente conseguiu envolver, em 1986, a fisioterapia. A TO montou o projeto Vila, que era um projeto de extensão nas vilas comunitárias de Porto Alegre. Depois veio a Semana de conscientização do envelhecimento, quer dizer todo esse processo a gente veio trabalhando para tentar construir esta identidade no curso com peso forte, na questão da extensão e a questão da clínica da intervenção, porque na época não se falava muito em pesquisa, porque nós não tínhamos formação para isso, nenhum de nós tinha mestrado, recém estávamos fazendo as especializações.

Em continuidade ao processo de discussão, agora com o intuito de elaborar a nova proposta curricular, durante o ano de 1990, três professoras do departamento de Terapia Ocupacional, pertencentes à comissão criada com esta finalidade, introduziram discussões sobre as idéias básicas contidas em um projeto para reformulação do currículo.

O trabalho, desenvolvido no ano de 1990, possibilitou que os estudos sobre a situação do curso fossem mais detalhados e mostraram uma série de dificuldades quanto ao funcionamento e à estrutura do Curso. Entre as dificuldades destacava-se a existência de 33 professores, sendo que apenas 22% desse total possuía vinculação de dez horas semanais e o restante, 78%, variava de 2 a 6 horas semanais.

Este fato, além de impossibilitar um contato maior entre os docentes e, conseqüentemente, a discussão de aspectos específicos ligados à formação profissional (técnicos, acadêmicos e metodológicos), inviabilizava o estabelecimento de um compromisso maior com a vida acadêmica, maior participação junto ao departamento, ao qual estavam vinculados, e o próprio aperfeiçoamento pessoal através da criação e desenvolvimento de projetos de pesquisa (IPA, 2006, pg 25).

Em 1991, a referida comissão esboçou uma proposta intitulada, "*Projeto de Reformulação Curricular do Curso de Terapia Ocupacional - FCS/IPA*" (1991) na tentativa de estimular e dar continuidade ao processo de discussão sobre a necessidade de mudanças.

O processo de reflexão sobre o modelo curricular vigente, através de discussões junto ao corpo discente, docente e administrativo do curso objetivou levantar dados referentes à necessidade de reformulação curricular, sendo possível perceber a insatisfação geral com o currículo da época e o interesse por mudanças.

Um dos pontos, inicialmente levantados, foi de que a noção de currículo se restringia ao entendimento de grade curricular (conjunto de disciplinas, ordenação e carga horária). Foi necessário buscar referenciais teóricos para se pensar mais amplamente a questão curricular.

A partir da compreensão de que um currículo que visa a formação profissional, será decorrente do contexto cultural e da área de conhecimento envolvida, além de assumir a conformação das disciplinas a serem desenvolvidas, visando o desenvolvimento da competência para o exercício profissional, foram identificadas as questões a serem redefinidas quanto à estrutura e ao funcionamento do curso. Das questões identificadas foram destacadas as seguintes:

♦ A semelhança excessiva e prejudicial entre o ciclo básico do curso de Terapia Ocupacional e outros cursos da FCS - Fisioterapia e Educação Física que "reforçava o desconhecimento ainda significativo sobre o verdadeiro perfil do Terapeuta Ocupacional gerando um desinteresse pelo aprofundamento do estudo da atividade humana e seu potencial como instrumento de terapia e prevenção".

♦ A excessiva carga horária semestral e/ou anual em todas as séries, fazendo com que os alunos se sentissem impedidos de aprofundar estudos e participar de outras atividades paralelas de aprendizagem.

♦ As aulas práticas da área profissionalizante se constituíam insuficientes, desvinculadas de todo o restante das disciplinas teóricas.

O resultado desta análise levou à percepção de que o currículo em vigência estava ainda muito identificado ao modelo médico, privilegiando a doença em detrimento da saúde, da práxis alterada, da práxis íntegra, além de as disciplinas não se articularem, podendo oferecer ao aluno uma visão mais integradora de homem, conjugando os aspectos biológico, social, cultural e psicológico. Com estas constatações, foram propostos novos objetivos gerais para o curso:

Definir o perfil profissional que se desejava atingir, redimensionar o paradigma teórico para formação do terapeuta ocupacional, integrar conteúdos teórico-práticos desenvolvendo-os concomitantemente, reestruturar a vinculação dos professores ao curso, assegurar a integração entre atividades de ensino, pesquisa e extensão, e proporcionar uma maior eficácia na habilitação profissional do aluno. (IPA 2006 p 30)

Todas as inquietações vivenciadas neste período, quanto às questões curriculares e filosóficas do curso de Terapia Ocupacional, estão atravessadas por tudo que Caniglia (2001) e outros autores terapeutas têm nos trazido para pensarmos os fundamentos e a prática da nossa profissão. Penso nunca estarão sedimentadas de vez, pois, movimentar, rever, reorganizar, repensar e tantos outros res...são próprios do nosso fazer, do fazer terapêutico.

O projeto de Reformulação Curricular do Curso de Terapia Ocupacional da FCS/IPA foi implantado em agosto de 2000 (Anexo 6), sendo que a realidade atual apresentando uma melhoria da capacitação do seu quadro docente, e uma reformulação dos fundamentos teórico-filosóficos que embasam a formação do profissional e do modelo de ensino adotado. Porém, sua carga horária e grade curricular exigiram investimento financeiro muito alto. Em fins de 2005 foi solicitado

pela direção geral uma revisão na grade curricular. Em janeiro de 2006 foi implantado um novo currículo com o objetivo de tornar o curso mais compacto em relação à grade curricular, sem no entanto, perder a qualidade da formação. Mas, oferecendo ao aluno um curso cujo valor financeiro seja mais acessível. (Anexo 7)

O Curso foi reconhecido pela World Federation of Occupational Therapists (WFTO) em 1999, sendo o terceiro no Brasil a obter o reconhecimento oficial da referida entidade.

Tendo como referência a Proposta Político Pedagógica (PPP), (IPA,2006) do curso de Terapia Ocupacional passo a apresentar os objetivos do curso assim como o perfil profissiográfico do profissional a ser formado.

O curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário Metodista tem por objetivo geral: “Formar profissionais capacitados para desenvolver ações no campo da Terapia Ocupacional, bem como, serem agentes de transformação social desenvolvendo uma atuação competente e engajada nos processos de mudança social comprometendo-se com a transformação da realidade e fazendo a articulação entre educação-trabalho-saúde, em uma sociedade concreta, com vistas ao resgate do homem enquanto sujeito histórico” (IPA 2006, p 36).

E por objetivos específicos:

- ◆ Capacitar recursos humanos para o desenvolvimento de ações de saúde em geral e específicas de Terapia Ocupacional, tendo como meta maior a inclusão social e comunitária da clientela alvo;

- ◆ Priorizar a formação acadêmica dentro de uma perspectiva de ação interdisciplinar contemplando os três níveis de atenção em saúde: prevenção, tratamento e reabilitação;

- ◆ Formar profissionais sintonizados com as políticas de saúde pública, capazes de ações eficazes e adequadas a nossa realidade político-econômica-socio-cultural, pautada por princípios éticos e pelo rigor científico e intelectual;

- ◆ Desenvolver processos de ensino-aprendizagem das metodologias específicas de Terapia Ocupacional considerando um leque amplo de ações e estratégias nesta área, através da permanente integração entre teoria e prática;

- ◆ Oportunizar o desenvolvimento de pesquisas e produção de conhecimentos específicos na área da Terapia Ocupacional. (IPA 2006, p36)

O perfil profissiográfico do profissional a ser formado é assim definido:

Profissional com formação generalista, humanista, crítico e reflexivo capaz de atuar nos diversos âmbitos do serviço público, no campo clínico-terapêutico e preventivo das práticas de Terapia Ocupacional, baseado em princípios éticos e no rigor científico e intelectual, objetivando a inclusão social da clientela atendida (IPA 2006,p 37).

Também deverão ser considerados os seguintes eixos temáticos como norteadores da matriz curricular, que subsidiarão as práticas pedagógicas, estágios curriculares e laboratórios:

- ◆ Fundamentos filosóficos, sociológicos e antropológicos da condição humana

- ◆ Bases conceituais das ciências biológicas e psicológicas

- ◆ Bases conceituais do processo de aprendizagem do ser humano

- ◆ Pressupostos teóricos da ocupação

- ◆ Conceitos de saúde e doença

- ◆ Bem-estar e desenvolvimento da autonomia

- ◆ Normalidade/desvio, inclusão/exclusão

- ◆ Desempenho funcional e ocupacional

- ◆ Recursos tecnológicos e terapêuticos

- ◆ Princípios éticos e de cidadania e exercício profissional (IPA 2006, p 42).

O Curso tem, como principal norteador, a promoção de ações visando a inclusão social dos grupos e minorias que se encontram excluídos dos processos sociais seja por doença e/ou qualquer outra problemática contingente que interfira em seu desenvolvimento pleno enquanto ser humano e cidadão.

Quanto ao mercado de trabalho, o PPP (IPA,2006), considerando a realidade do nosso estado, projeta que: As perspectivas futuras estão na ampliação profissional da área Física e de Saúde Ocupacional. Na área Física, devem ser expandidas as intervenções voltadas ao planejamento, confecção e treinamento de órteses e adaptações, também adaptações de ambientes e desenvolvimento de Tecnologias Assistivas.

Nas áreas da saúde ocupacional, o papel do profissional vai se delineando a partir de intervenções específicas em organizações empresariais, na prevenção de doenças ocupacionais, junto a trabalhadores em situação de risco ou necessitados de ações de reabilitação decorrentes do trabalho.

A possibilidade desta perspectiva parte de uma maior ênfase na formação acadêmica, nestas áreas, até então pouco priorizadas, através de estratégias para abertura de mercado de trabalho geradas através de ações de pesquisa e extensão (IPA, 2006).

Além destas áreas que estão sendo estimuladas, já existe uma boa inserção nas áreas da gerontologia, se pensarmos que a longevidade hoje no Brasil já é um fato e a todo momento estão sendo criados programas que atendam à “terceira idade”; da neurologia; psiquiátrica; adulto e infantil.

Também deve-se considerar que, com a municipalização da saúde, as prefeituras então tendo que cumprir as exigências em leis, que determinam equipes completas para atendimentos às populações atendidas nas Unidades Municipais de Saúde e em programas de atendimento na área Social. Algumas resoluções do Sistema Único de Saúde (SUS) já determinam a presença de terapeutas ocupacionais em equipes hospitalares.

No ano de 2003, foi realizada pesquisa com dados estatísticos e qualitativos sobre a absorção do profissional de terapia ocupacional no mercado de trabalho e áreas de atuação que mais estão empregando. O que se pode constatar foi uma grande inserção, cerca de 70% dos profissionais pesquisados numa mostra de 90 profissionais (Garcia 2003-2005).

O terapeuta ocupacional, como outros profissionais de saúde, é preparado na sua formação educacional basicamente para uma atuação clínica não recebendo nenhuma orientação para docência. Que vai representar certa dificuldade ao assumir o lugar de professor de terapia ocupacional, apontando então a diferença entre o fazer docente e o fazer terapêutico.

No início do curso, necessitando ampliar o seu corpo docente e havendo falta de profissionais no Estado, foi necessário que a instituição abrisse edital nacional, na intenção de recrutar profissionais de fora do Estado. Algumas profissionais vieram e com isso o curso foi crescendo. Eram todas mulheres, que trouxeram consigo seus conhecimentos, suas experiências e seus projetos de trabalho.

A profissão também se desenvolveu por conta das terapeutas ocupacionais, que para supervisionar o estágio curricular tinham que estar nos locais onde este acontecia, intervindo, atendendo. Por vezes, as instituições, que inicialmente se

ofereceram para receber os alunos, reconheceram o valor do trabalho terapêutico, e contrataram alguns desses profissionais.

A professora Eliana Furtado recupera em seu relato que a criação da Clínica do curso de Terapia Ocupacional demandou muitas discussões, uma vez que se apoiava numa proposta de autonomia, fugindo do modelo médico, ao qual a TO ainda estava tão atrelada. Foi um momento difícil, mas que acabou sendo superado pela coragem de “bancar” o atendimento, agindo com autoridade em realizar os atendimentos apenas pelo encaminhamento. Ainda segundo a depoente, foram necessários dez anos para que se ganhasse credibilidade no mercado. Hoje, podemos dizer que nestes quase vinte anos de funcionamento, apesar de passar por algumas crises, já foram atendidos mais de 8 mil pessoas, alcançando o status de ser referência de intervenção de TO na cidade de Porto Alegre.

Outro aspecto levantado pela professora Eliana Furtado, é a importância do curso para a expansão e a consolidação da profissão de Terapia Ocupacional, no Rio Grande do Sul, dizendo que ,

Com o nascimento da clínica, nós todas nos autorizamos a ter sua prática de consultório, porque se era possível na clínica, era possível fora da clínica. Foi um período também muito fértil para que TO professores, além da docência pudessem ter suas intervenções particulares de TO”. E ressalta, ainda, “Então eu acho que a Universidade, toda formação do curso de TO, estou falando uma coisa ufanista, mas eu acho que do jeito que a gente estruturou o curso e a profissão, e foi construindo essa identidade de TO aqui no RGS, é uma construção de universidade. Acho que a Universidade ela tem esse papel, entende, nós fomos na essência uma universidade, sem até saber que nós estávamos sendo. Acho que nós não tínhamos essa consciência, isso foi algo inconsciente nosso, mas o que a gente produziu foi um papel de universidade, de produzir conhecimento, de fazer inserção, de produzir autonomia, de gerar novos conhecimentos e de gerar outros saberes. E eu acho que isso a gente fez, até mesmo para instalar esta identidade de TO”.

Quanto à composição do quadro de docentes do curso, alguns ex-alunos, muitas das vezes recém formados, tornaram-se professoras do curso. Algumas das profissionais, vindas de outros estados como São Paulo e Bahia, haviam retornado aos seus locais de origem ou teriam ido para novos cursos em outros estados. Estes terapeutas recém-formados assumiram, algumas vezes, o lugar de professores dos quais tinham sido monitores.

As atividades de monitoria iniciaram tão logo os cursos foram se consolidando e caracterizam-se por favorecer o aprimoramento do processo ensino-aprendizagem oferecendo aos/às estudantes, regularmente matriculados/as, a iniciação à atividade de docência, sob a orientação de docentes da instituição. Voltada para as disciplinas específicas, preferencialmente disciplinas laboratoriais, previstas na matriz curricular dos cursos de graduação, as atividades de Monitoria objetivam estimular o/a discente para a carreira de docente e de pesquisador/a, aprofundar conhecimentos específicos dentro da disciplina a que o/a Monitor/a estiver ligado, permitir o auxílio e/ou enriquecimento dos conteúdos por parte de discentes que apresentem dificuldades na disciplina em questão e promover a cooperação entre discentes e docentes na busca da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão. Desta forma, a instituição espera estar atribuindo à vida acadêmica com um adicional de qualificação profissional (IPA,2004).

No início do Curso da Terapia Ocupacional, da FCS, o engajamento dos docentes em programas de pós-graduação era inexpressivo, as pesquisas e a produção teórica em terapia ocupacional eram quase inexistentes. A instituição, por sua vez, não tinha programa de apoio à capacitação, o que hoje está modificado. Existe, atualmente, um empenho da Reitoria em estimular que os professores ingressem em programas de pós-graduação para se titularem. Também há um empenho da instituição em programas de extensão e em projetos de pesquisa. Em 2007, pretende ter seu quadro de professores seja composto,exclusivamente, por mestres e doutores.

O perfil dos alunos de TO foi se modificando com o passar dos anos. A professora Eliana afirma que:

O aluno na década de 80, vinha porque ele não passava em outros cursos, por exemplo, medicina, não passava na fisioterapia, ele via um currículo muito médico, próximo da medicina, se identificava com aquilo. Da década de 90 em diante, mesmo com essa evasão, foi havendo uma maior conscientização, a gente foi crescendo enquanto curso, enquanto profissão, foi colocando mais turmas no mercado de trabalho e ai começou a vir alunos que queriam TO e alunos que não passavam em outras profissões continuavam a vir, havia uma mescla desses alunos. De 1998 em diante esta realidade mudou de forma muito significativa, 1º porque o aluno já vem com uma compreensão do que é a profissão e a grande maioria já vem por escolha individual, eu quero Terapia, e não mais por não ter passado em outro curso,

vem para fazer Terapia Ocupacional, e isso repercute na evasão, que está diminuindo.

Ao encerrar esta sessão, é importante poder ressaltar que o curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário Metodista IPA nasceu para formar terapeutas e ocupar um espaço profissional no sul do país, pois no restante do Brasil já existiam escolas formando terapeutas ocupacionais. Desde então, vem cumprindo o seu objetivo, buscando sempre se lançar em desafios. Dentre os projetos assumidos pelo Curso destacam-se os seguintes: em 1984, quando, apesar de recém-estruturado, sediou o 1º Congresso Latino americano de Terapia Ocupacional; promoveu, em conjunto com outras escolas, e acolheu, em Porto Alegre, duas edições do Encontro de Docentes de Terapia Ocupacional; lutou e garantiu, em 1985, a criação da Clínica do curso de TO; em 2001, organizou em conjunto com a Associação dos Terapeutas Ocupacionais do Rio Grande do Sul (ATORGS), gestada e fundada a partir de um movimento que nasceu dentro do curso, o VII Congresso Nacional de Terapia Ocupacional; revisou e elaborou novos currículos sempre que necessário, visando permanentemente, melhor qualificar a quem forma, atualizando-se na sua epistemologia e refletindo sobre a prática docente. Essa caminhada culminou com a nota 4 (quatro), como resultado da avaliação do Exame Nacional do Desempenho ENAD/MEC que a todos nos orgulhou e gratificou.

Para esta trajetória de construções foi imprescindível a união de várias pessoas que dentro do curso investiram e continuam a investir suas forças, ideais, desejos e planos. Tivemos várias lideranças, cada uma com seu estilo deixaram uma marca. Porém, tem um diferencial, tem uma possibilidade, tem uma energia, tem uma coisa que vem de dentro, que consegue construir muito de tudo isso, que consegue contagiar à todos com entusiasmo, com o ideal mesmo de fazer a TO crescer e fazer o curso crescer para que pudéssemos ser grandes, no Rio Grande do Sul e no Brasil. Falo da Professora Eliana dos Anjos Furtado que veio da Bahia e ficou e se tornou uma referência para todos quanto buscaram a profissão de Terapeuta Ocupacional no IPA, e que mesmo que tenham surgido novas lideranças, sua coragem e fé de que ajudaria a construir a Terapia Ocupacional é parte da nossa cultura acadêmica.

CAPÍTULO 3 OS CAMINHOS PERCORRIDOS
PELOS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS

3 OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELOS TO COMO DOCENTES NO CENTRO UNIVERSITARIO METODISTA /IPA (1980-2006)

3.1 E ASSIM INICIOU A CAMINHADA RUMO À DOCÊNCIA

Nesta seção serão retratados os primeiros passos dados pelas terapeutas ocupacionais que desejaram um dia construir uma trajetória docente. Descreverei como souberam da existência da vaga de professor e que exigências administrativas tiveram que cumprir.

Considerando que a profissão é recente no Estado e que durante anos o curso existiu apenas no Instituto Porto Alegre, praticamente não havia terapeutas ocupacionais com experiência de professora. Por isso a questão de ter ou não vivência com sala de aulas, nem sempre foi preponderante na hora da seleção docente, nos primeiros anos de existência do curso.

Com experiência ou não na docência, a verdade é que todas se dispuseram a enfrentar uma seleção para dar aulas, chegando ao IPA porque recebeu um bilhete, um e-mail ou por um contato verbal. O meio não importa, o que conta realmente é que depois desta etapa inicia-se uma nova etapa em suas vidas, ser professora do curso de TO do IPA.

Nos primórdios do curso de Terapia Ocupacional precisava-se de uma terapeuta ocupacional para assumir a Coordenação, substituindo a que implantara o curso. Mais uma vez a coordenadora não era daqui do Estado, pois a primeira era paulista. Chega então da Bahia para o IPA, a terapeuta ocupacional Eliana Furtado, que inicia dando aulas em disciplinas específicas da TO. A Coordenação só lhe seria entregue algum tempo depois. Mais precisamente em 1982.

A professora Eliana Furtado lembrando este momento tão decisivo em sua vida fala: *“Só tinha 22 anos e um ano e meio de formada, isso significava pouca experiência, e muita coragem”*. Na verdade, existem momentos na vida que são os

mais propícios para tomadas de decisões, decisões essas de tamanha grandeza, que com o passar dos anos é que se percebe, o quanto foram importantes e definitivas. Quase sempre na juventude nos desafiamos mais, pois pensamos poder tudo.

Nos mais de vinte anos de existência do curso de TO, pode-se perceber que existiram várias formas de chegar à função de professor. Na modalidade substituição, terapeutas recém formadas indicadas para substituírem ex-docentes, houve algumas experiências interessantes.

A professora Maria Inês Garcia, que em 1983, foi a primeira monitora do curso de Terapia Ocupacional, substituiu a professora Suzete Leite Bertolote, com quem tinha trabalhado. Da mesma forma, a professora Rosane Freire lembra da responsabilidade que foi substituir a professora Maria Luiza Valtier Teixeira, que lhe deu aula, e que ao sair do Instituto Porto Alegre, a recomenda para ser sua substituta, pois a tinha tido como sua monitora e confiaria a ela a disciplina de Terapia Aplicada.

A professora Rosane Freire, que recém-formada assumiu a docência em março de 1989, nove meses após a formatura, ressalta a coragem que teve quando diz; *“Algumas coisas ficaram, ainda muito forte daquela época. Então foi bem legal acho que foi um desafio realmente, às vezes eu fico pensando não sei se hoje, se isso tivesse acontecido hoje se eu toparia...”*. Ambas eram estimuladas pelas mestras, que por várias vezes colocavam-nas na responsabilidade de dar a aula, embora se mantivessem em sala. Dessa forma começaram a sua trajetória docente. A monitoria dentro da perspectiva institucional tem por uma das tantas finalidades preparar o aluno para a docência.

Já a terapeuta Kátia Barfknecht é convidada para substituir sua colega na supervisão de estágio, que entraria em licença. Sente-se estimulada a vivenciar o desafio de supervisionar e nos revela, *“fiquei super a fim de experimentar para ver como é que era, e a partir daí nunca mais sai”*. Nem sempre o caminho iniciou pela sala de aula, esse compromisso acaba sendo uma conseqüência natural.

Assim aconteceu com outras terapeutas, cuja entrada na docência se deu pela supervisão de estágio, que implica em exigências específicas, as quais estão relacionadas aos fundamentos da profissão, mas respaldadas também em uma vivência significativa da prática terapêutica. Na seqüência torna-se inevitável a ida para a sala da aula, pois além de ser um desejo do supervisor, passou também a ser uma exigência institucional.

Algumas das Terapeutas Ocupacionais³ entrevistadas relatam que chegaram ao curso depois de saberem, quase sempre por uma outra pessoa, que havia uma vaga para o ingresso de uma nova professora. Independente da situação ou do momento administrativo, o processo de admissão sempre aconteceu por edital externo, porém a seleção não cumpria com rigor as etapas administrativas por estar o curso em processo de amadurecimento. Além disso, o número de terapeutas formados era pequeno e o mercado de trabalho ainda restrito. Com passar dos anos, a oferta passou a ser maior, havia mais profissionais trabalhando com título de especialista, e o processo seletivo passa a ser mais rigoroso.

Em dois depoimentos evidencia-se que foi necessário participar por duas vezes do processo de seleção. A segunda tentativa estava quase sempre apoiada por um amigo que apontava valer a pena o investimento, pois a vaga continuava disponível. Ter-se candidatado a uma nova oportunidade de seleção foi decisivo para algumas professoras. A professora Rosane Schmiedt relata que *“a necessidade de preparar um material para ser apresentado no momento da segunda seleção, talvez tenha sido um diferencial para que enfim fosse contratada, pois o primeiro colocado não comprovou experiência de trabalho na área solicitada”*. Mesmo sendo a segunda opção para a vaga, a Terapeuta Ocupacional pode se certificar de que tudo tem seu momento e que o seu havia chegado.

2 Estarei falando no feminino, porque todas as entrevistadas são mulheres. Cerca de 95% de terapeutas no Brasil são mulheres. Dados iniciais da pesquisa “Quem somos, que fazemos e para onde vamos”, de Carmen Teresa Costa Souza (1997).

Em 1997, havia necessidade da Instituição ajustar-se à nova Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, pois estava em processo para tornar-se Centro Universitário IPA, e decidindo cumprir à risca a determinação da lei. Isso é, ter no seu quadro de contratados, somente docentes titulados, passando a exigir de seus professores a titulação através da formação continuada e contratando candidatos que já fossem portadores dos títulos de mestrado e doutorado ou que os estivessem cursando. Para isso, foi necessário buscar inclusive, fora do Estado quem atendesse às exigências para preencher suas vagas disponíveis. Em determinadas áreas de atuação da Terapia Ocupacional ainda existe a carência de profissionais devidamente habilitados, como Órtese e Prótese e Tecnologia Assistiva (que trata da acessibilidade), o que acabou sendo determinante para que o processo de seleção tomasse características diferentes do formato comumente utilizado.

Atendendo a essa situação é que Cristiane Lindermayer, que morava em São Paulo, soube por uma colega que havia uma vaga no curso para Terapeuta Ocupacional pra quem fosse especialista em Órtese e Prótese. O rápido contato com a coordenadora foi fundamental para a imediata contratação, uma vez que, pela especificidade da área não se encontrava candidata, aqui na região.

Para participar da seleção, em determinados momentos, foi necessário ter uma identificação com a disciplina a ser ministrada, pois era imprescindível conhecimento científico e práticas específicas. Por isso, o aviso da vaga tinha endereço certo, ou seja, eram alertadas sobre o edital, pessoas que teriam grandes chances de preencher a vaga. Isso ocorria porque se conhecia a trajetória do profissional lembrado. Como aconteceu com a colega que recebeu um bilhete dizendo, “precisamos de uma professora para ART (Atividades e Recursos Terapêuticos), é a tua cara a disciplina, vai lá preencher o edital”.

A personalidade do convite ocorre porque ainda não se constituiu um número expressivo de profissionais no mercado de trabalho, em nosso Estado e, então, tem-se a possibilidade saber o que estão fazendo, em que especificidade estão atuando os terapeutas ocupacionais.

Partindo desse princípio, quando se toma conhecimento de que vai haver seleção, a notícia corre de "boca em boca". Tradicionalmente, quando é aberto um edital para preenchimento de vaga, em geral as colegas vão se comunicando e as Terapeutas Ocupacionais, que estão ligadas à área correspondente ao edital, são avisadas. Isto tem dado ao grupo uma aproximação que reflete na coesão de interesses para lutar pelo crescimento do curso e da profissão no Rio Grande do Sul.

No transcorrer dos anos o curso foi amadurecendo o processo seletivo. Atualmente, com o crescimento institucional, existe um setor administrativo responsável, não há mais envolvimento do curso na seleção de pessoal, porém ainda é muito presente a preocupação de avisar aos colegas sobre a vaga.

3.2 AS HISTÓRIAS PESSOAIS QUE AJUDARAM A CONSTRUIR ESTE CAMINHO

Assim como em outras formações técnicas, também a Terapia Ocupacional não inclui em seu currículo disciplinas que preparem o profissional para ensinar, função que será desenvolvida quando um terapeuta entra em sala para dar aula e formar novos TO. Ensinar é muitas vezes um ato tão sutil que não percebemos o quanto está presente na vida. Estaremos vendo a seguir como cada terapeuta foi construindo sua prática docente.

Para as professoras pesquisadas, as primeiras lembranças relacionadas ao ato de ensinar, estavam relacionadas com algum tipo de ação educativa, que viveram em sua história de vida inclusive as experiências discentes. No transcorrer da vida de estudante são muitos os professores que vão deixando marcas. Mesmo o aluno que não se sinta tão influenciado pelos mestres, haverá um momento que acabará por reconhecer que alguém fez a diferença.

Por essa razão, um professor precisa estar atento, pois seu fazer deixará marcas significativas. Paulo Freire sugere "*sua presença em sala de aula é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos*" (1996, p 65). Um dia, quem sabe, algum aluno irá buscar em

suas lembranças um professor de referência na época do colégio ou da faculdade, se estiver desejando construir uma carreira docente, e isso poderá ser um bom início.

Quando se aceita o desafio de estar dentro de uma sala de aula desempenhando o papel de docente, e não se está habilitado para isso, ainda que se tenha um profundo conhecimento técnico-científico da área da Terapia Ocupacional, é necessário estar apoiado em um modelo. O que fazemos nesta situação é lembrar dos professores que tivemos. Trago então a reflexão de Grillo: *“É freqüente o professor orientar-se pela memória afetiva e procurar reproduzir ou evitar desempenhos conhecidos por ele enquanto aluno, ou, já como professor, imitar algum colega que o influenciou”* (2003, p 4).

A professora Dani Laura lembra que ainda adolescente ensinou catequese e teve a sensibilidade de perceber a dificuldade de uma criança. Tal percepção levou-a a buscar uma forma adaptada de fazer a avaliação sem causar constrangimento à menina. Quando recorda isto, identifica que desde então algo lhe apontava para uma futura docência, pois mesmo quando se ensina uma criança a rezar ali se configura um processo de ensino-aprendizagem. Recordando o seu tempo de aluna, refletindo sobre a prática de um determinado professor, diz *“eu não quero ser isto, eu não quero fazer isto”*. Portanto, é necessário selecionar o que de melhor se teve na experiência e aprimorar ainda mais na prática docente atualmente desenvolvida.

Da sua vida pessoal a professora Maria Marta Orofino traz as vivências de quando ministrava aulas de balé, desde muito jovem, e que isto a fez criar uma organização entre as atividades que teria que desenvolver e o tempo disponível de aula, de forma que pudesse apresentar sua aula a contento. Segundo seu relato isto foi levado para o início da sua prática docente, no curso de Terapia Ocupacional.

Durante as entrevistas, as pesquisadas se identificaram como filhas de professores e relataram que, mesmo por um atalho que a vida construiu, o mito familiar se repetiu. Esses relatos nos fazem pensar que buscar uma profissão que se diferenciasse dos pais fosse quebrar um rito instaurado. No desejo de seguir uma profissão diferente não perceberam que a Terapia Ocupacional poderia contemplar

também um processo ensino-aprendizagem no seu fazer, ainda que não fosse em uma sala de aula. Cinco entrevistadas, embora tenham ido buscar uma profissão diferente da que tinham os pais, não conseguiram fugir à força da referência familiar fazendo a sua marca, diz uma delas, *“me criei no meio de professores”*, ou seja, a questão da docência esteve sempre presente em sua vida. Estas terapeutas ocupacionais, conscientes ou não, acabaram por se envolver com a docência propriamente dita e se tornaram professoras, assim como seus pais.

Uma das terapeutas que buscou construir um outro caminho profissional na tentativa de modificar a trajetória de trabalho das mulheres da família não conquistou essas mudanças, pois ser professora, provavelmente fosse inevitável. Conforme relata a professora Eliana Furtado, *“tinha muitas tias professoras primárias porque também na época a ascensão profissional das mulheres era com a docência, era ser professora, era justificado que a mulher trabalhasse desde que fosse ser professora”*. Assim como nos aponta Novaes “o magistério, entendido como um prolongamento das atividades maternas, passa a ser visto como ocupação essencialmente feminina e, por conseguinte, a única profissão plenamente aceita pela sociedade, para a mulher” (1992, p 22).

Para a professora Kayla Aguiar, *“por ser de uma história de família só de professoras”*, foi preciso começar por outra profissão para em fim chegar a sala de aula e seguir a herança familiar. A terapeuta ocupacional Maria Cristina que primeiro escolheu fazer magistério, seguindo os passos da mãe, desde adolescente começou a dar aulas, inicialmente para crianças, depois para jovens e adultos. Quando chegou à docência superior em Terapia Ocupacional havia passado pela preceptoria e pela supervisão de estágio, estando familiarizada com os aspectos inerentes ao trabalho docente.

Ainda apoiadas nas histórias pessoais, as professoras entrevistadas remexem suas memórias e trazem para os depoimentos lembranças da infância. Brincar de professora quando criança, um dia virou verdade. Essa foi a experiência vivida por várias das depoentes, mas para professora Eliana Furtado, em especial, a brincadeira produziu mudança na vida de algumas pessoas. Na fazenda da família, onde morava, ensinava aos trabalhadores e a seus filhos, o que aprendia na escola,

deste jeito fez chegar a várias pessoas o conhecimento das letras, o que com certeza fez diferença para eles. Conta ainda que muito criança, era colocada a substituir as professoras de sua escola, quando estas faltavam, pois as freiras perceberam sua habilidade para o magistério. Mas escolheu não ser professora por formação. Talvez porque sua constituição, enquanto sujeito, já fosse atravessada pela docência, ser professor era algo que já estava dado em sua vida. Esta constatação se dá durante a entrevista quando ao contar trechos da sua história de vida ela produz um *“insigth”*, e segue dizendo que não teve escapatória, logo que se formou em Terapeuta Ocupacional, iniciou sua carreira docente como professora do curso de Terapia Ocupacional no IPA.

Durante os depoimentos, a professora Eliana Furtado, foi descobrindo que desde muito cedo foi se constituindo professora pelas experiências que vivenciou desde a infância. Muitos foram os professores que fizeram parte do seu imaginário, e ajudaram-na em cada etapa do seu desenvolvimento pessoal a imprimir a marca da profissional que se revelou. Isso se evidencia quando diz *“na minha infância tive três grandes professores”*.

No caso de um terapeuta ocupacional que começa a desempenhar o papel de professor, poderá lhe faltar referencial teórico sobre didática, que possa sustentar este fazer. Com certeza a maioria dos Terapeutas Ocupacionais no início da prática docente, usou de seus professores como referência para ajudar a construir seu próprio jeito de dar aulas.

Sendo assim, pode-se observar na fala das depoentes, quando perguntadas sobre as referências que buscaram, quase todas relatam que retornaram aos tempos de aluna e foram encontrar o professor que mais lhes tinham marcado. Aparecem frases como *“Me espelhei em alguns professores da Terapia Ocupacional”*, *“eu fazia como ela (a antiga professora de TO) fazia, 1º e 2º semestre eu procurava fazer como ela fazia”*. Assim a partir de cada um dos modelos foi possível buscar inspiração para constituírem-se professoras tanto ministrando aulas como supervisionando estágios. Uma prática profissional pode estar inicialmente calcada em um modelo.

Desta forma, o que se faz é repassar o conhecimento sem estar dele apropriado, ainda que tenha feito uso para seu fazer terapêutico, porém como nos provoca Paulo Freire:

(...) o professor re-conhece o objeto já conhecido...refaz sua cognoscitividade na cognoscitividade dos educandos. Ensinar é assim a forma que toma o ato de conhecimento que o professor necessariamente faz na busca de saber o que ensina para provocar nos alunos seu ato de conhecimento também. Por isso, ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico. A curiosidade do professor e dos alunos, em ação, se encontra na base do ensinar a aprender (2003, p 81),

Apesar das marcas trazidas do tempo de alunas, cada profissional acabou por encontrar o seu estilo. Na fala da professora Rosane Freire *aparece “a segunda vez eu já inseri coisas minhas transformei a disciplina e gradativamente eu fui modificando”*, e continua *“a forma como ela colocava, até o material dela eu levava para a sala de aula, porque ela me deixou tudo, depois eu comecei a construir”*. Fica evidente o desejo de compor gradativamente a sua identidade de professora. Para Paulo Freire “o ato de ensinar e de aprender, dimensões do processo maior - o de conhecer - fazem parte da natureza da prática educativa”(1992, p 110).

Nessa diversidade de exemplos de professores que o aluno leva pela vida, algumas são extremamente gratas e ajudam a compor a prática profissional de forma positiva. Porém, não se pode deixar de reconhecer que as experiências que no passado pareciam tão negativas, no momento em que as entrevistadas se tornaram docentes, percebem que estas experiências não tão boas mostram-lhes o que não fazer.

O importante nessa transição, para uma identidade própria de docente, é estar sempre refletindo sobre a sua prática. Quando nos tornamos professores é preciso lembrar que quando aluno, fazia-se críticas aos professores que se teve e dessa mesma forma pode-se também ser criticado.

O curso de Terapia Ocupacional tem na professora Eliana Furtado um forte referencial, como se pode perceber na fala da professora Rita Buttes *“a gente queria*

ser uma TO como a Eliana". Na verdade, esta professora perpassa quase todas as falas das depoentes. Vários foram os professores citados no transcorrer das entrevistas, que serviram para ancorar a prática de iniciantes no ofício da docência. Muitos nomes foram lembrados, mas apesar de tantas lembranças apenas alguns se tornaram referenciais determinantes. Nesse caso, foram identificadas pessoas em diferentes áreas de ação. Não só na hora que se entra em sala de aula é necessário buscar modelos para as atividades a serem desenvolvidas, mas também quando se faz supervisão de estágio, pois foi nesta modalidade que algumas TO iniciaram seu percurso na docência.

A professora Rosane Schmiedt deixa transparecer o afeto que acompanha a admiração que teve e tem pela supervisora que lhe marcou e passou a ser o seu modelo. Não só na forma de ser como profissional, mas também na maneira de se relacionar com o aluno. Recorda os atributos pessoais de sua mestra quando diz, *"a professora Kleide Martins foi uma pessoa fundamental na minha formação de todas as pessoas por que passei, pela qualidade de escuta e valorização que ela dava ao aluno"*.

Cada terapeuta ocupacional foi construindo sua docência a partir das suas experiências pessoais, que somadas ao conhecimento científico e à prática profissional, sustentaram inicialmente sua ação de professor. Para Tardif (2002), o professor é considerado o sujeito ativo de sua prática e a organiza a partir de suas vivências, de sua história de vida, de sua afetividade e de seus valores.

3.3 PRÁTICA DE TERAPEUTA OCUPACIONAL E A PRÁTICA DOCENTE: APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTOS

É possível ampliar-se o conhecimento ao resignificar os saberes, e assim enfrentar novos desafios e seguir caminhando. É o que se observa quando são analisadas estas partes dos depoimentos e perceber-se que sem dúvida a formação de Terapeuta Ocupacional contribuiu para o desempenho inicial de cada uma das entrevistadas, na sua prática docente, e que será tratado a seguir.

Desenvolve-se durante a prática clínica, posturas e condutas que em muito se assemelham com o que é proposto por Paulo Freire (1996), quando leva a refletir sobre que tipo de relação deve-se construir com os alunos. É necessário ser mediadores, assessores, possibilitadores? quem sabe? Mas para que essa relação permita tais papéis leva-se para a sala de aula percepções desenvolvidas no espaço terapêutico, por exemplo, lidar com as diferenças, não só as físicas, mas também as sociais, as emocionais as culturais. No entanto, isso não é suficiente, é necessário o professor lembrar, conforme diz Grillo (2004), que o aluno não constrói ou reconstrói seu conhecimento sozinho, precisa da ajuda do professor, que deve assumir o ensino como uma prática de mediação, debatendo, trocando idéias, propondo e analisando o novo.

Entende-se, logo cedo, conforme colocam as depoentes, que a turma de alunos não corresponde ao conceito de homogeneidade, tão antigo e rançoso, mas ainda presente nos dias de hoje. E é a partir do entendimento da heterogeneidade da qual está composta a turma, que se faz circular posições para que todos possam experimentar situações que tragam crescimento e desenvolvam o senso crítico. Para isso é necessário respeitar o tempo e ritmo de cada um, no sentido de buscar o que há de melhor dentro de cada aluno. Para Perrenoud (1997) o ensino numa abordagem por competência reconhece as diferenças no momento que os alunos são colocados em situações que aprendem fazendo e refletindo sobre os obstáculos encontrados.

Algumas características da formação do terapeuta ocupacional foram reconhecidas pelas pesquisadas como responsáveis por uma capacidade de adequação bem significativa ao ofício da docência. Foram feitas referências ao fato de que trabalhando com a diferença reconhece-se rapidamente que o respeito à individualidade do aluno pode ser um fator importante. Trabalhar com o cotidiano do paciente faz às terapeutas professoras ficarem atentas a como lidar com os imprevistos sem muita dificuldade.

A sala de aula coloca o docente em situações que o levam a ter de modificar o planejamento ou o rumo da aula. Essa capacidade, em geral, foi estimulada durante a formação nas ações terapêutica e levada para a docência quase de forma

imediate. Essa característica leva os alunos a perceberem a diferença entre as aulas dadas por uma terapeuta ou por um outro professor com formação em outra área.

Duas das depoentes lembraram que durante a formação de terapeuta ocupacional, ainda na situação de aluna, foram instigadas a ter *“jogo de cintura”*. Dessa forma, diante de uma situação não esperada, aprenderam buscar uma alternativa que resolva o problema criado, e desenvolveram nas práticas disciplinares habilidades que vieram a ser úteis quando se depararam com imprevistos em sala de aula, como professora. Essa forma de proceder encontra respaldo nos escritos de Perrenoud (1999) quando trata de produtos teóricos que integraram-se aos saberes aos quais tem acesso em sua memória e passam a fazer parte dos saberes potencialmente mobilizáveis, e em situação de incerteza utilizamos para agir e transformam-se no momento adequado em memória de trabalho.

Na verdade, o terapeuta ocupacional lida todo o tempo, no exercício da clínica, com dois aspectos muito importantes para o sujeito: a subjetividade e o fazer humano. Quando se atende ao cliente ou ao paciente faz-se uso de atividades como recurso para desenvolver a capacidade de construção de conhecimento de si e do mundo, levando sempre em conta a complexidade do ser humano. Para fazer o elo entre a Terapia Ocupacional e a Docência, busco Paulo Freire, que diz:

Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que ensina, aprende, outro que aprendendo ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve uso de métodos, de técnicas, materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivos, sonhos, utopias, ideais (1996,p.69).

Constata-se que a prática docente permite que se leve para dentro das aulas não só a experiência vivida enquanto técnicos para compartilhar com os alunos, mas também alguns desses recursos com algumas adaptações, ou seja, retira das atividades o cunho terapêutico e utiliza-se toda sua potencialidade para a sala de aula, reconhecendo a autonomia e independência que existe no aluno. Essas estratégias tornam-se ótimos recursos de desenvolvimento de aprendizagem,

subsidiando de forma muito rica a prática docente. Perrenoud (1999) ratifica esta situação, quando escreve que professores com origem em outra área de conhecimento, como por exemplo, arquitetos, médicos e eu incluo “terapeutas ocupacionais”, são preparados, não só através de sua formação teórica, mas também através do trabalho prático ou procedimentos clínicos, utilizando seus saberes teóricos, a transformá-los em saberes de ação a exercer sua transferência e integração .

Algumas terapeutas ocupacionais utilizam em suas práticas profissionais dinâmicas de grupo, vivenciando situações que são bem peculiares quando se está com o olhar e a escuta voltadas para diversas pessoas, mas levando em conta a singularidade de cada uma, buscando promover sempre a inserção nas diferentes instâncias sociais. Isso é uma experiência que sem dúvida vai dar uma boa sustentação ao fazer docente. No entanto, deve-se guardar as devidas diferenças entre um grupo de alunos e de usuários da Terapia Ocupacional.

De forma muito clara, algumas das terapeutas pesquisadas foram categóricas na constatação de que exercer Terapia Ocupacional é estar o tempo todo fazendo uma ação pedagógica, pois as intervenções terapêuticas são, uma interação do terapêutico com o educativo, dentro de um processo de conscientização do paciente em relação à saúde e ao desenvolvimento de novos hábitos e atitudes.

Neste ponto, retomo a Caniglia que escreve:

A Terapia Ocupacional atua com projetos de vida, com as atividades do cotidiano, com a rotina do indivíduo(...)Avalia e promove a saúde praxica (se refere as atividades essencialmente Humanas) atuando no potencial criativo, na ludicidade, na expressividade, na produtividade e na evolutividade humana,(...)Utilizando diversos meios como métodos e recursos avaliativos e terapêuticos (2000, p 33).

O que importa aqui é a percepção de que não se desenvolve a ação pedagógica só depois que se está numa sala de aula, mas já se vem realizando esta interação na prática clínica. Quando se faz a intervenção, por mais que seja terapêutica vai implicar na construção de um conhecimento. Em outros momentos, é necessário desenvolver algumas ações essencialmente educativas, mas é

importante poder reconhecer quando isto acontece para não perder o foco do trabalho, nem do seu objeto de estudo, o homem no seu fazer.

A intervenção da Terapia Ocupacional está baseada em ações, em vivências, em que o paciente ou o cliente reflete sobre o seu fazer e, em decorrência, pode estabelecer as mudanças que necessita. Dessa forma, o terapeuta professor tem o hábito de ilustrar o ensino teórico com exercícios práticos, onde o aluno consegue visualizar ou perceber melhor onde se articula a teoria e a prática. Isso aparece nos relatos, como necessidade do terapeuta que dá aula. O professor exercita com situações hipotéticas em sala, o que mais adiante o acadêmico estará vivenciando como fato real, nas práticas disciplinares.

Não só as experiências profissionais, mas também as pessoais podem servir de apoio em atividades docentes, basta que o professor saiba tirar disso um bom proveito. Como se percebe na fala da professora Maria Inês Garcia *...acho que mais as minhas experiências práticas extra-curriculares, que na verdade a minha formação acadêmica* “. E colocação da professora Patrícia Dornelles.....*Então a minha prática que foi sempre uma prática comunitária com esses diálogos de saúde, arte cultura e cultura popular, é o norte do meu perfil docente...*”.

A Terapia Ocupacional, por conter em sua grade curricular diversas disciplinas que possibilitam construir interfaces com diferentes áreas de conhecimento, favorece o trabalho interdisciplinar. O próprio fazer terapêutico, que coloca o profissional em contato com diversas situações do cotidiano, faz com que a sala de aula se torne um espaço onde se pode fazer uso de todas as vivências, enriquecendo seu trabalho docente com exemplos possibilitando visualizar a articulação teórico-prática.

Para a professora Maria Inês Garcia, (...)”*ensinar um paciente uma atividade, é um processo pedagógico bem diferente de uma prática docente*”. Esse recorte exemplifica a diferença entre as duas situações e que essas devem ser consideradas. Já no início de sua prática docente percebia isso, quando revela (...)”*eu sempre usei prática de grupo, eu sentia que faltava coisas, que aquilo era*

assim para dizer que você estava envolvendo o aluno, mas eu acho que ficava ainda devendo” .

O que se pode pensar com este relato, é de que vai haver sempre uma dúvida quando se inicia a prática docente, a questão é: o que estamos fazendo vai dar o resultado pedagógico que esperamos? É porquê nos interrogamos e colocamos nossa docência em questão que vamos buscar a formação continuada. Não somente nos cursos de pós-graduação, mas também nos espaços coletivos criados pelas instituições de ensino superior, no sentido de profissionalizar o professor, que chega à docência como profissional liberal e precisa refletir sobre suas dificuldades (Behrens, 1998)

Nos vários depoimentos, aparece a aproximação entre as ações docentes e terapêuticas. Para professora Eliana Furtado, uma coisa está impregnada na outra, por circunstâncias da vida. Essa participante praticamente iniciou nas duas funções ao mesmo tempo, embora tenha se formado em Terapia Ocupacional, logo a seguir assumiu o cargo de docente e desde então atribui que trabalhar com a questão da criatividade com o paciente lhe dá subsídio para o trabalho docente satisfatório. E revela (...)“*eu não consigo hoje mais separar TO de docência para mim isso já está tudo muito misturado*”.

Para a professora Maria Cristina as experiências se deram de maneira inversa. Primeiro foi professora e só depois terapeuta ocupacional, o que permitiu exercer com facilidade a condição de docente em nível superior, sem muita angústia. E pode-se conferir quando diz...“*eu fui de professora para Terapeuta no caminho inverso, depois eu saí de professora para ser TO*”; (...)“*tinha um fundamento anterior da educação então assim eu fazia os paralelos, então na minha cabeça eu ia costurando*”.

Vários são os relatos onde aparecem a lembrança de como foi a formação de TO que as participantes tiveram. Os professores, hoje, se empenham em fazer uma prática docente mais ajustada à exigência da formação, e percebem que o desempenho de professora melhora com o passar dos anos. Dá para pensar que da

mesma forma que revemos e reavaliamos o paciente e o plano de tratamento, também o fazemos com o planejamento de trabalho no magistério. Repensar a prática é uma constante na Terapia Ocupacional e com certeza é levado para a prática docente.

A posição em que cada profissional se coloca para desenvolver o seu trabalho é de livre arbítrio, e isso acontece tanto na Educação quanto na Terapia Ocupacional. Existem várias formas de abordagens, sustentadas em linhas filosóficas mais diversas, portanto a terapeuta ocupacional professora Rita Buttes, problematiza essa questão quando em seu depoimento diz:

Educação é também uma violência se tu fizeres com que o outro aja ou pense ou leia determinada coisa só por que tu achas que é importante, de que lugar tu estás falando? Está falando do lugar de educador. ...TO de alguma maneira tem isso porque o TO prescreve a atividade e o TO prescreve a revelia do paciente porque ele acha que deve ser bom para o paciente.

Tanto numa quanto na outra profissão não podemos impedir que isso aconteça. Devemos pensar em quem formamos e para que formamos, podemos refletir sobre o lugar teórico que estará ocupando o profissional que age de forma impositiva ou mediadora. Também deve-se refletir que tipo de Educação acredita e para que tipo de intervenção de Terapia Ocupacional estará junto com seus alunos construindo conhecimentos.

Podemos pensar que tanto a Educação como a Terapia Ocupacional formam o profissional para estar atento ao cotidiano e, dessa forma, possibilitar que na ação, seja terapêutica ou pedagógica, faça circular os papéis nos grupos ou na turma. Assim as experiências podem ser mais ricas e proveitosas para o aprendizado, instigando a formação de cidadãos terapeutas que como recomenda Lopes, “enfeixem a um só tempo o político e o técnico, o geral e o específico, o antigo e o novo, o elementar e o complexo” (1993 p.34).

No depoimento de algumas professoras, a relação que fazem entre a prática docente e a de terapeuta, é de que todo o aprendizado que se dá durante as atividades profissionais e as técnicas utilizadas no espaço terapêutico podem ser

levadas para a prática docente. Nessa perspectiva, as professoras ilustram as aulas com relatos de experiências profissionais, e estimulam os alunos a serem mais participativos, realizando dinâmicas de grupo nas quais é possível vivenciar algo do teórico.

É necessário articular a prática com a teoria, para que a construção do conhecimento se torne mais rica e consistente. Isto está retratado na fala da professora Kayla Aguiar (...) *“tinha atividade como grupo operativo, eu utilizo muito em sala de aula, então minha aula nunca é só expositiva eu tento fazer com que o aluno participe”*(...); Na mesma direção a professora Rosane Freire *“Hoje eu tenho certeza que a prática da TO, a nossa intervenção, é um processo pedagógico. Existe uma necessidade de se estruturar uma situação, assim como vai se estruturar uma aula.”*; e ratifica a professora Kátia Barfknecht *“(...)acho que se não tivesse prática não conseguiriam muito na teoria, porque se a gente pensa que é um possibilitador e um promotor, a gente fica nesse papel, na clínica e na sala de aula.”* Contreras pode nos ajudar a pensar nestas situações quando afirma:

A experimentação dos professores sobre sua própria prática se transforma na experimentação sobre o currículo que praticam, na pesquisa sobre a reprodução concreta em sua aula de uma seleção de conteúdos, determinados materiais e critérios para ensinar

Para a professora Rosane Freire, que iniciou a dar aula logo após a formatura, fica constatada a percepção de que a falta de vivência profissional, de experiência clínica, se revelou na dificuldade de poder subsidiar os conteúdos que eram passados para os alunos com relatos de situações experimentadas pessoalmente como técnico. Fazendo-a sentir-se tão somente uma repassadora de “saberes das disciplinas e dos currículos que os professores possuem e transmitem mas não são os saberes dos professores nem saber docente” (Tardif,2002 p 40).

A reflexão feita por uma das depoentes é de que embora usasse as práticas de grupo, o que a ajudou muito no domínio de turma, tinha algo que ficava devendo para o aluno e que durante um tempo não percebia o que era. No seu entendimento, não era dado pela formação de terapeuta ocupacional, mas que foi se modificando à medida que desenvolveu sua prática profissional, além de seguir na formação

continuada, com especializações e mestrado. Conforme constata Emmel quando fala da formação continuada do TO,

A pós-graduação contribuiu na prática docente através da melhoria da qualidade e métodos de ensino. Trouxe também melhoria do conteúdo disciplinar e facilitou o domínio do processo de aprendizagem do aluno, aumentando a fundação prática e a correlação desta com a teoria (p 39)

A profissão de terapeuta ocupacional traz na sua epistemologia estudos que levam a conhecer o Homem em todas as suas dimensões, quais sejam, física, psíquica, cognitiva, social. Além disto, abordam o que é a especificidade da Terapia Ocupacional, o fazer humano, talvez isto possa ser o diferencial para os professores técnicos com outras formações. Pode ser que essa característica nos aproxime da educação, fazendo com que de certa forma cada terapeuta, em um determinado momento da sua vida profissional, se sinta desafiado a ser professor e tenha conseguido inserir-se à nova carreira.

Para algumas terapeutas ocupacionais, o papel de quem ensina aproxima muito as duas áreas de conhecimento, uma vez que aos seus olhares a terapia ocupacional pela sua constituição teórica fez do terapeuta também um educador. Embora cada uma construísse sua própria trajetória todas iniciaram pela via da pedagogia em sua essência, se tomarmos a pedagogia conforme apresenta Jean Houssaye (2004),

...a pedagogia é a reunião mútua e dialética da teoria e da prática educativas pela mesma pessoa, em uma mesma pessoa, o pedagogo é antes de mais nada um prático-teórico da ação educativa. ...O pedagogo é aquele que procura conjugar a teoria e a prática a partir de sua própria ação” (p10).

A ação terapêutica necessita de um planejamento de uma organização assim como o trabalho docente mesmo que aconteçam imprevistos, não se pode perder de vista a metodologia do trabalho. Para uma depoente já existe a certeza de que a intervenção terapêutica é um processo pedagógico. E por isso a circulação de um campo ao outro fica apoiado no favorecimento que a epistemologia da Terapia Ocupacional dá ao profissional em fazer este movimento e até na sua própria produção de vida.

Para a professora Maria Cristina que primeiro foi professora fica mais fácil fazer esta transposição de lugar nas duas práticas seja de docente ou de terapeuta. Na sua fala aparece que,

Se pode fazer costuras, onde seja possível, tive didática no magistério, claro era um outro tipo, mas na minha cabeça eu consegui converter tranqüilamente nesse sentido... tudo da metodologia do ensino superior também fui olhar, olhar filosofia da Educação. Como será agora que vou me virar? Estudando muito conteúdo, organizando, me organizando, tinha que fazer uns cronogramas para algumas coisas acontecerem e um roteirinho, tinha que ter plano, tinha que seguir, tinha que ter flexibilidades, mas não podia ser muito flexível.

A diversidade dos conhecimentos que a Terapia Ocupacional nos possibilita construir, associado à especificidade da profissão, nos faz professores diferentes, assim reflete a professora terapeuta Maria Cristina, mas ressalta de deve-se ter um certo cuidado de diferir entre o paciente e com o aluno.

3.4 A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE E PROFISSIONAL.

A história docente de algumas participantes da pesquisa revela que as primeiras idéias que sustentaram o início da carreira de professor vêm das lembranças de quando ainda eram alunas, recordando das aulas e dos professores e de como foram ministradas determinadas disciplinas. É o que veremos a seguir.

A professora Rosane Schmiedt lembra deste tempo de aluna, e buscou subsídio nessa própria vivência para iniciar sua prática docente e diz que hoje, procura repetir com os alunos somente as experiências que foram boas e fazer diferente, as coisas que não lhe agradaram. Em um outro depoimento, Kayla Aguiar, mesmo tendo se formado em outro Estado, traz uma experiência parecida com a daqui do IPA. Como aluna aprendeu em sala de aula a trabalhar com dinâmica de grupo, essas situações vivenciadas passaram a fazer parte de sua prática profissional, como recurso terapêutico. Mais tarde como professora adaptou e vem utilizando na sala de aula, para ela tornou-se também um recurso pedagógico.

A especificidade da prática terapêutica fez com que algumas professoras circulassem pela Educação Popular podendo daí utilizar, como recurso de aula, atividades e técnicas que apresentavam bons resultados no cotidiano do seu trabalho. Isso as levou a refletirem acerca da Educação Popular dentro do espaço da universidade, uma vez que o currículo da Terapia Ocupacional é composto por disciplinas que tratam das questões sociais, dos movimentos sociais e da inserção dos sujeitos marginalizados. Há entre a prática docente e de terapêutica dessa professora uma conjugação de aspectos, levando a professora Patrícia Dornelles, a nos dizer “...*ela (educação popular) tem uma boa base metodológica porque ela trabalha com a questão do problema, com a questão da criticidade política, com a questão da visão da realidade social.*”

Para que o aluno construa um conhecimento sobre o contexto social e trabalhe para transformá-lo, é que estas professoras se utilizaram dos instrumentos de trabalho do terapeuta ocupacional, como subsídio do seu fazer docente. Com isso, pretendem que os alunos, possam vivenciar esses instrumentos como acadêmicos, para que possam aplicá-los como profissionais.

Na falta da formação pedagógica, foi importante buscar referências com uma outra colega que tivesse mais experiência como professora. Essa poderia ajudá-la a encontrar o seu próprio caminho. Em um Congresso de Terapia Ocupacional, fora do estado, a professora Marta Orofino encontrou inspiração em alguém que ministrava a mesma disciplina, cujas conversas, durante e depois deste encontro, foram fundamentais para ali se dar uma identificação na forma de trabalhar, serviu como base para seu desempenho docente.

Essas aproximações também aconteceram de forma interessante no próprio curso de Terapia Ocupacional, quando algumas professoras mais novas que foram alunas das professoras mais antigas, buscaram nessas as referências que necessitavam para iniciarem sua carreira docente. Seguindo nessa perspectiva, percebemos que os caminhos percorridos para se chegar à docência, dentro do curso de Terapia Ocupacional no IPA, foram os mais diversos.

Uma das colegas pesquisadas, que iniciou sua carreira docente em outro Estado, traz o relato e a percepção de que o aprendizado do fazer-se professora ocorreu junto com outros profissionais. Todos experimentavam pela primeira vez o ofício de mestre (Arroyo, 2000), as idéias eram coletivas e desenvolvidas em grupo, discutiam suas vivências e reconheciam que em pouco tempo já havia ali um conhecimento construído em conjunto. Rancièrè (2004) articula as noções de vontade e de inteligência às relações entre ensino e aprendizagem entre mestre e aprendiz, que pode se dar entre professores. A vontade de crescer e de construir um conhecimento acerca da docência, provoca e desperta a inteligência, para o autor “*o homem é uma vontade servida por uma inteligência*” (2005, p 84).

A instituição tem tido a preocupação de contratar, para compor o quadro de docentes, profissionais que estejam identificados com a disciplina que irão ministrar, já que existe um número maior de terapeutas ocupacionais atuando no mercado de trabalho e muitos com especialização. Isto tem sido um facilitador para a melhor movimentação do professor na disciplina, pois ele tem um conhecimento teórico científico significativo. O terapeuta, apoiado nas práticas profissionais e recursos com os quais está familiarizado, consegue circular com desenvoltura e maior autonomia na sua ação docente. Utilizando a criatividade acaba por tornar sua aula menos expositiva e desenvolvendo a criticidade do aluno quanto à realidade social. Nesse momento, o terapeuta que iniciou a docência já está mobilizando saberes da experiência, que é o primeiro passo em direção a uma didática, num processo de construção da identidade de professor (Pimenta, 2002 p19).

Para algumas pesquisadas, as idéias desenvolvidas em sala de aula vieram essencialmente da prática profissional. Partiram das experiências vividas no dia a dia da prática de terapeuta. Como nos fala a professora Rita Buttes (...) “*as idéias que eu me baseei para desempenhar o papel de professor na verdade tinham a ver com a minha prática de TO*”.

No caso dela foi possível propor, já na seleção para docente do IPA, um programa com experiências que estavam presentes nas suas atividades profissionais e que se diferenciavam das exigências da súmula da disciplina de Terapia Ocupacional aplicada a problemas sociais, para a qual estava se

candidatando. A participante aponta, “*O programa que eu acabei montando para concorrer ao edital,... foi um programa bastante diferente da súmula...mas acabei sendo aprovada, fiquei super feliz assim na época. Eu me lembro que investi bastante nesse programa*”. Essa fala, evidencia que os recursos utilizados no fazer do terapeuta são compatíveis para atender algumas atividades da sala de aula.

O fazer docente exige algumas habilidades que com certeza são um diferencial quando se está dentro de uma sala de aula. Estas habilidades podem ser desenvolvidas no transcorrer da vida, à medida que são oportunizadas experiências que confrontam o sujeito com suas potencialidades e limites. E, com o passar dos anos, vão se tornando aprendizados importantes. Algumas terapeutas ocupacionais com essas habilidades potencializadas tiveram boa desenvoltura como docentes: A facilidade de comunicação, o espírito de liderança, o despreendimento para se expor, a disponibilidade interna para ensinar, estes foram alguns dos atributos que também apareceram nos depoimentos, como facilitadores para o trabalho docente. Para o terapeuta ocupacional a questão mais complicada, conforme aparece nos relatos, é o lado burocrático ou administrativo da sala de aula, ou seja, a elaboração de prova, preenchimento de caderno de chamada e a confecção do plano de ensino.

As experiências aliadas aos atributos pessoais muitas vezes foram fundamentais para que o terapeuta ocupacional se colocasse confortavelmente no lugar de docente. Um discurso desenvolvido na facilidade de comunicação ou aprimorado na militância e na monitoria, ajudou ao terapeuta construir o desempenho do fazer docente. Como no caso da professora Maria Inês quando diz: “*eu sempre fui muito líder, eu sempre fui de articular muito bem, de conversar, de me expor então essa capacidade de comunicação sempre facilitou um pouco a minha atividade docente*”, ou da docente Eliana Furtado que nos relata: “*ainda não tinha aquele discurso de professor a além do mais eu não tinha um discurso muito da prática, apesar de eu ter feito monitoria na faculdade e ter militado politicamente. Mas isso de alguma forma me facilitou muito na construção do meu discurso em sala de aula*”. Josso (2004) propõe que para compreendermos quem somos, é necessário refletir sobre a vida a partir das experiências que nos foram significativas e trago para ilustra o que refere Josso “ a narrativa de vida pode ser a oportunidade

de uma transformação, segundo a natureza das tomadas de consciência que aí são feitas (...)” (2004,p 153).

O problema aparece quando entramos no campo didático-pedagógico e só é solucionada quando se vai em busca de aprimoramento nas especializações, nos mestrados e nos doutorados. Além disso, quando a oportunidade para dar aula na graduação acontece, e se está cursando o mestrado se busca recursos para construir o fazer docente, nesse espaço. Ainda assim, precisamos de alguns anos de prática docente para nos sentirmos realmente professores.

A inexperiência não marcou a vivência da professora Maria Cristina, pois dar aula no curso superior não chegou a ser uma situação tão nova. Ela havia se formado no magistério, e dado aula para crianças. Depois de graduada em Terapia Ocupacional, fez residência no Hospital Psiquiátrico São Pedro, onde ao fim da especialização acumulou uma significativa experiência, assumindo a condição de preceptora. Quando chegou o momento de assumir uma disciplina no curso de Terapia Ocupacional já não parecia tão difícil, as idéias eram simples e o desempenho docente facilitado por conhecer didática. Porém, havia algo de novo, os seus conhecimentos científicos teriam que ser convertidos em conteúdos disciplinares. Isto exigiu uma reorganização no seu estudo, deixando de ter o objetivo de utilizá-lo em sua prática terapêutica, para compartilhá-lo com seus alunos. Neste momento, penso essa questão em duas perspectivas. Do ponto de vista histórico busco Dominique Julia que no seu estudo sobre cultura escolar diz que (...) *”a única restrição exercida sobre o professor é o grupo de alunos que tem diante de si, isto é, os saberes que funcionam e os que “não funcionam” diante deste público”* (2001, p.33). Mas quero também pensar do ponto de vista da transposição didática, trazendo Grillo que escreve;

Este conceito refere-se a questão do conhecimento do conteúdo pedagógico, buscando combinar o conhecimento do conteúdo formal com o conhecimento do tratamento didático que deve receber tal conteúdo para tornar-se compreensível e apropriado pelo aluno (1997, p.17).

Percebi-se nos depoimentos que tanto as vivências de alunas quanto as de profissionais subsidiaram o início da carreira de professor. Com a ressalva de que a

formação de TO, ajudou de modo significativo. Cada terapeuta foi construindo com seus referenciais sua identidade docente.

3.5 A FORMAÇÃO CONTINUADA E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE.

Para a maioria das terapeutas professoras é notória a contribuição que a formação continuada dá ao fazer docente, seja a especialização, o mestrado ou o doutorado, cada qual na sua especificidade. É possível que a experiência vivida como aluno, ao mesmo tempo em que se é professor, possa levar a uma reflexão que coloca em questão todas as suas ações, seja na sala de aula, na supervisão de estágio ou na orientação de trabalho de conclusão de curso, oferecendo uma possibilidade de mudanças. Estes aspectos estarão sendo analisados nesta seção.

A posição de quase todas as depoentes é de que as especializações ampliam os conhecimentos técnicos científicos mais específicos na área de atuação do terapeuta. Por outro lado pode dar ao professor mais domínio sobre o assunto e dessa forma torna-o mais seguro e com melhores condições para lidar com os conteúdos programáticos. Estas considerações estão presentes no que dizem as professoras, Cristiane Lindemayer “(...) a especialização é uma coisa muito corrida que de ter um conhecimento bem específico aplicado” ; Maria Inês “(...)as especializações, os aperfeiçoamentos me deram assim uma luz, melhoraram um pouco mais a minha habilitação de estar em sala de aula”; e a professora Rosane Freire quando diz “(...) foi o primeiro marco na consolidação da minha carreira de docente a questão da especialização, o quanto mudou o meu jeito de dar aula”.

Foi comum entre as professoras terapeutas referirem a importância de terem ido buscar a especialização em Metodologia do ensino superior, logo depois de terem iniciado a prática docente. Algumas supriam uma necessidade pessoal, uma inquietação que existia por perceberem que necessitavam ampliar a sustentação teórica na área da Educação, outras por uma exigência do Ministério da Educação. A maioria tomou contato com esta disciplina nos curso de especialização com

ênfase em outras áreas ou no mestrado. A professora Rosane Freire revela “(...) senti necessidade de buscar bagagem mais teórica nessa questão educacional pedagógica, a especialização deu total base pra dar aula principalmente a disciplina metodologia do ensino superior”. A professora Rosane Schmeidt diz “(...) tive didática do ensino superior acho que foi bem importante ter essas noções dá para a gente refletir bem esse papel de professor”.

Considerando que o ensino está cada vez mais utilizando a pesquisa como recurso pedagógico para a construção do conhecimento, no entendimento de algumas das depoentes foi após o mestrado, quando vivenciaram todos os passos de como fazer pesquisa, que se autorizaram a utilizá-la na sua prática docente e que assumiram a responsabilidade de acompanhar e orientar os alunos em supervisão e em seus trabalhos de conclusão de curso. Além disso, puderam é claro, propor suas próprias pesquisas dentro do curso de Terapia Ocupacional, estimulando a ampliação dos seus conhecimentos, produzindo teoria, e participando do crescimento da profissão e do ensino da Terapia Ocupacional. É possível constatar nas colocações que fazem as professoras, Marta Orofino “(...) os lugares são diferentes, isso na supervisão mudou muito a minha orientadora me ensinou muito”; Kátia Barfknecht; “(...) mestrado dá mais segurança, acho que fica com maior autonomia de poder se nomear como professor”; Eliana Furtado “(...)o mestrado eu vivi ele de uma maneira muito intensa porque eu aprendi a estudar”; Rosane Freire “(...) com certeza o mestrado foi um diferencial total na minha vida profissional” ; Patrícia Dornelles “(...)mestrado ensina a gente a fazer pesquisa e a escrever” e professora Maria Inês “(...)sentir tranqüila no processo de ensino aprendizagem com essa prática didático pedagógica mais diferenciado, foi a questão do mestrado”.

A valorização do mestrado segue aparecendo na fala de todas as pesquisadas. Mas a titulação no mestrado, têm sido buscada em programas de pós-graduação stricto-sensu em áreas afins, onde o terapeuta necessita desenvolver o projeto dentro de outra área e “fazer uma ponte” entre o conteúdo aprendido e a Terapia Ocupacional, para isso o terapeuta ocupacional necessita se inteirar de uma linguagem de pesquisa pouco familiar (Emmel, 1997,p. 37).

O crescimento e o amadurecimento da postura de professora favorecem ao estabelecimento de uma relação mais consciente da função de professor (e não de TO) com o aluno, onde o exercício da autoridade pode se dar sem receio. É necessário haver cuidado por parte do TO docente em não sobrepor sua especificidade profissional à de professor, pois as questões relativas ao aluno devem ser tomadas na dimensão da docência, mesmo que o escute ou o veja como sujeito, No entanto cabe à professora fazer o encaminhamento da situação e não acolhê-lo na dimensão da clínica. Podendo assim o se sentir mais tranqüila e segura na relação professor aluno tornando sua prática docente mais qualificada. Novamente me valho de Paulo Freire em sua fala:

Creio que uma das qualidades essenciais que a autoridade docente democrática deve revelar em suas relações com as liberdades dos alunos é a segurança em si mesma. É a segurança que se expressa na firmeza com que atua, com que decide, com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever (1996, p.91).

Uma constatação feita pelas terapeutas professoras é de que além da titulação, realizar o mestrado desenvolve uma série de aspectos na vida, não só profissional, mas também pessoal que são: instiga a inteligência, ensina a fazer pesquisa e a escrever, ajuda a sistematizar o estudo e a escrita, e principalmente, estimula a uma constante busca no sentido de ampliar o conhecimento. De qualquer forma, o que aparece é que foram ajudadas a refletir sobre o papel do professor, a organizar melhor suas ações educativas, a produzir um melhor plano de ensino e a traçar objetivos mais coerentes, assim como suprir uma necessidade identificada como falta de teoria na questão didático- pedagógica.

Quando se trata de somar experiências pessoais e profissionais para sustentar e enriquecer o fazer profissional e docente, duas professoras se colocaram de forma categórica que isto foi fundamental.

Para a professora Maria Inês, foram vários os aspectos que contribuíram para o seu desenvolvimento como docente: a formação continuada, representada no curso que procurava fazer; as experiências administrativas, como chefe de departamento ou ainda como coordenadora do curso de TO. Somando-se ainda o

fato de ter vivido por um tempo fora do país e a experiência da pesquisa. Todas essas vivências foram-lhe dando segurança e forjando uma identidade que se consolidou com o mestrado. Eis sua fala para ilustrar “(...) eu ia adquirindo tanto ao nível da capacitação formal como das minhas experiências administrativas de chefe de departamento, depois como coordenadora, de viver fora do país, tudo isso de fazer pesquisa foi me dando uma certa segurança”.

Algumas das entrevistadas fizeram questão de dar relevo de que a ação docente sofre grandes alterações depois de se ter passado pela experiência da especialização e do mestrado. Ressaltam também que a pesquisa descortina um desejo maior que é a paixão pelo ensinar, que parece estar latente, e que claramente se descobre um outro professor dentro de nós. É o que aponta a professora Rosane Schmeidt “(...) o mestrado mexe muito com a curiosidade pela pesquisa, com esse desejo maior, latente e constante, essa paixão pelo ensinar”. E sem dúvida entre outras coisas se deve ao mestrado. Deve-se, também à significação social das profissões que se exerce. E como traz Paulo Freire

(...) quanto mais me assumo como estou sendo e percebo ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica (1996,p.39).

Depois de passar por um período de incertezas e inquietações, todas se viram desafiadas a buscar o conhecimento técnico do ensino. A metodologia do ensino superior foi o começo da construção do conhecimento em educação, para um melhor desempenho docente. Vieram, então, o mestrado e junto com ele a primeira experiência com a pesquisa e depois o doutorado, ainda inconcluso. Nos depoimentos, o crescimento e o amadurecimento e amadurecimento da ação docente ficam claramente identificados.

3.6 A AÇÃO INSTITUCIONAL NA PRÁTICA DOCENTE

Mesmo que a instituição tenha suas regras e regimentos que dirijam os caminhos institucionais, é necessário que busque respeitar o espaço do trabalho docente e que reconheça a autonomia do professor.

As instituições de ensino são compostas pela pluralidade e heterogeneidade de indivíduos onde as decisões nem sempre se baseiam em negociações. Portanto, é preciso ter cuidado com qualquer intervenção nos limites da sala de aula e na relação aluno professor, pois sem conhecer o processo educativo, existe um reconhecimento pelo professor do processo individual de seus alunos Assim intervindo pode a instituição transformar o professor num simples tarefeiro. Trago para pensar esta reflexão, o estudo de Contreras sobre Autonomia, quando diz::

A autonomia do professor em sala de aula, como qualidade deliberativa da relação educativa, se constrói na dialética entre convicções pedagógicas e as possibilidades de realizá-las, de transformá-la nos eixos reais do transcurso e da relação de ensino (2002, p. 198).

Considerando que a instituição vem passando por mudanças que estão a levando para um crescimento vertiginoso, isto parece não afetar alguns professores que relatam tomar uma atitude parecida com a do terapeuta, que entram para sua sala de aula e não se deixam afetar pelo que está acontecendo lá fora. Sentem-se muito livres para desenvolver o seu trabalho, às vezes escutando o que os alunos têm a dizer sobre as transformações que estão acontecendo. No entanto o importante, para o professor é desconectar dos problemas da instituição e desenvolver sua docência com aqueles sujeitos que estão ali que virão a ser terapeutas ocupacionais e realizar o desejo de cumprir o que escolheu fazer que é ser professor. E sigo com Contreras pensando que autonomia construímos?

A autonomia profissional, no contexto das exigências sociais da prática de ensino, deve ser entendida pela definição das qualidades sob as quais se realizam as relações sociais, com outros professores e colegas, ou com setores sociais interessados e envolvidos”(2002,p.201).

Embora a instituição, no relacionamento diário, não deixasse transparecer as medidas impostas, procurando tratar a todos muito bem, houve quem revelasse que chegou a ter dúvida, em dado momento, se estava valendo a pena todo o investimento em prol dos alunos e da própria instituição.

Algumas professoras analisando a situação institucional refletem que é necessário procurar garantir ao aluno uma aula eficiente, mantendo a qualidade do ensino independente do que esteja acontecendo entre a instituição e o professor. Mesmo com toda a intensidade das mudanças, cada um vai ter que lidar com a repercussão disso na sua vida pessoal e profissional, de um jeito que não venha abalar a questão didático pedagógica, ainda que o moral do professor tenha sido atingido. Partindo disso é preciso pensar que a prática docente nos convoca à fazer escolhas que vão além da didática, da prática, mas também temos que fazer escolhas éticas e políticas diante dos conflitos, de valores e de normas. Para Paulo Freire (1992) (...) não existe neutralidade no ensino.

Nos depoimentos aparece que, se mudanças são necessárias e determinam um certo grau de rigidez em algumas situações pontuais, o que se tem a fazer é buscar adaptar-se, mas para isto é preciso ter perfil. É importante que se tome uma posição, que seja crítico, mas também é estratégico saber até onde é possível ir, sem se colocar num lugar de exposição desnecessária.

Durante muitos anos colégio e faculdades compartilharam os mesmos espaços físicos na instituição, criando uma cultura escolar onde se sobrepunha o clima de colégio. Essa cultura colegial permitia que os alunos fossem queixar-se à coordenação, esta dava voz ao aluno, colocando o professor numa situação muito delicada, sentindo-se desautorizado. Estes episódios, algumas vezes iniciavam com uma situação de sala de aula, onde o aluno ameaçava o professor com a queixa aos seus superiores. O desenvolvimento de uma cultura escolar se dá por fatores internos e externos. Internos no que diz respeito aos ideais e valores que sustentam as diretrizes do plano político pedagógico e às decisões administrativas que estarão sujeitas também a um regimento que responderá aos mecanismos de controle e valores externos, os que demandam da sociedade. Frago nos aponta que “La

cultura escolar es toda la vida escolar: hechos e ideas, mentes y cuerppos, objetos y conductas, modos de pensar, decir y hacer” (1995, p. 69).

Apesar de todos os problemas, as professoras reconhecem, que tudo que aconteceu, está dentro de um contexto sócio, político e econômico. Não há instituição que não tenha seus conflitos, afinal também se sabe que o crescimento veio, e junto com ele propostas interessantes. Costa (1996), explica que as organizações de ensino vivem um sistema de atividades micropolíticas por duas razões; uma, porque o funcionamento das diversas áreas de atividade são frágeis na sua articulação; e a outra, por que a tomada de decisões, que em geral tem caráter competitivo e conflitual, devido a colisão entre a legitimidade formal de seus gestores e a forma democrática que deve funcionar os estabelecimentos de ensino.

Algumas professoras apontaram que, apesar das inquietações que todas passaram, não se pode negar que algumas ações implantadas pela instituição vêm ao encontro de postulações próprias da Terapia Ocupacional. Por exemplo, o processo de inclusão, no caso do desenvolvimento de políticas afirmativas reconhecendo as minorias, isso permite a instituição cumprir seu papel social, pois ampliou a possibilidade de pessoas excluídas, física e socialmente, terem acesso ensino ao superior. Por outro lado, a instituição como contra-partida aos recursos federais oferece nas Clínicas Integradas, que funciona no Hospital Parque Belém Velho, atendimento à saúde de forma gratuita. Paulo Freire ressalta o papel da Universidade quando esta toma “ *a decisão política, de pôr-se à serviço também dos interesse populares e a necessária implicação, na prática, de uma compreensão crítica em torno de como se deve relacionar a ciência universitária com a consciência das classes populares*” (1992, p.192).

No seu depoimento a professora Kátia ratifica que “a paixão pela docência tem amenizado as dificuldades causadas pelas transformações” e ajuda a perceber que estas mudanças ao trazerem novas metas institucionais nos apontam que, com o Centro Universitário abrem-se oportunidades promissoras aos professores que desejam produzir, ampliando sua participação e propondo programas e projetos.

O momento de redimensionamento institucional, determinando uma nova organização e um novo paradigma, produziu uma turbulência geral causando sentimento de insegurança e de estranhamento da própria casa, pois não era reconhecido o espaço físico e estrutural de tão modificado que estava ficando. A terapeuta docente Patrícia Dornelles, apresenta uma análise onde utiliza a palavra fragilizado, para identificar o estado em que se encontravam os docentes. Como se percebe em sua fala, *“(...) um centro universitário e que daqui a pouco vai ter que se tornar uma universidade, acho que nesse momento a gente está fragilizado”, “(...) fragilizado no sentido que os programas estão sendo criados, que os grupos de pesquisa estão sendo criados que a extensão está sendo criado”*.

Na verdade estava havendo a criação de vários grupos de trabalho, programas, setores e projetos. Afinal um Centro Universitário que está em processo para se tornar Universidade exige uma nova conformação de suas instâncias.

Como toda crise, passada a tempestade vem o tempo das acomodações, estamos entrando numa fase de mais tranquilidade. As impressões das professoras terapeutas são de que o fato do Curso de Terapia Ocupacional ter alcançado média 4 no ENAD (Exame Nacional de Avaliação de Desempenho), tanto no IPA, no Estado e também em âmbito nacional, colocou o curso numa situação mais confortável e de maior reconhecimento do corpo docente.

A instituição Metodista nasceu com a vocação para a Educação e isto é uma característica muito forte que leva à valorização da prática docente. Procura tratar o professor com distinção e isto tende a desenvolver no docente um comprometimento com a instituição que vai além do trabalho. Estabelece uma vinculação afetiva onde, apesar da crise e de algumas dificuldades vividas ninguém pensa em sair. Esta reflexão foi feita pela professora Eliana Furtado que há muitos anos trabalha no curso de Terapia Ocupacional tendo passado por algumas crises, aponta, *“o fato da gente ser tratada com essa distinção e valorização ajuda bastante, mesmo que tenham momentos difíceis na instituição, e a gente gostaria que fosse diferente, o fato é de ninguém querer sair, é muito por isso, essa coisa da subjetividade, do envolvimento da instituição com a valorização prática docente”*.

Quem está vinculado ao IPA espera e deseja que ele cresça, que os alunos cresçam e que gostem do IPA. Muitas vezes o crescimento impõe mudanças que podem levar à crises o que acontece com qualquer instituição. A Instituição Metodista tem isso na sua dinâmica, de estar indo sempre adiante. É preciso buscar novas possibilidades e construir novos caminhos, mas sem o engessamento que obstrui e reprime a criticidade, a criatividade e o potencial do professor. Costa nos aponta que;

Os esforços de renovação das diversas organizações, têm vindo a tomar lugar de destaque nos programas de reforma das organizações escolares (de modo especial na passagem de modelos tradicionalmente mais centralizados para modelos mais descentralizados e localmente autônomos) através de temáticas como a da cultura, da identidade, do projecto, bem como do apelo a lideranças significantes (1996, p.134).

No decorrer desse estudo o IPA passou por mudanças importantes, deixou de ser Faculdades de Ciências da Saúde para ser um centro Universitário e está se preparando para se tornar Universidade. Nessa caminhada as transformações foram de toda ordem, começando pelo espaço físico, passando pelo reordenamento administrativo, pedagógico e também nas políticas sociais. Todos os funcionários da instituição acompanharam este crescimento, cada um se organizou para lidar com as mudanças de acordo com sua individualidade. Mas todos percebem, hoje, que fazem parte um processo de desenvolvimento de um projeto institucional que corresponde a cultura e vocação metodista.

3.7 A AVALIAÇÃO DISCENTE E DOCENTE

A avaliação é um processo constante, no entendimento da maioria das professoras terapeutas. Consideram que o conhecimento é construído no transcorrer do semestre e que o aluno deve ser avaliado de forma contínua e não somente ao final do processo. Apesar deste pensamento, Enricone (2003) revela que registrar o processo do aluno é mais significativo do que dar notas.

É consenso entre as participantes da pesquisa que a avaliação deve ser diversificada, dando ao aluno várias alternativas para demonstrar o conhecimento que vem produzindo em sua caminhada. Dentre as formas de avaliação, encontra-se produção de textos (artigos); prova de conteúdo, que impõe uma reflexão sobre seu aprendizado; produção de estudos de casos; relatórios a partir de observações das práticas terapêuticas, análise de atividade (especificidade da Terapia Ocupacional); seminários. É importante não perder de vista que o professor como profissional da docência precisa ser coerente entre ensinar e avaliar Enricone (2003).

As atividades poderão ser propostas em grupo ou individuais, dando oportunidade aos que rendem melhor em ações coletivas, mas não deixando de exigir uma produção própria para também poder avaliar a capacidade de cada um. A Terapia Ocupacional tem a característica de ser uma profissão voltada para a práxis. Durante a formação é dada oportunidade ao aluno de vivenciar muitas situações práticas, preparatórias para a vida profissional.

Quase a totalidade dos docentes terapeutas ocupacionais utiliza várias atividades e instrumentos para compor a nota final do semestre. Isto se dá na intenção de que seja justa a nota que retratará a realidade de estudo do aluno. O que tem sido um aprendizado para o professor é achar a medida adequada dessas atividades e instrumentos, de modo que não venha a ser motivo de estresse para o acadêmico ou para o docente. Para problematizarmos esta reflexão, sigo com Enricone quando escreve:

Ensino e avaliação têm relações complexas. São dois atos que não implicam relação de causa e efeito. O aluno pode não aprender, apesar de ter sido ensinado, aceitando-se que o ato de ensinar está relacionado à criação de condições, de situações de aprendizagem, mas não é um determinante. Um princípio básico de aprendizagem é que o aluno decide o que quer aprender e se a avaliação for uma reflexão crítica sobre sua maneira de agir, estará colaborando com seu processo de formação pessoal, objetivo do docente (2003, p. 55).

Para as terapeutas ocupacionais pesquisadas está claro que a avaliação é o instrumento que vai indicar como está acontecendo o processo de construção de conhecimento do aluno. Elaborar atividades e instrumentos avaliativos fizeram e

ainda fazem parte do aprendizado desses profissionais. Nos relatos das depoentes aparece uma preocupação em desenvolver o juízo crítico dos alunos, propondo a reflexão de situações problemas, que servem de base para provas dissertativas nas quais é possível avaliar também o pensamento e a escrita, já que é necessário articular teoria e prática.

A avaliação para as pesquisadas vai representar o processo de crescimento de cada aluno e é a melhor maneira de acompanhar como está se desenvolvendo seu aprendizado. A professora Rosane Freire revela, *“eu venho fazendo uma tentativa de dentro do possível enxergar o processo do aluno”*. Para Enricone (2003), essa atitude avaliadora revela uma contínua aprendizagem como parte do processo educativo.

É comum, as docentes denotarem uma preferência pelas atividades em que seja oportunizado ao aluno dissertar sobre algum tema. Para a docente Maria Cristina é importante primeiro corrigir o trabalho ou a prova para depois olhar o nome. Neste tipo de avaliação, o professor é mais exigido, pois é importante dar um retorno por escrito para o aluno e, em alguns casos, é dado ao aluno o direito de reescrever, para só então ter a nota definitiva. Para a professora Cristiane Lindemayer, as provas depois de corrigidas são levadas para sala de aula onde há oportunidade de uma nova aula para estudar sobre o assunto e tirar dúvidas. Quando se adota esta conduta o professor pode estar refletindo sobre a sua prática e ao levar o educando à reflexão estará incentivando a interação entre aluno/professor e o questionamento sobre a proposta teórica e a experiência prática (Faria, 2003, p.85).

No universo estudado, existem algumas professoras que fazem também uso de provas com questões objetivas. Dizem que este tipo de avaliação cumpre também objetivos próprios, e, dependendo da maneira como é formulada, pode enriquecer o processo ensino-aprendizagem.

A professora Kátia argumenta que este tipo de avaliação de certa maneira “protege” o professor, pois a resposta é aquela e não tem alternativa. Além disso, pode atender a um momento que professor esteja passando com a turma. A

avaliação acadêmica é sempre um assunto em questão para a professora Eliana Furtado que pondera *“minha questão é na avaliação formal, porque eu sou dentro de mim absolutamente contra esse processo, acho que o aluno não deveria ser avaliado dessa forma, acho que o aluno tinha que ser avaliado por comprometimento em tarefas que deveriam ser gestadas ao longo dos 4 anos de formação”*. Não podendo ser assim, a professora diz que usa a prova de objetiva quando a turma está agitada perdendo o limite e exemplifica *“eu vou sentindo pelo grupo é uma coisa que passa pela minha percepção se eu vejo que o grupo está se deitando nas cordas e não está comprometido eu faço prova convencional ai eu meto uma coisa que vai dar um limite maior para eles que ele vai se agoniar se assustar”*. O fato de ter que parar e estudar determinado assunto que será questionado e que a resposta terá que ser clara e objetiva, segundo ela, os tira da rotina, eles se assustam e estudam. Sempre que houve esta situação, a resposta dos alunos foi positiva. Nessa situação, o aluno é levado a estudar para buscar como resultado uma nota que o garanta. No entanto, corre-se o risco de usar a *“prova como um instrumento de medo ou meio de punição ou um modo de manter o domínio da sala de aula”* (Turra, 2003, p.64).

Embora todas as pesquisadas tenham se posicionado de modo muito claro sobre as avaliações, houve quem trouxesse de forma muito tranqüila as inseguranças que existem em relação ao processo de correção, quando a avaliação não é objetiva, ou mesmo em considerar se a prova é mesmo um avaliador. Quando o aluno, numa atividade escrita dissertativa quer discutir a interpretação da professora na correção, essa acaba por ficar em dúvida, pois começa a perceber, que ali no seu escrito tem algo, e ela é que não entendeu. A docente Cristiane Lindemayer conta que é nesta mesma situação que decide ser generosa na nota, porém mais adiante ela percebe que poderia ter sido um pouco mais exigente. Partindo do princípio de que as professoras pesquisadas em algum momento de seus depoimentos trazem uma tendência a refletirem sobre suas práticas docentes, provocamos com Faria que aponta:

Acreditamos que o conhecimento se constrói na prática diária, na contradição, no cotidiano da escola e no movimento da avaliação. (...) como uma construção e reconstrução diária, que tem na teoria seu fundamento para a investigação (2003, p. 86).

No relato da professora Patrícia Dornelles aparece a sua disposição de, ao iniciar o semestre, fazer com a turma combinações e contratos, contemplando a questão das avaliações. No transcorrer da sua experiência docente tem percebido que em alguns momentos, é importante tomar atitudes mais radicais no que concerne às avaliações, e utilizar a prova como provocação para que o aluno se comprometa com os conteúdos a serem estudados, que, enfim, é a preocupação da professora.

Cada uma das entrevistadas fez seu percurso, as que estão há mais tempo na caminhada docente já se sentem mais preparadas, outras buscaram atalhos. Porém, o que se tem percebido, é que o fato de algumas disciplinas serem compartilhadas entre professoras, a troca de experiências vem favorecendo o aprendizado de forma coletiva a construção da prova como um instrumento avaliativo. Como revela a professora Kátia dizendo que aprendeu um determinado tipo de prova com a colega, uma prova diferente, onde é dada uma situação problema, que vai estar presente na vida profissional, as questões se interligam e o aluno necessita de raciocínio e atenção além, é claro, de conhecer o assunto que está sendo tratado.

A professora Eliana Furtado, traz a experiência de fazer uso de vários tipos de prova e que as seleciona a partir do perfil da turma. Utiliza prova em dupla, porque os acadêmicos têm a possibilidade de conversar entre si, de trocar conhecimento e um ajudar o outro no processo de escrita. Ou a prova com consulta, levando o aluno a produzir conhecimento no momento em que vão consultando a literatura e vão respondendo às perguntas. Outras vezes, a prova pode ser levada para casa e entregue num prazo combinado. Podemos analisar estas propostas de avaliação apoiada em Faria (2003), *quando aponta que: este processo avaliatório mostra-se mais amplo e construtivo, à medida que cada aluno vai aprendendo a se auto-avaliar, avaliar os colegas e ajudá-los a se avaliarem*” (2003, p.90).

Nessa parte do estudo estaremos analisando o que pensam os professores sobre a avaliação docente, realizada a partir da auto-avaliação e da perspectiva dos alunos. A avaliação docente deve ser uma posição democrática daquele que

assume refletir sobre seu fazer de professor. Nos últimos anos chegou à universidade, aos sistemas de ensino e ao desempenho dos docentes.

A avaliação do professor pode estar na percepção que ele tem de como anda a relação professor aluno. Como relata a professora Dani Laura, tem alguma coisa de acolhida oferecida pelo aluno em sala de aula, que põe o docente em movimento ou o paralisa. Se o paralisa, nesse momento é importante parar e repensar a prática, para ver de que forma é possível armar uma nova relação com estes alunos para romper com a paralisia.

A afirmação da professora Marta Orofino de que “a avaliação do teu trabalho é o teu próprio aluno”, e que se revela para ela “no olhar desse aluno” leva a pensar que a avaliação do professor pode vir na qualidade da produção que o aluno apresentou durante o semestre. A mesma professora percebe a qualidade do trabalho realizado a partir de seu sentimento, “se foi bom ou não foi bom”. Para Enricone (2003) a auto avaliação é um ato de confronto entre o que foi executado e as experiências do avaliador referentes a uma situação.

Também a professora Rita Buttes diz que o “olhar do aluno é capaz de revelar se a aula foi boa”, “isso pode ser percebido nitidamente”. Além disso, se sente gratificada quando o aluno a procura para conversar sobre a disciplina. É importante refletir que o despertar do interesse do aluno pela disciplina aponta a qualidade do trabalho docente.

Isto nos leva a pensar que é a prática docente que constrói o perfil do professor. É preciso haver uma consciência de que é preciso e importante mudar e isso vai acontecer num processo de auto-avaliação como nos trazem as terapeutas ocupacionais com muito tempo de docência. Mais uma vez recorro a Enricone que diz que “*a auto avaliação é uma habilidade a construir e consiste em fazer um exame crítico da ação, a partir de um referente adequado que o professor constrói progressivamente ao longo de sua atuação docente*” (2003, p.147).

Temos um recorte do depoimento de duas terapeutas que estão há pouco tempo na docência, e relatam que se percebem muito melhor do que quando

começaram, mas ainda há muito mais a aprender. É importante notar o quanto se cresceu e o quanto ainda é possível melhorar, porém é preciso ter humildade para reconhecer este crescimento e se gratificar com ele.

Foram vários os depoimentos que indicaram que, com o passar dos anos, e se submetendo às avaliações dos alunos e a sua própria, é possível identificar o seu crescimento e este processo parece rotineiro e necessário para as depoentes em questão. Ao fim de cada semestre, costumam realizar como atividade final do programa um momento de avaliações da disciplina, do professor, de como foi desenvolvido o conteúdo e das estratégias de ação. O resultados, para elas, aparecem como, *“a cada semestre vou aprendendo, vou modificando, vou aperfeiçoando...”* ou *...“tenho certeza absoluta que não sou a mesma professora de anos atrás”* ou ainda *“...eu avaliava que o meu desempenho ia melhorando a cada ano que passava”*.

O que está presente também é que a vivência ajuda no aperfeiçoamento, já que o começo é sempre inseguro. Para várias professoras, a experiência tem sido importante no que diz respeito à prática vivida dentro da Universidade. Já a professora Kayla traz o quanto à prática docente tem oferecido no sentido de encontrar o ponto de equilíbrio entre a rigidez e a licenciosidade, e reconhece que tem sido um aprendizado contínuo: *“eu já notei que a gente tem que ser mais professor, ser rígida é uma coisa que eu não consigo, porque eu nunca fui e as pessoas nunca foram comigo, e aí eu não gosto disso. Então assim tem momentos que a gente tem que ser rígida e o que eu entendo por rigidez como professor, é fazer com que o aluno compreenda o que você está querendo mostrar para ele”*. Nesta reflexão, pensamos em Paulo Freire quando nos traz que;

Um professor democrático não deve transformar a autoridade em autoritarismo, mas também sem autoridade fica difícil organizar a liberdade do aluno, e paradoxalmente a liberdade precisa de autoridade para se torna livre. Para estar neste lugar e necessário exercitar na ação docente, é um aprendizado que se dá no decorrer da aula” (1986, p.115) .

Nesses trechos, pode-se analisar a importância do aluno na avaliação do professor. Para essas professoras, se os docentes se dispuserem a ouvir aos alunos

vão perceber o quanto eles conseguem sugerir e ajudar a reformular o semestre, contribuindo para aprimoramento do professor. Pensam também que a opinião dos acadêmicos deve ser respeitada, pois são os clientes de um produto que está sendo oferecido, vendido e pelo qual estão pagando. O curso de Terapia Ocupacional tem por características de seus professores a intenção de desenvolverem uma prática reflexiva, e, portanto, não estaremos exercendo uma prática educativa, pensando a educação como mercadoria e o aluno como produto. Embora Lancman traga em seu texto que “é a educação superior e o diploma, pré-requisito que vai criar uma fatia no mercado de trabalho exclusiva aos membros de uma profissão” (1997, p.129).

Diz a professora Maria Inês, que *“cada vez está sendo mais difícil atenderem as expectativas dos alunos, quem sabe estão ficando mais exigentes”*, Snyders diz que:

No principio o bom aluno inova, mas ainda no interior das grades do mestre, de seu modo geral de interpretação. Pouco a pouco, ele vai questionar outros não o que o mestre previra, e vai romper as próprias grades. De início, ele tinha por ambição igualar ao mestre; vem o momento em que sonha ultrapassá-lo, e mais prosaicamente suplantá-lo. (1995, p.102).

Algumas das pesquisadas trazem um dado que complementa o que já foi dito anteriormente sobre a avaliação que o aluno faz. Algumas professoras construíram um instrumento de avaliação, por escrito, em que o aluno deve responder às questões que avaliam a disciplina, o professor, a turma, a didática e ao seu aproveitamento, isso garante uma avaliação mais aprofundada. Estes professores valorizam esse instrumento, já que oferecer um feedback para o avanço no seu desempenho a cada semestre.

A professora Eliana traz uma experiência para compartilhar. Durante o longo período em que foi coordenadora de curso, mesmo tendo um bom relacionamento com os alunos em geral e com os da turma na qual ministrava aulas, no momento da avaliação esses não se sentiam à vontade para avaliá-la na função de professora, na verdade só faziam referência às questões práticas da disciplina ou comentários elogiosos. O que mais repercutia para os alunos era e é o seu jeito sempre entusiasmado e firme de acreditar que, apesar das dificuldades que uma profissão

nova enfrenta para se fazer reconhecida no social e se estabelecer no mercado de trabalho, isto seria possível pela força de ação e de transformação que a Terapia Ocupacional imprime em seu fazer. É preciso ratificar que ainda hoje, mesmo com o passar dos anos, sua presença ainda é bastante forte na formação dos terapeutas ocupacionais do IPA.

A sua auto-avaliação passa mais por aspectos internos e pessoais, do que e por influência de fatores internos à sala de aula. Isso acontece, por exemplo, quando conversa com outros colegas, compartilhando as experiências de sala de aula, ou quando nos seminários pedagógicos eram trazidos novos conhecimentos por palestrantes, que a fazia pensar em mudanças na sua prática docente.

A terapeuta ocupacional professora Cristiane Lindemayer, traz também uma reflexão, sobre a convivência em conjunto nas disciplinas compartilhadas que também ajuda ao crescimento e ao aprimoramento dos professores. Ao compartilhar suas dúvidas e saberes buscam aí construir conhecimentos que se dá num espaço coletivo, mas que conduz a um crescimento individual.

Neste processo de ser terapeuta ocupacional e tornar-se professora, pode-se perceber que a consolidação da profissão docente está assentada na busca pela autonomia e pelo profissionalismo a ser exercido em sala de aula. Procurando refletir sobre sua prática, o docente vai se tornando um articulador das práticas pedagógicas, instigando os alunos a se tornarem profissionais críticos, éticos e produtivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa última parte apresento as reflexões que são o resultado de um trabalho que se propôs aos seguintes objetivos: analisar os caminhos trilhados pelos terapeutas ocupacionais; identificar as recorrências e as diferenças nas trajetórias individuais das terapeutas para se tornarem docentes; e analisar as confluências entre as identidades de terapeutas e as identidades de docentes. Esse estudo pretendeu, também, resgatar a história da profissão e do curso de Terapia Ocupacional no Rio Grande do Sul que, em parte, é a mesma do curso no IPA. Essa construção possibilitou algumas compreensões do processo de desenvolvimento da formação do docente em Terapia Ocupacional.

O material de análise foi produzido a partir dos depoimentos das terapeutas ocupacionais, professoras do curso de TO do IPA. A compreensão dos resultados permite enunciar algumas conclusões. Observa-se que cada uma das entrevistadas construiu sua trajetória partindo de algumas vivências pessoais, somadas às experiências de terapeuta ocupacional. A essência desse profissional é a prática sustentada na teoria oriunda da graduação, que o prepara para tratar do Homem em sua complexidade.

Os depoimentos indicam que o conhecimento técnico e as vivências não foram suficientes e foi necessário buscar alguma referência como base para uma primeira sustentação do papel de professor. Nesse momento, cada uma se valeu de suas memórias, trazendo o exemplo de professores que marcaram sua vida acadêmica. No entanto, parece que, ainda assim, essa alternativa não se mostrou adequada, mesmo considerando que a formação e a prática de terapeuta ocupacional favorecem o desempenho em sala de aula, já que possibilita o uso farto de recurso e atividades. Dessa forma, foi decisivo buscar a formação continuada na especialização, no mestrado e no doutorado, resultando em uma perceptível qualificação do trabalho docente.

A análise dos depoimentos aponta que o exercício da reflexão sobre a prática docente, já vivenciada no fazer terapêutico, foi fundamental para mudança de paradigma, proposto pelo currículo do curso. A prática reflexiva em Terapia Ocupacional se evidencia na metodologia de trabalho do TO, que impõe a necessidade de reavaliar a ação terapêutica, à medida que a intervenção vai ocorrendo, e refazer o plano de atendimento sempre que preciso.

A proposta pedagógica do curso sugere esta idéia de profissional reflexivo como princípio para a docência, onde o professor oferece ao aluno experimentar-se no contexto real para desenvolver além do pensamento crítico, a interatividade e a criatividade. Contreras (2002), lembrando Schön, supõe que refletir sobre uma forma habitual de agir, faz emergir análise relacionada à essa ação, que leva a uma nova maneira de realizá-la, e quem sabe de forma mais adequada. E cita Schön “Em tais processos, a reflexão tende a ser enfocada interativamente sobre os resultados da ação, sobre a ação em si mesmo e sobre o conhecimento intuitivo implícito na ação “ (1983, p 56).

Finalmente, outra análise que se tornou possível foi construída a partir da articulação da história de vida docente dos terapeutas com o percurso histórico da Terapia Ocupacional no Brasil, mais precisamente do curso do IPA, cuja trajetória percorri mais de perto, por ser originária do mesmo. Essa abordagem permitiu notar que os TO docentes sofreram e ainda sofrem o impacto das transformações ocorridas na concepção do ensino de TO e na própria identidade da profissão, decorrentes das modificações curriculares.

O curso, nesse quarto de século de existência em nosso Estado, passou por quatro revisões de sua grade curricular, saindo de um perfil que inicialmente se propunha a transferir saberes técnicos, passando por um modelo cuja importância era o volume de conteúdos administrados, até chegarmos à formatação atual, cuja preocupação é com a construção do conhecimento.

A articulação que proponho é de que, conforme o curso foi se ajustando aos novos paradigmas do ensino superior, exigiu do grupo de docentes terapeutas ocupacionais, uma reflexão sobre sua prática. Esses profissionais procuraram, ao

longo de seu trabalho, aperfeiçoar-se realizando especialização, mestrado ou doutorado. Isso ocorreu por uma exigência da situação, por um desejo ou por uma peculiaridade do ser humano, que é a inquietação.

Durante a pesquisa, pude perceber em algumas leituras que tratavam do percurso da Terapia Ocupacional, que essa busca pela titulação, fez parte de um movimento nacional, que ocorreu no Nordeste e no Sudeste, até chegar ao Sul do Brasil. Emmel (1997) ressalta que esse movimento envolvia mais fortemente os terapeutas que haviam ingressado no ensino da graduação, e que a formação continuada, atendia a um aprofundamento do conhecimento na área de atuação profissional, ligada ao fazer terapêutico. Contudo, a formação continuada também contribuiu para a melhoria na qualidade de métodos de ensino, aumentando a fundamentação prática e a correlação desta com a teoria. Além disso, trouxe o aprendizado da redação de trabalhos científicos e o domínio do processo de execução de pesquisas.

Os docentes do curso de Terapia Ocupacional do IPA são todos mestres ou estão finalizando sua formação, alguns já estão inseridos em programa de pós-graduação, como doutorandos. Esses são exemplos que ilustram o processo proposto por Emmel (1997) que descreve um novo perfil de terapeuta e professor, repercutindo na qualificação dos alunos de TO. Por outro lado, Arroyo (2000) propõe a formação dos professores, colocando que educador é um modo de ser “um dever ser”, que se constrói a cada dia, é uma conversa permanente conosco sobre a formação, e um aprender ser docente, “que não pode ser confundido com a aprendizagem e o domínio de mais uma teoria, é um saber sobre o percurso pedagógico, formador, que vai nos tornando possíveis a possibilidade de sermos humanos” (Arroyo, 2000, p 43).

O novo perfil de professores de Terapia Ocupacional reflete-se na formação. Atualmente, com os programas de extensão e de pesquisa, os alunos se sentem estimulados e comprometidos com o seu processo de construção profissional, e com as responsabilidades de tornar-se um transformador social. A análise dos resultados permite afirmar, ainda, que estamos seguindo uma caminhada de uma prática docente que precisa estar mais sintonizada com os discursos dos próprios

professores. Esse ponto remete a uma questão sempre colocada: “o que falamos e o que fazemos”. Apesar dessa incongruência, percebe-se um avanço gradual e contínuo na formação de terapeutas ocupacionais.

Comparando-se a formação dos profissionais que participaram da pesquisa com os alunos que estão em formação, observa-se que estes se apresentam mais instigados, estimulados e desafiados do que aqueles. Com certeza os fatores que subsidiaram estas mudanças estão ligados ao percurso feito pela profissão de TO e pelo curso do IPA, que procurou tornar a formação cada vez mais reflexiva e comprometedora por parte dos professores e dos alunos. O curso procurou avançar nas discussões sobre uma mudança do paradigma que norteia o ensino, repercutindo no perfil do novo TO. Nesse processo tem-se avançado, inicio-se como especialista técnico que tinha o domínio técnico e importava os resultados previstos, no momento atual os terapeutas ocupacionais buscam tornar-se professores reflexivos, que pesquisa e reflete sobre a prática, mas segue na perspectiva de vir a ser um intelectual crítico pois procura desenvolver uma participação na ação política transformadora (Contreras, 2002). Tanto a quantidade e a qualidade das informações, quanto os significados do material colhido nos depoimentos, oferecem a oportunidade de ampliar e aprofundar a pesquisa no que refere à formação docente com ênfase nas práticas pedagógicas.

Esse estudo teve como foco principal a formação docente, mas no decorrer da sua realização abriu-se uma outra frente de pesquisa, que é a história do curso. Durante a investigação, para a seção sobre a história do curso, percebi que existe muita informação à ser localizada e organizada. Penso que um estudo que objetivasse sistematizar a história da Terapia Ocupacional no IPA contribuiria com a Instituição para compor a trajetória do curso. Sugiro também um estudo cruzando o estudo histórico do curso de TO do IPA com o de outra Instituição, que tivesse aproximadamente o mesmo tempo de existência, para observar se os fatores que interferiram no amadurecimento da profissão docente foram os mesmos.

Durante a realização deste trabalho, convivi com a dificuldade metodológica de manter a devida distância de quem analisa e escreve sobre um determinado fenômeno. Analisar, e escrever sobre as trajetórias docentes das terapeutas

ocupacionais. Na verdade pude rever a minha própria história profissional e docente, e perceber onde ambas se complementam e se distanciam. Não raro misturei em meu escrito os pronomes, ora usando a terceira pessoa do singular, ora usando o “nós” tamanha a impregnação de que fui tomada.

Ao concluir esse estudo percebo que desenvolver a pesquisa tornou-se a síntese de tudo quanto pude aprender nesta caminhada. Fazer este percurso no programa de pós-graduação desta Universidade implicou em forte movimento nas minhas ações como docente, apontando a construção de uma prática, que se dava com apropriação de um novo saber. O medo inicial se transformou em ousadia, quando vim da área da saúde com anos de prática em terapia ocupacional e adentrei numa área de conhecimento tão complexo quanto envolvente como é a Educação.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A Aventura (auto)biográfica: teoria e empiria.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto imagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica.** Curitiba: Ed. Universitária Champanhãt, 1996.

_____, Marilda Aparecida A Formação Pedagógica e os Desafios do Mundo Moderno In: Masetto, Marcos T (org). **Docência na Universidade.** Campinas, SP: Papirus, 1998.

BENETTON, Maria José. **Trilhas associativas ampliando recursos na clínica da Terapia Ocupacional.** São Paulo: Diagrama & Texto/ CETO, 1999.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

CANIGLIA, Marília. **Terapia Ocupacional, saúde prática e pós – modernidade.** Belo Horizonte. Edições Cuatiara Ltda, 2001.

_____, Marília. **Terapia Ocupacional: um enfoque disciplinar.** Belo Horizonte. Edições Cuatiara Ltda, 2005.

CASTRO, Eliane Dias de; Lima, Elizabeth M.F. de Araújo; Brunello, Maria Inês Britto. *Atividades Humanas e Terapia Ocupacional.* In: De Carlo, Marysia M. R. Prado; Bartolotti. **Terapia Ocupacional no Brasil.** São Paulo: Plexus Editora, 2001.

CENTRO UNIVERSITÁRIO METODISTA IPA. Curso de Terapia Ocupacional. **Projeto Político Pedagógico 2006.** Porto Alegre: 2006

_____, Diretrizes gerais para as atividades de monitoria IPA, 2004.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL.

CONSELHO REGIONAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL – 5ª REGIÃO, CREFITO-5. **Leis e Atos Normativos das Profissões do Fisioterapeuta e Terapeuta Ocupacional**: RS/SC. 2001.

COSTA, J.A. **Imagens Organizacionais da Escola**. Porto, Portugal, Edições ASA, 1996 Coleção: Perspectivas Actuais/Educação.

DE CARLO, Marysia M. R. Prado; Bartolotti. **Terapia Ocupacional no Brasil**. São Paulo: Plexus Editora, 2001.

EGGERT, Edla; Quem pesquisa se pesquisa? Uma provocação a fim de criar um espaço especulativo do ato investigativo. In: Abrahão, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A Aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

EMMEL, M.L. G, A formação do Terapeuta Ocupacional pesquisador no Brasil - O começo de uma história. V CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL E IV SIMPÓSIO LATINO AMERICANO DE TERAPIA OCUPACIONAL - Horizontes da Clínica à Pesquisa. Belo Horizonte, MG, 28 a 31 de outubro, 1997. Anais.

ENRICONE, D. Pressupostos Teóricos sobre a Prática Avaliativa. In: Enricone, D, Grillo, M.C. (Org). **Avaliação: uma discussão em aberto**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

FARIA, E.T. Pressupostos Teóricos sobre a Prática Avaliativa. In: Enricone, D, Grillo, M.C. (Org). **Avaliação: uma discussão em aberto**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

FISCHER, Beatriz T. D. Ponto e contra ponto: harmonias possíveis no trabalho com histórias de vida. In: Abrahão, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A Aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FURTADO, E.A. **Conversando sobre identidade profissional**. Revista de Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo, v.10, n °2/3, p.46-8, mai/dez., 1999.

FRAGO, Antônio Viñao. História de la educación e história cultural: possibilidades, problemas e cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, Ed Autores Associados. Campinas, nº zero, p 63-82 set/out/nov/dez. 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

_____, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GALHEIROS, Sandra, M. O social: idas e vindas de um campo de ação em Terapia Ocupacional. In: Magalhães, Lilian. (org) **Terapia Ocupacional: Teoria e prática**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

GARCIA, Maria Inês. Et all. “Perfil do terapeuta ocupacional e a realidade atual de inserção no mercado de trabalho no Estado do Rio Grande do Sul: subsídio para o estabelecimento de estratégias para o desenvolvimento de profissão”. Estudo não publicado. Porto Alegre, RS a nos 2003/2- 2005/2.

GRILLO, Marlene Correro. **Perspectiva reflexiva para pensar a prática pedagógica**. Canoas, **CAESURA**, nº 10, Páginas 16-20, jan/jun.1997.

_____, Marlene Correro, Mattei Patrícia. **Percorso de construção da docência**. In: 3º Simpósio Internacional de Educação Superior, Caxias do Sul. **Anais**, Caxias do Sul.

HAGENDOR, Rosemary. **Fundamentos da prática em Terapia Ocupacional**. São Paulo: Dynamis Editorial, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOUSSAYE, Jean. Et all. **Manifesto a favor dos pedagogos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências da Vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. Revista Brasileira de Educação SBHE, Ed Autores Associados. Campinas, nº 1, p 11-43, jun/jul/ 2001.

LOPES, R.E. **A direção que construímos: algumas reflexões sobre a formação do Terapeuta Ocupacional.** Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, V.4/7, p 27-35, 1995/6.

MORAES, R. *Uma experiência de Pesquisa Coletiva: introdução à Análise de Conteúdo.* In: Grillo, Marlene Correro, Medeiros, Marilú Fontoura (Orgs). **A construção do Conhecimento e sua Mediação Metodológica.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

_____, R. Análise de conteúdo. **Educação:** Porto Alegre, ano XXII, nº 37, p 7-32, mar. 1999.

NOVAES, Maria Eliana. **Professora primária: mestra ou tia.** São Paulo: Cortez: autores associados, 1992.

NÓVOA, António. *Os professores e as histórias da sua vida.* In.____**Vidas de Professores.** Porto Editora, Ltda.

PÉREZ GOMES, A. I. **A Cultura Escolar na Sociedade Neoliberal.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Construir competências desde a escola.** Porto Alegre; Artes Médicas Sul, 1997.

_____, Philippe. **Ensinar:** agir na urgência, decidir na incerteza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

PIMENTA, G. Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 2002.

RANCIÈRE, Jaques. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SHOR, Ira. **Medo e ousadia - O cotidiano do professor,** Ira Shor e Paulo Freire; tradução de Adriana Lopez, revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SNYDERS, Georges. Feliz na universidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: 2002.

TEIXEIRA, M.L. Vautier. **Um olhar da Terapia Ocupacional**. Curitiba: Editora Via 2000 Ltda. 2001.

TOLDRÁ, Rose Colom. Reflexões acerca da Terapia Ocupacional na atenção à portadora de pessoas portadoras de deficiência física. In: Pádua, Elisabete M.M. de, Magalhães (Orgs.). **Terapia Ocupacional Teoria e Prática**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.

TURRA, C.M.G. Pressupostos Teóricos sobre a Prática Avaliativa. In: Enricone, D,Grillo, M.C. (Og). **Avaliação: uma discussão em aberto**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

ZEICHNER, Kenneth. **A formação reflexiva de professores**. Lisboa: Educa, 1993.

APÊNDICE

APÊNDICE A

PERGUNTAS QUE BALIZARAM OS QUESTIONAMENTOS

Perguntas que balizaram os depoimentos.

Questões para Pesquisa

- 1- Como tu chegaste ao curso de Terapia Ocupacional para dar aula?
- 2- Baseada em quais idéias te organizaste para desempenhar o papel de professor?
- 3- Tu já tinhas tido alguma experiência anterior para sustentar tua prática atual?
- 4- Tivestes algum professor como referência de como fazer e do que não fazer enquanto professor?
- 5- O quanto a formação de Terapia Ocupacional deu subsídio para o desempenho do fazer docente?
- 6- Que aproximação tu percebes entre a prática de terapeuta ocupacional e a prática docente?
- 7- As especializações, mestrado e doutorado ajudaram ou modificaram o teu jeito de dar aula?
- 8- Como percebes a ação institucional quanto a tua prática docente?
- 9- Como fazes a avaliação dos teus alunos?
- 10- Como avalias o teu desempenho docente a cada semestre. Do início de tua carreira docente até hoje?

ANEXOS

ANEXO A

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER DE PROJETO DE PESQUISA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER DE PROJETO DE PESQUISA

CADASTRO C.E. <u>1290</u>	DATA DO PARECER <u>02/04/05</u>
TÍTULO DO PROJETO <i>De Propostas Ocupacionais a Professores. Causas e Condições pessoais para construir uma nova identidade profissional</i>	
CURSO/ FACULDADE <i>Terapia Ocupacional</i>	

ITEM	SITUAÇÃO
1. Respeito às normas éticas de pesquisa	() SIM () NÃO
2. Termo de consentimento apresenta	() SIM () NÃO
• Linguagem acessível	() SIM () NÃO
• Justificativa, objetivos e procedimentos	() SIM () NÃO
• Desconfortos e riscos	() SIM () NÃO
• Benefícios esperados	() SIM () NÃO
• Medidas de proteção de riscos	() SIM () NÃO
• Formas de assistência e responsável	() SIM () NÃO
• Esclarecimentos antes e depois da pesquisa	() SIM () NÃO
• Possibilidade de inclusão em grupo controle ou placebo	() SIM () NÃO
• Liberdade de recusar ou retirar o consentimento sem penalização	() SIM () NÃO
• Garantia de sigilo e privacidade	() SIM () NÃO

Comentários

Avaliação

- (X) Recomenda Aprovação
() Recomenda Pendência

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO

Ao
Professor Terapeuta Ocupacional

A pesquisa - **De Terapeutas Ocupacionais a Professores, que caminhos foram percorridos para a construção de uma nova identidade profissional?** Desenvolvida pela Professora Terapeuta Ocupacional Artemis Barbosa Pacheco, aluna do Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul sob a orientação da Professora Doutora Maria Helena Câmara Bastos. Visa analisar a trajetória percorrida pelos terapeutas ocupacionais para se fazerem professores do curso de Terapia Ocupacional do IPA.

E assim possamos refletir sobre o nosso fazer docente e a repercussão deste, no ensino para formação de novos Terapeutas Ocupacionais, mas para isso será necessário ouvir o depoimento de cada professor, referente a este momento de sua vida.

No presente termo, o profissional entrevistado autorizará o uso das informações dadas que farão parte da pesquisa de mestrado, e que serão analisadas e utilizadas na discussão teórica do corpo da dissertação.

Esta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa participante. A entrevista será transcrita e antes de ser usada deverá retornar ao entrevistado para sua aprovação da fidedignidade da transcrição. O material após o uso deverá ficar arquivado em lugar seguro, podendo ser a biblioteca, constituindo o acervo da memória do curso de Terapia Ocupacional.

O entrevistado terá liberdade de recusar ou retirar o seu consentimento sem que isso lhe acarrete qualquer consequência. Outrossim, respaldado na ética profissional, asseguramos que os dados e informações colhidas serão de restrito uso do pesquisador, que estará à disposição do entrevistado para qualquer informação no telefone 91124303.

Ciente das informações que constam neste termo, eu -----
-----, dou meu consentimento e autorizo () não autorizo () a
divulgação do nome.

Ass:

Este trabalho foi ratificado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Saúde do Instituto Porto Alegre em 02/04-2005.

ANEXO C

1º CURRÍCULO DO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

(MÍNIMO DETERMINADO PELO MEC – 1980)

1º CURRÍCULO DO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL (MÍNIMO DETERMINADO PELO MEC)

SEMESTRE	DISCIPLINA	HORAS AULA
1º	Anatomia I	72
	Bioquímica I	30
	Cultura Religiosa	32
	Expressão Corporal I	30
	Fundamentos de Saúde Pública	32
	Fundamentos de TO	54
	Histologia e Embriologia I	72
	Prática Desportiva I	32
	Psicologia Aplicada I	54
	2º	Anatomia II
Antropologia		40
Expressão Corporal		34
Fisiologia I		66
Histologia e Embriologia II		34
		32
Prática Desportiva II		30
Psicologia Aplicada II		30
Terapia Ocupacional Geral I		
3º	Atividades e Recursos Terapêuticos I	60
	Cinesiologia I	60
	Fisiologia II	60
	Medicina Clínica Cirúrgica Aplicada I	128
	Microbiologia e Imunologia	34
		34
	Prática desportiva III	36
	Terapia Ocupacional Geral II	
	4º	Atividades e Recursos Terapêuticos II
Cinesiologia II		62
E.P.B. I		36
Medicina Clínica Cirúrgica Aplicada II		170
Terapia Ocupacional Aplicada I		94
5º	E.P.B. II	36
	Medicina Cirúrgica Aplicada III	90
	Prótese e Órtese	64
	Terapia Ocupacional II	188

6º	Administração Aplicada Ética e História da Reabilitação Noções de enfermagem Terapia Ocupacional III	30 72 30 276
7º	Estágio Supervisionado em TO	620
8º	Estágio Supervisionado em TO	360

ANEXO D

CURRÍCULO

TERAPIA OCUPACIONAL I – 1985

Faculdade de Ciências da Saúde

CURRÍCULO
Terapia Ocupacional I – 1985

Disciplina	Nº Créd.	DIURNO		NOTURNO	
		Sem	Anual	Sem	Anual
1º Semestre					
Anatomia Humana 1 – 1	4	4	60	4	60
Antropologia – 20	2	2	30	2	30
Ativ. e Rec. Terapêuticos I – 118	4	4	60	4	60
Biofísica – 119	2	2	30	2	30
Biologia – 3	2	2	30	2	30
Cultura Religiosa – 68	2	2	30	2	30
Fisiologia 1 – 120	4	4	60	4	60
Histologia e Embriologia – 69	4	4	60	4	60
Prática Desportiva 1 – 72	2	2	30	2	30
Psicologia I – 122	2	2	30	2	30
Bioquímica – 123	2	2	30	2	30
Métodos e Técnicas da pesquisa – 71	2	2	30	2	30
TOTAL SEM	32	32	480	32	480
2º Semestre					
Anatomia Humana 2 – 11	4	4	60	4	60
Ativ. e Rec. Terapêuticos II – 124	4	4	60	4	60
Cinesiologia I – 14	4	4	60	4	60
Pesquisa Social 1 – 75	2	2	30	2	30
Fisiologia 2 – 125	2	2	30	2	30
Fundam. Da Terapia Ocupacional – 126	2	2	30	2	30
Microbiologia e Imunologia – 127	2	2	30	2	30
Patologia Geral – 151	2	2	30	2	30
Prática Desportiva 2 – 152	2	2	30	2	30
Primeiros Socorros – 77	2	2	30	2	30
Psicologia II – 128	2	2	30	2	30
Sociologia – 79	2	2	30	2	30
TOTAL SEM	30	30	450	30	450
3º Semestre					
Ativ. e Rec. Terapêuticos III – 129	4	4	60	4	60
Bases Met. Tec. Aval. Ter. Ocup. – 130	2	2	30	2	30
Pesquisa Social 2 – 81	2	2	30	2	30
Fund. Méd. Clínica Cirúrgica – 131	2	2	30	2	30
Met. da Terapia Ocupacional – 132	4	4	60	4	60
Neurologia – 133	4	4	60	4	60
Ortopedia – 134	4	4	60	4	60
Patologia de Órgãos e Sistemas – 135	4	4	60	4	60
Psicologia III – 136	2	2	30	2	30
Saúde Pública – 78	2	2	30	2	30
Cinesiologia II – 22	4	4	60	4	60
TOTAL SEM	34	34	510	34	510
4º Semestre					
Adm. em Terapia Ocupacional – 137	2	2	30	2	30
Dermatologia – 138	2	2	30	2	30
Estatística – 88	2	2	30	2	30
Pneumologia – 139	4	4	60	4	60

Psicomotricidade – 42	4	4	60	4	60
Psiquiatria – 140	6	6	90	6	90
Reumatologia – 141	4	4	60	4	60
Ter. Ocup. Aplic. Neuro/Ortopedia – 142	8	8	120	8	120
TOTAL SEM	32	32	480	32	480
5º Semestre					
Cardiologia – 143	2	2	30	2	30
Prótese e Órtese – 144	4	4	60	4	60
TO Apl. a Disfunções Sensoriais – 145	8	8	120	8	120
TO Apl. a Problemas Sociais – 146	6	6	90	6	90
TO Apl. a Saúde Mental Psiquiat – 147	10	10	150	10	150
TOTAL SEM	30	30	450	30	450
6º Semestre					
Ética e Deontologia – 111	2	2	30	2	30
TO Apl. Gerontologia e Geriatria - 153	10	10	150	10	150
TO Apl. a Deficiência Mental – 154	10	10	150	10	150
TO Apl. a Patologias Diversas – 155	8	8	120	8	120
TOTAL SEM	30	30	450	30	450
7º Semestre					
Prática de TO Supervisionada 1 – 148	30	30	450	30	450
Seminário I – 113	4	4	60	4	60
TOTAL SEM	34	34	510	34	510
8º Semestre					
Prática de TO Supervisionada 2 – 149	30	30	450	30	450
Seminário II – 115	4	4	60	4	60
TOTAL SEM	34	34	510	34	510
TOTAL CURSO	256	256	3840	256	3840

ANEXO E

MATRIZ CURRICULAR TERAPIA OCUPACIONAL II

Matriz curricular Terapia Ocupacional II (2000- em extinção)

SEM.	DISCIPLINA	C.H. TEÓRICA	C.H. PRÁTICA	C.H. TOTAL	Total
1	ANATOMIA I	36	18	54	
	ANTROPOLOGIA I	36		36	
	ART I	18	18	36	
	BIOLOGIA	36		36	
	CULTURA RELIGIOSA	36		36	
	SOCIOLOGIA I	36		36	
	HISTÓRIA DA T.O	36		36	
	PSICOLOGIA I	36		36	
	HISTOFISIOLOGIA I	36		36	
	FUNDAMENTOS DE T.O	36		36	
	RECREAÇÃO E LAZER	36		36	
	PRIMEIROS SOCORROS	36		36	
	TEORIAS DA APRENDIZAGEM	36		36	
					486
2	ANATOMIA II	36	18	54	
	ANTROPOLOGIA II	36		36	
	ART II	18	18	36	
	BIOFÍSICA E QUÍMICA	54		54	
	SEMILOGIA I	36		36	
	SOCIOLOGIA II	36		36	
	METODOLOGIA DA T.O I	36		36	
	PSICOLOGIA II	36		36	
	HISTOFISIOLOGIA II	36		36	
	METODOLOGIA DA PESQUISA SOCIAL I	36		36	
	ÉTICA	36		36	
	SAÚDE PÚBLICA E COMUNITÁRIA	36		36	
	ESTUDO DA OCUPAÇÃO HUMANA	36		36	
	Total				504
3	SEMILOGIA II	36		36	
	CINESIOLOGIA I	36		36	

	METODOLOGIA DA PESQUISA SOCIAL II	36		36	
	METODOLOGIA DA T.O II	36		36	
	PSICOLOGIA III	36		36	
	ARTIII	36		36	
	PROCESSOS GRUPAIS I	36		36	
	T.O NOS PROCESSOS DE SAÚDE OCUPACIONAL	54	36	90	
	T. O NOS PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO I	90	54	144	
	Total				486
4	PROCESSOS GRUPAIS II	36		36	
	CINESIOLOGIA II	54		54	
	MICRO IMUNOLOGIA	36		36	
	ART IV	18	18	36	
	FARMACOLOGIA	36		36	
	T.O NOS PROCESSOS CLÍNICOS I	72	54	126	
	TERAPÊUTICA OCUPACIONAL NOS PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO II	72	36	108	
	ADMINISTRAÇÃO EM T.O	36		36	
	Total				468
5	ART V	18	18	36	
	TERAPÊUTICA OCUPACIONAL NOS PROCESSOS CLÍNICOS II	72	36	108	
	TERAPÊUTICA OCUPACIONAL NOS PROCESSOS SOCIAIS E SAÚDE MENTAL I	90	54	144	
	TERAPÊUTICA OCUPACIONAL NOS PROCESSOS CLÍNICOS III	90	54	144	
	Total				432
6	ART VI	18	36	54	
	TERAPÊUTICA OCUPACIONAL NOS PROCESSOS SOCIAIS E SAÚDE MENTAL II	90	54	144	
	T.O NOS PROCESSOS CLÍNICOS IV	90	54	144	
	DEONTOLOGIA	36		36	
	ESTATÍSTICA	36		36	
	Total				000
7	PRÁTICA SUPERVISIONADA I		504	504	
	SEMINÁRIO I	36		36	
	Total				540
8	PRÁTICA SUPERVISIONADA II		504	504	

	SEMINÁRIO II	36		36	
	Total				540
	Atividades complementares				000
	TOTAL				

ANEXO F

MATRIZ CURRICULAR TERAPIA OCUPACIONAL III

Matriz Curricular Terapia Ocupacional III (2006)

1º SEMESTRE	H/A	CRED	TOTAL
ANATOMIA I	72	4	
ANTROPOLOGIA	36	2	
SAÚDE COLETIVA	36	2	
ATIVIDADES E RECURSOS TERAPÊUTICOS I	36	2	
SOCIOLOGIA GERAL	36	2	
HISTÓRIA E FUNDAMENTOS DA T.O.	72	4	
FISIOLOGIA GERAL	36	2	
PRIMEIROS SOCORROS	36	2	360
2º SEMESTRE			
PSICOLOGIA I	36	2	
ATIVIDADES E RECURSOS TERAPEUTICOS II	72	4	
METODOLOGIA DA T.O I	72	4	
SEMILOGIA	36	2	
ANATOMIA II	36	2	
CULTURA RELIGIOSA	36	2	
ÉTICA	36	2	
BIOFISICA E QUIMIMICA	36	2	360
3º SEMESTRE			
ATIVIDADES E RECURSOS TERAPEUTICOS III	36	2	
METODOLOGIA DA T.O II	36	2	
ESTUDO DA OCUPAÇÃO HUMANA	36	2	
CINESIOLOGIA I	72	4	
BIOESTATISTICA	36	2	
EPIDEMIOLOGIA	72	4	
PROCESSOS GRUPAIS	36	2	
FARMACOLOGIA	36	2	
MICRO IMUNOLOGIA	36	2	
PSICOLOGIA II	36	2	432
4º SEMESTRE			
ATIVIDADE E RECURSOS TERAPEUTICOS IV	36	2	

CINESIOLOGIA I I	36	2	
METODOLOGIA DA PESQUISA SOCIAL	36	2	
T.O NOS PROCESSOS CLÍNICOS I	108	8	
T.O NOS PROCESSOS DE SAÚDE OCUPACIONAL	72	4	
T. O NOS PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO I	108	8	
ATIVIDADES RECURSOS TERAPEUTICOS V	36	2	396
5º SEMESTRE			
T O NOS PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO II	72	4	
TERAPÊUTICA OCUPACIONAL NOS PROCESSOS CLÍNICOS II	72	4	
ATIVIDADES RECURSOS TERAPEUTICOS V I	72	4	
TERAP.OCUPACIONAL PROC. SOCIAIS E SAÚDE MENTAL I	108	8	
T.O NOS PROCESSOS CLÍNICOS I I I	108	8	432
6º SEMESTRE			
TERAP OCUPACIONAL PROC SOCIAIS E SAÚDE MENTAL II	72	4	
PLANEJAMENTO E GESTÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL	36	2	
PRÁTICA SUPERVISIONADA I	324	18	424
7º SEMESTRE			
PRÁTICA SUPERVISIONADA I	360	20	
SEMINÁRIO I	36	2	396
8º SEMESTRE			
PRÁTICA SUPERVISIONADA II	360	20	
SEMINÁRIO II	36	2	396

